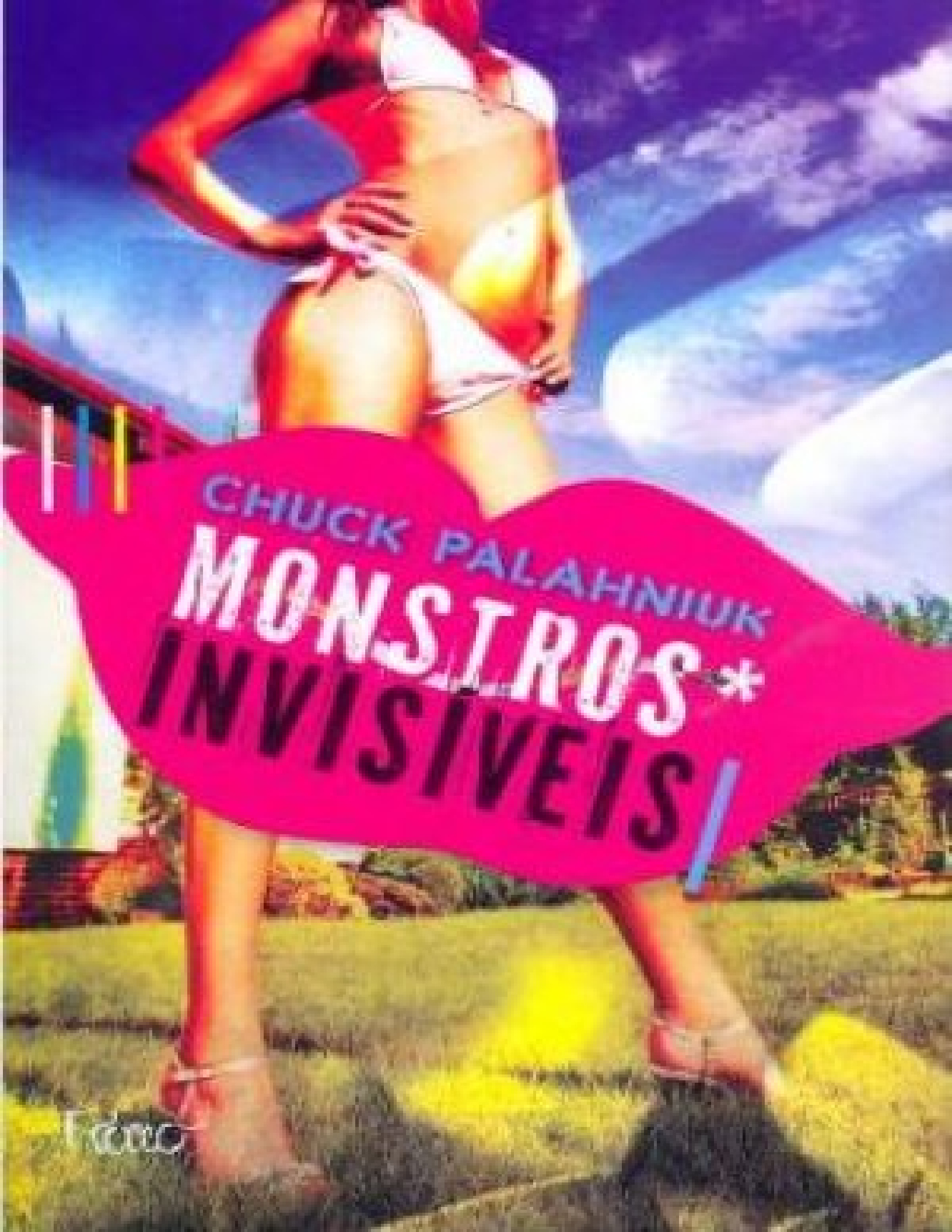
CHUCK PALAHNIUK
MONSTROS INVISÍVEIS

Título original
INVISIBLE MONSTERS
Copyright © 1999 by Chuck Palahniuk
Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA. Av. Presidente Wilson, 231 8° andar 20030-021 Rio de Janeiro R] Tel.: (21) 3525-2000 Fax: (21) 3525-2001
rocco
rocco.com.br www.rocco.com.br
Printed in Brazil/Impresso no Brasil
preparação de originais AMANDA ORLANDO
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte. Sindicato Nacional dos Editores de livros, R].
P 1 78 m Palahniuk, Chuck
Monstros invisíveis/Chuck Palahniuk; tradução de Paulo Reis e Sergio Moraes Rego. Rio de Janeiro: Rocco, 2009
Tradução de: Invisible monsters ISBN 978-85-325-241 1-9 1. Ficção norte-americana.]. Reis, Paulo. II. Reis. Sergio Moraes. Ill. Título. 09-0369
CDD 813 CDU 821.11103)-3

CAPÍTULO UM

Imagine que você está numa grande recepção de casamento em West Hills: uma enorme mansão com arranjos de flores e pufes estofados por toda a casa. Isso é o que se chama ambientação de cena: onde todo mundo está, quem está vivo, quem está morto. É o grande momento da recepção de casamento de Evie Cottrell. Ela está parada no meio da escadaria do saguão da mansão, nua dentro do que sobrou de seu vestido de noiva, ainda com o fuzil na mão.

Já eu estou parada ao pé da escada, mas apenas na acepção física. Minha mente está não sei onde.

Ninguém ainda está completamente morto, mas digamos que a hora se aproxima.

Além disso, ninguém nesse dramalhão é uma pessoa real e viva. Tudo na aparência de Evie Cottrell faz lembrar um comercial televisivo de xampu orgânico, só que seu vestido de noiva queimou totalmente. Sobraram apenas os aros da saia em torno dos quadris e os pequenos esqueletos de arame de todas as flores de seda que enfeitavam o cabelo de Evie. E o seu cabelo louro... aquele grande arco-íris repuxado para trás e armado com laquê em todas as nuanças de louro... bem, o cabelo de Evie também foi queimado.

A única outra personagem aqui é Brandy Alexander, que está caída ao pé da escada, baleada com um tiro de fuzil e sangrando até a morte.

Eu digo a mim mesma que aquela coisa vermelha jorrando do buraco de bala em Brandy nem parece sangue, e sim algum instrumento sociopolítico. Esse negócio de ser clone de algum comercial de xampu também vale para mim e Brandy Alexander. Dar um tiro em alguém neste saguão seria o equivalente moral de matar um carro, um aspirador de pó ou uma boneca Barbie. De apagar um disco de computador. Ou de queimar um livro. Provavelmente, isso vale para matar qualquer um no mundo. Nós não passamos de produtos.

Brandy Alexander, a suprema rainha de pernas longas das garotas de primeira linha, está pondo as entranhas para fora através de um buraco de bala no seu incrível paletó. O conjunto é um Bob Mackie branco que Brandy comprou em Seattle, com uma saia apertada que deixa sua bunda com o formato de um coração perfeito. Nem dava para acreditar no preço daquele conjunto. O lucro é de cerca de um zilhão por cento. O paletó do conjunto tem um saiote curto, com lapelas e ombreiras largas. O corte é simétrico, a não ser pelo buraco de onde jorra sangue.

Então Evie começa a soluçar, parada no meio da escadaria. Evie, o vírus mortífero do momento. Com essa deixa, todos nós olhamos para ela. Pobre e triste Evie. Sem cabelo, coberta de cinzas e encerrada na gaiola de arame da saia queimada. Então Evie deixa cair o fuzil. Com o rosto sujo nas mãos sujas, ela senta e começa a choramingar, como se chorar resolvesse alguma coisa. A arma, que é um fuzil calibre trinta carregado, desce batendo pelos degraus e desliza pelo assoalho do salão. Fica rodopiando de lado, apontando para mim, apontando para Brandy e apontando para Evie, que chora.

Não é que eu seja uma cobaia de laboratório, distante e condicionada a ignorar a violência. Meu primeiro instinto, porém, é pensar que talvez não seja tarde demais para jogar água com gás na mancha de sangue.

Até agora passei a maior parte de minha vida adulta parada num cenário por um punhado de dólares a hora, exibindo roupas e sapatos, com o cabelo penteado, enquanto um famoso fotógrafo de moda me dizia o que eu devia sentir.

Ele gritando: Quero luxúria, gata!

Flash.

Quero malícia.

Flash.

Quero fastio existencialista distante.

Flash.

Quero intelectualismo extravagante como mecanismo de defesa.

Flash

Provavelmente é o choque de ver minha pior inimiga atirar na minha outra pior inimiga. Bum! e surge uma situação vencer ou vencer. A companhia de Brandy já me deixou à vontade com o drama.

Só parece que estou chorando quando enfio o lenço debaixo do véu para poder respirar através do pano. É para filtrar o ar, pois quase não se pode respirar com toda a fumaça. A mansão de Evie está queimando ao redor de nós.

Eu ajoelho ao lado de Brandy. Se metesse a mão em qualquer lugar do meu vestido, acharia pílulas de Darvon, de Demerol e de Darvocet 100. Essa deixa faz todo mundo olhar para mim. Meu vestido é uma cópia do Sudário de Turim, com a maior parte em marrom e branco, pregueado e cortado para fazer os brilhantes botões vermelhos abotoarem no lugar dos estigmas. Eu também estou usando um véu feito de metros e metros de

organza preta, enrolado em torno do rosto e enfeitado com estrelinhas de cristal austríaco lapidadas à mão. Não dá para dizer como é o meu rosto, mas a ideia é justamente essa. A aparência é elegante e sacrílega. Faz com que eu me sinta sagrada e imoral.

Alta-costura, e cada vez mais alta.

O fogo vai avançando pelo papel de parede do salão, Para acrescentar efeitos à ambientação, eu iniciei o incêndio, Os efeitos especiais são importantes para realçar um estado de espírito, e esta casa nem é real. O que está ardendo aqui é a recriação de uma casa de época, copiada da cópia de uma cópia de uma cópia de uma falsa mansão em estilo Tudor. São cem gerações afastadas de qualquer coisa original, mas a verdade é... isso não acontece com todos nós?

Pouco antes de Evie descer a escada berrando e balear Brandy Alexander, eu derramei quase cinco litros de Chanel N°5 e encostei no líquido um convite matrimonial já em chamas. Bum! É reciclagem.

É engraçado, mas, quando a gente pensa bem, até o incêndio mais trágico não passa de uma reação química sustentada. A oxidação de Joana D'Arc.

Ainda rodopiando pelo chão, o fuzil aponta para mim, aponta para Brandy.

Outra coisa: por mais que você ache que ama uma pessoa, vai recuar quando a poça de sangue dela se aproximar demais de você.

Apesar de todos esses eventos dramáticos, o dia está realmente lindo e ensolarado. A porta da varanda está aberta, com vista para o gramado lá fora. O fogo nos andares superiores traz o cheiro quente da grama recém-cortada para o saguão, e é possível ouvir os convidados do casamento lá fora. Todos pegaram os presentes que queriam. Levando os cristais e a prataria, foram para o gramado esperar a chegada dos bombeiros e dos paramédicos.

Brandy abre uma das enormes mãos cheias de anéis e toca o buraco por onde jorra sangue no piso de mármore.

— Merda. De jeito maneira a Bon Marché vai aceitar esse conjunto de volta — diz ela.

Evie tira as mãos do rosto borrado por marcas de dedos, fuligem, meleca e lágrimas, berrando:

— Eu odeio essa minha vida chata!

Depois grita para Brandy lá embaixo:

— Guarda uma mesa perto da janela para mim lá no inferno!

As lágrimas abrem sulcos claros nas maçãs do rosto dela, que berra:

— Amiga! Você também precisa berrar comigo!

Como se não bastasse tanto drama, Brandy ergue o olhar para mim, ajoelhada ali ao lado. Arregalando ao máximo os olhos purpúreos, ela pergunta:

— Brandy Alexander vai morrer agora?

Evie, Brandy e eu, tudo isso não passa de uma luta pelos refletores. Cada uma de nós quer ser o centro das atenções. A assassina, a vítima, a testemunha, cada uma de nós pensa que é a protagonista.

Provavelmente, isso vale para qualquer pessoa no mundo.

Tudo é *espelho*, *espelho meu*, porque beleza é poder, assim como dinheiro é poder, e assim como uma arma é poder.

Ás vezes vejo no jornal a foto de alguém com vinte anos, sequestrada, sodomizada, roubada e depois morta. Ao lado, na primeira página, está uma foto dela jovem e sorridente. Em vez de me impressionar com a tristeza de um crime como esse, minha reação instintiva é: Uau, ela seria muito gostosa se n

Ás vezes vejo no jornal a foto de alguém com vinte anos, sequestrada, sodomizada, roubada e depois morta. Ao lado, na primeira página, está uma foto dela jovem e sorridente. Em vez de me impressionar com a tristeza de um crime como esse, minha reação instintiva é: Uau, ela seria muito gostosa se não tivesse um nariz tão grande. Minha segunda reação é: Acho bom ter à mão umas fotos de cabeça e ombros, caso eu seja sequestrada e sodomizada até a morte. Minha terceira reação é: Pelo menos, isso diminui a competição.

Como se não bastasse, o umidificador que eu uso é uma suspensão de sólidos fetais inertes em óleo mineral hidrogenado. Quero dizer o seguinte: para ser sincera, toda a minha vida gira em torno de mim mesma.

A menos que o taxímetro esteja ligado e algum fotógrafo grite: Quero empatia.

Depois vem o clarão da luz estroboscópica.

Quero solidariedade.

Flash.

Quero honestidade brutal.

Flash.

— Não me deixe morrer aqui nesse chão — diz Brandy, estendendo as mãos enormes para me agarrar. — Meu cabelo vai ficar achatado na nuca.

Quero dizer o seguinte: eu sei que Brandy provavelmente vai morrer, mas não consigo me ligar no lance.

Evie soluça mais alto ainda. Além de tudo isso, as sirenes dos bombeiros lá fora estão me coroando Rainha da Enxaqueca.

O fuzil continua rodopiando no chão, mas cada vez mais devagar.

— Não é assim que Brandy Alexander queria que sua vida se esvaísse — Brandy diz. — Primeiro ela devia ficar famosa. Você sabe, ela devia aparecer nua na televisão no intervalo do Super Bowl, bebendo um refrigerante diet em câmera lenta, antes de morrer.

O fuzil para de rodopiar, sem apontar para ninguém.

Enquanto Evie soluça, Brandy berra:

— Cale a boca!

— Cale a boca você! — grita Evie de volta. Por trás dela, o fogo vem descendo pelo carpete da escadaria.

Dá para ouvir o som das sirenes cruzando e uivando por toda West Hills. As pessoas se atropelam para discar 911 e alguém virar o grande herói. Ninguém parece estar pronto para a grande equipe de televisão que deve chegar a qualquer momento.

— É a sua última chance, meu bem — diz Brandy, enquanto seu sangue se espalha por toda parte. — Você me ama?

Quando alguém faz esse tipo de pergunta, nós perdemos espaço sob o refletor.

É assim que alguém nos empurra para o papel de melhor coadjuvante.

Ainda maior do que o incêndio na casa é a enorme expectativa de precisar dizer as três palavras mais gastas que se podem encontrar em qualquer roteiro. Só essas palavras já me dão a sensação de estar me dedando severamente. Mas são apenas palavras. Impotentes. Vocabulário. Diálogo.

— Fale para mim — Brandy insiste. — Você me ama? Ama de verdade?

Foi com essa enorme canastrice que Brandy viveu toda a sua existência. O teatro Brandy Alexander, de ação viva, contínua e sem pausas. No momento, porém, cada vez mais sem vida.

Só para fazer uma encenação, eu seguro a mão de Brandy. É um gesto bonito, mas eu piro com toda a ameaça de infecção sanguínea. Então, bum!

O teto da sala de jantar desaba. Fagulhas e brasas voam em nossa direção, vindas da porta.

— Se você não pode me amar, conte minha vida para mim — diz Brandy. — Uma garota não pode morrer sem ver sua vida passar diante dos olhos.

Quase ninguém está conseguindo satisfazer suas carência emocionais.

É nesse momento que o fogo consome o carpete da escadaria até a bunda nua de Evie, que grita e desce correndo. Os sapatos de salto alto brancos estão queimados. Nua e careca, trajando arame e cinzas, Evie Cottrell sai correndo porta afora. Ela dá de cara com uma plateia maior ainda: os convidados do seu casamento, as pratarias, os cristais e os carros dos bombeiros que se aproximam. É nesse mundo que Vivemos. As condições mudam, e nós nos transformamos.

Portanto, é claro que será uma história sobre Brandy, ancorada por mim, tendo como convidados Evelyn Cottrell e o mortífero vírus da AIDS. Brandy, Brandy, Brandy. Pobre e triste Brandy. Deitada de costas, ela toca o buraco por onde sua vida se esvai sobre o mármore, dizendo:

— Por favor, conte a minha vida. Diga como nós chegamos aqui.

Portanto, eu só estou aqui comendo fumaça para documentar esse momento de Brandy Alexander.

Quero atenção.

Flash.

Quero adoração.

Flash.

Quero um intervalo.

Flash.

CAPÍTULO DOIS

Não espere que esta história seja do tipo que vai: então, e então, e então.

O que acontece aqui terá mais aquele jeito de revista de moda, o caos de uma *Vogue* ou *Glamour*, com as páginas numeradas de duas em duas, cinco em cinco ou três em três. Cartelas perfumadas caindo da revista e páginas inteiras com mulheres nuas saindo do nada para vender cosméticos.

Não procure uma página com sumário, enterrada vinte páginas a partir da primeira, ao estilo das revistas. Não espere descobrir coisa alguma logo de cara. Também não há padrão algum, na verdade. As histórias podem começar, e então, três parágrafos depois:

Corta para a página tal.

Depois, corta de volta.

É como ter dez mil peças de roupa da moda, que se misturam e combinam para criar, talvez, cinco conjuntos elegantes. Um milhão de acessórios, echarpes, cintos, sapatos, chapéus e luvas, mas nenhuma roupa real para usar com isso.

E você realmente precisa se acostumar com essa sensação, aqui, no trânsito, no trabalho ou no seu casamento. É nesse mundo que vivemos. Simplesmente siga as deixas

Corta para vinte anos atrás: a casa branca onde fui criada, enquanto meu pai filma em super-8 meu irmão e eu correndo pelo jardim.

Corta para a época atual: meus pais sentados em cadeiras de jardim à noite, vendo os mesmos filmes super-8 projetados na parede branca da mesma casa branca, vinte anos mais tarde. A casa é a mesma, o jardim é o mesmo, as janelas projetadas nos filmes se alinham exatamente com as janelas reais, e o gramado dos filmes se alinha com o gramado real. Meu irmão e eu aparecemos no filme ainda bem pequeninos, correndo alucinadamente diante da câmera.

Corta para meu irmão: totalmente infeliz e morto pela grande praga da AIDS.

Corta para mim: já adulta e apaixonada por um detetive de polícia, prestes a virar uma supermodelo famosa.

Só lembre que, tal como numa espetacular revista Vogue, pouco importa a precisão com que você siga os pulos.

Continua na página tal e tal.

Pouco importa o cuidado que se tenha: você terá a sensação de que perdeu algo, uma sensação entranhada sob sua pele de que você não vivenciou tudo. Há sempre a sensação de um coração prostrado, de que você passou voando pelos momentos em que deveria estar prestando atenção.

Pode ir se acostumando com essa sensação. Um dia, você verá toda a sua vida assim.

Tudo isto é um treino. Nada disto importa. Estamos só no aquecimento.

Corta para aqui e agora, com Brandy Alexander sangrando até a morte no chão, enquanto eu, ajoelhada ali ao lado, como esta história antes da chegada dos paramédicos.

Corta para trás: poucos dias antes, na sala de visitas de uma casa rica em Vancouver, Colúmbia Britânica. O aposento tem as paredes revestidas por painéis de mogno entalhado em estilo rococó, com rodapés e piso de mármore. Há uma lareira também de mármore com arabescos entalhados. Em casas ricas onde moram velhos ricos, tudo é exatamente como você esperaria.

Os lírios nos vasos esmaltados são verdadeiros, não de seda. As cortinas de cor creme são de seda, não de algodão lustrado. O mogno não é pinho tingido para parecer mogno. Não há candelabros de vidro comprimido fingindo ser de cristal lapidado. O couro não é vinil.

Em torno de nós há vários conjuntos de cadeira-sofá-cadeira em estilo Luís XIV.

Diante de nós está outra inocente corretora de imóveis. Estendendo a mão cheia de ossos, veias, juntas enfileiradas, dedos enrugados, anéis com pedras ovaladas numa confusão verde e vermelha, e unhas de porcelana pintadas de cor-de-rosa cintilante, Brandy diz:

— Encantada, decerto.

Se você precisa começar por um detalhe qualquer, comece pelas mãos de Brandy. Enfeitadas de anéis para parecerem ainda maiores, as mãos dela são enormes. Repletas de anéis, como se pudessem ser ainda mais óbvias,

as mãos são as únicas partes de Brandy Alexander que os cirurgiões não podiam modificar.

Portanto, Brandy nem tenta esconder as mãos.

Nós já estivemos em tantas casas desse tipo que eu perdi a conta, e os corretores que encontramos vivem sorrindo.

Essa aqui está usando o uniforme padrão: conjunto azul-marinho com echarpe vermelha, branca e azul no pescoço. Nos pés, os sapatos de saltos azuis, e a bolsa azul está pendurada na curva do braço.

A corretora desvia o olhar da enorme mão de Brandy Alexander para o Signore Alfa Romeo, parado ao lado de Brandy. Os olhos azul-pólvora de Alfa se ligam a ela. São olhos azuis que nunca fecham ou se desviam. Dentro desses olhos está o bebê ou o buquê de flores, lindo ou vulnerável, que torna seguro amar um homem bonito.

Numa viagem de carro que já dura um ano, Alfa é apenas o mais recente exemplar de homens obcecados por Brandy. E qualquer mulher inteligente sabe que um homem bonito é seu acessório mais elegante. Tal como se apresentasse um novo modelo de carro ou uma torradeira, a mão de Brandy traça no ar uma linha imaginária que vai de seu próprio sorriso e seus peitões até Alfa.

— Permita que eu apresente o Signore Alfa Romeo, consorte masculino profissional da princesa Brandy Alexander — diz ela.

Do mesmo jeito, a mão de Brandy traça uma linha invisível que vai de seus cílios tremelicantes e seu cabelo abundante até mim.

A corretora de imóveis só vai ver os meus véus: musselina e veludo com bordado aberto, marrom e vermelho, tule bordado de prata. São tantas camadas que parece não haver ninguém ali dentro. Não há o que examinar em mim, de modo que a maioria das pessoas nem tenta. É um olhar que diz:

Obrigado por não compartilhar isso.

— Permita que eu apresente a srta. Kay MacIsaac, secretária pessoal da princesa Brandy Alexander — continua Brandy.

No conjunto azul de dourados botões Chanel, com a echarpe enrolada no pescoço para esconder as pelancas, a corretora sorri para Alfa.

Quando ninguém olha para você, seu olhar consegue abrir um buraco nas pessoas. Dá para notar todos os pequenos detalhes que você nunca teria tempo para perceber, caso a pessoa devolvesse o seu olhar. E essa é a sua vingança. Através dos meus véus, a figura da corretora tinha um brilho vermelho e dourado, embaçado nas bordas.

— A srta. MacIsaac é muda, não consegue falar. — A enorme mão de Brandy ainda está aberta na minha direção.

Com batom nos dentes, camadas de maquiagem disfarçando as rugas sob os olhos, dentes *prêt-à-porter* e peruca lavável à máquina, a corretora sorri para Brandy Alexander.

Brandy curva a enorme mão cheia de anéis para tocar os próprios seios empinados.

— E esta...

Ela curva a mão para tocar as pérolas no seu pescoço.

— Esta...

Ela ergue a enorme mão para tocar o volume da ondulante cabeleira acobreada.

— Esta...

Depois encosta a mão nos grossos lábios úmidos.

— Esta... é a princesa Brandy Alexander.

A corretora dobra um dos joelhos, num gesto que fica entre uma reverência e aquilo que se faz diante de um altar. Genuflexão.

— É uma grande honra — diz ela. — Tenho certeza de que esta é a casa que lhes convém. É simplesmente adorável.

Como a piranha gélida que é, Brandy só balança a cabeça e vira para o vestíbulo.

— Sua Alteza e a srta. MacIsaac gostariam de percorrer a casa sozinhas — explica Alfa, agitando as mãos pequenas — Enquanto isso, eu e você podemos discutir detalhes como... a transferência de fundos... e o câmbio de liras por dólares canadenses.

— Torpedos — diz a corretora.

Brandy, Alfa e eu ficamos paralisados. Talvez a mulher tenha percebido quem nós somos, na realidade. Depois de meses percorrendo a estrada e visitando dezenas de mansões, talvez nosso golpe tenha finalmente sido descoberto por alguém.

—Torpedos — repete a mulher, fazendo outra genuflexão e metendo a mão na bolsa azul. — Vou mostrar para vocês. Nós chamamos os dólares canadenses de “torpedos”, porque as notas têm a figura de um pássaro chamado mergulhão.

Eu e Brandy nos tornamos novamente gélidas e começamos a voltar para o vestíbulo. Passamos outra vez pelos conjuntos de cadeira-sofá-cadeira e pelo mármore entalhado. Nos painéis de mogno, nossos reflexos

parecem borrados, baços e distorcidos devido à fumaça de charutos acumulada ali ao longo da existência. Vou seguindo a princesa Brandy Alexander rumo ao vestíbulo, enquanto a voz de Alfa prende a atenção da corretora de conjunto azul com perguntas sobre o ângulo do sol matinal na sala de jantar e se o governo da província permitirá a construção de um heliporto particular atrás da piscina.

Na direção das escadas lá vão as costas elegantes da princesa Brandy, com um casaco de raposa prateada sobre os ombros 6 metros de uma echarpe de brocado de seda amarrados em torno da ondulante cabeleira acobreada. A voz da rainha suprema e a fragância de L'Air du Temps são o rastro invisível de tudo que constitui o mundo de Brandy Alexander.

A ondulante cabeleira acobreada envolta na echarpe de brocado de seda me faz lembrar um pão doce. Um grande bolo de cereja. É como uma nuvem de morango em forma de cogumelo se elevando sobre um atol no Pacífico.

Os dois pés da princesa estão presos numa espécie de armadilhas de pernas, feitas de lamê dourado com pequenas tiras e correntes também douradas. São esses pés de ouro presos em armadilhas, com saltos pontudos, que sobem o primeiro dos cerca de trezentos degraus que levam do vestíbulo ao segundo andar. Depois ela sobe o degrau seguinte, e o próximo, até alcançar uma distância suficiente para se arriscar a olhar para trás. Só então ela virará todo o bolo de cereja de sua cabeça. Silhuetados, os seios de Brandy Alexander parecem dois grandes torpedos, com a beleza muda daquela boca profissional num rosto pleno.

— A proprietária desta casa é muito velha e suplementa seus hormônios — diz Brandy. — Ela ainda mora aqui.

O carpete é tão grosso sob os meus pés que parece que eu estou numa ladeira de terra. Um passo depois do outro, frouxo, escorregadio e instável. Brandy, Alfa e eu estamos falando inglês como segunda língua há tanto tempo que já esquecemos que é a nossa primeira.

Eu não tenho língua nativa.

Ao nível dos olhos, vemos as pedras sujas de um candelabro escuro. Do outro lado do corrimão, o assoalho de mármore cinzento do vestíbulo nos dá a impressão de que subimos uma escadaria atravessando nuvens. Degrau por degrau. Ao longe prossegue a conversa insistente de Alfa, sobre adegas de vinho e canis para os cães de caça russos. O falatório com que Alfa prende a atenção da corretora parece distante feito um programa de

rádio vindo do espaço sideral. Suas palavras quentes e sombrias sobem até o lugar onde estamos, dizendo:

— A princesa Brandy Alexander... é capaz de tirar a roupa... e gritar como cavalos selvagens... até num restaurante cheio de gente...

Envoltos em L'Air du Temps, a voz e os lábios azulados da rainha suprema informam:

— Na próxima casa, o Alfa bancará o mudo.

Enquanto isso, Alfa diz para a corretora: — Seus seios... você tem seios de uma jovem...

Entre nós não sobrou uma só língua nativa.

Corta para nós: já no andar de cima.

Corta para agora: qualquer coisa é possível.

Depois que a corretora cair vítima dos olhos azuis do Signore Alfa Romeu, corta para o começo do verdadeiro golpe. A suíte principal da casa sempre fica no fim do corredor em direção à melhor vista. O banheiro privativo é revestido de espelhos rosados em todas as paredes, até o teto. Eu e a princesa Brandy estamos por toda parte, refletidas em cada superfície. Dá para ver Brandy sentada na bancada cor-de-rosa ao lado da pia e eu sentada do outro lado.

Cada uma de nós duas está sentada num dos lados de todas as pias em todos os espelhos. Há simplesmente Brandys Alexanders demais para serem contadas, e todas elas são minhas chefes. Todas abrem suas pequenas bolsas brancas de pele de bezerro, e centenas daquelas enormes mãos ornadas de anéis de Brandy Alexander tiram exemplares novos *do Guia de Referência para Médicos* com sua capa vermelha, grosso como uma Bíblia.

Todas as centenas de olhos com sombra azulada olham para mim em toda parte do banheiro.

— Você já conhece a rotina — declaram todas as centenas de bocas, enquanto as mãos enormes começam a abrir gavetas e armários. — Lembre onde pegou cada coisa e ponha de volta exatamente como encontrou. Vamos cuidar das drogas primeiro, e depois da maquiagem. Agora comece a caçar.

Eu pego o primeiro frasco. E de Valium, e eu o seguro para que todas as cem Brandys possam ler o rótulo.

— Pegue o que dê para disfarçar e vá para o próximo frasco — diz Brandy.

Acrescento algumas das pequenas pílulas azuis a outros Valiums já num compartimento da minha bolsa. No frasco seguinte, encontro Darvons.

— Meu bem, essas são um paraíso dentro da sua boca — comentam todas as Brandys, erguendo o olhar para ver o frasco que estou segurando. — Será que é seguro levar demais?

A data no rótulo mostra que resta apenas um mês de validade, e o frasco ainda está quase cheio. Calculo que podemos levar metade.

— Aqui — Uma enorme mão cheia de anéis chega até mim vinda de todas as direções. Uma centena de mãos enormes se estendem para mim com a palma para cima. — Dê algumas para Brandy. A princesa está outra vez com dor na base da coluna.

Lanço dez cápsulas para fora, e uma centena de mãos jogam mil tranquilizantes no tapete da língua vermelha daquelas bocas. Uma carga suicida de Darvon desliza para o sombrio interior dos continentes que constituem o mundo de Brandy Alexander.

Dentro do frasco seguinte há os pequenos ovos roxos com 2,5 miligramas de Uregrav.

Essa é a abreviatura de Urina de Égua Grávida, relativa a milhares de éguas infelizes da Dakota do Norte e da região central do Canadá. Lá elas são forçadas a ficar de pé em pequenas baias escuras, com um cateter metido no corpo para coletar cada gota de urina. Só podem sair dali para serem fodidas de novo. O mais engraçado é que isso descreve bastante bem qualquer longa estada num hospital, mas somente na minha própria experiência.

— Não olhe para mim desse jeito — diz Brandy. — Mesmo que eu não tome essas pílulas, nenhum potro vai voltar do mundo dos mortos.

No frasco seguinte há pequenos tabletes redondos e estriados, cor de pêssego, com 100 miligramas de Aldactone. Nossa proprietária deve ser viciada em hormônios femininos.

Já que praticamente só se alimenta de anestésicos e estrogênio, Brandy pede:

— Dá para mim, dá para mim, dá para mim.

Ela engole umas pequenas pílulas cor-de-rosa de Estinyl. Depois devora alguns tabletes azul-turquesa de Estrace. E está usando o Premarin vaginal como creme para as mãos, ao dizer:

— Srta. Kay? Acho que não consigo fechar a mão, meu bem. Você acha que pode embrulhar as coisas sem mim, enquanto eu deito um pouco?

As centenas das minhas clones no espelho cor-de-rosa do banheiro conferem juntas os cosméticos, enquanto a princesa vai tirar uma soneca na gloriosa cama com dossel antigo cor de repolho rosa da suíte principal. Encontro Darvocets, Percodans, Compazines, Nembutals e Percocets. Estrogênio oral. Antiandrogênio. Progesterona. Compressas de estrogênio transdérmico. Não encontro maquiagem nas cores de Brandy. Não há blush Rosa-Ferrugem. Nem sombra para olhos Azul-Ardente. Acho um vibrador com as baterias descarregadas inchadas, vazando ácido dentro do aparelho.

A proprietária desta casa é uma senhora idosa, calculo eu. Senhoras idosas, ignoradas e viciadas, mais velhas e invisíveis para o mundo a cada minuto, não devem usar muita maquiagem. Nem frequentam lugares badalados. Nem rebolam na balada. Meu hálito parece quente e azedo dentro dos meus véus, sob as camadas úmidas de seda, renda e algodão que eu levanto pela primeira vez nesse dia todo. Nos espelhos, vejo o reflexo cor-de-rosa do que restou do meu rosto.

Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu?

A rainha má foi estúpida ao jogar o jogo da Branca de Neve. Com certa idade, a mulher precisa passar a ter outro tipo de poder. Dinheiro, por exemplo. Ou uma arma.

Estou levando a Vida que amo, digo a mim mesma, e amando a Vida que levo.

Depois digo a mim mesma: eu merecia isso.

É exatamente o que eu queria.

CAPÍTULO TRÊS

Até conhecer Brandy, tudo que eu queria era alguém que me perguntasse o que acontecera com o meu rosto.

Eu queria responder: “Foi comido por pássaros.”

Pássaros comeram meu rosto.

Mas ninguém queria saber. Só que ninguém não inclui Brandy Alexander.

Mas não pense que isso foi uma grande coincidência. Nós precisávamos nos encontrar, eu e Brandy. Tínhamos tantas coisas em comum. Tínhamos quase tudo em comum. Além do mais, seja por acidentes ou gravidade, com algumas pessoas acontece depressa, e com outras devagar, mas todos nós terminamos mutilados. A maioria das mulheres conhece essa sensação de ficar dia a dia mais invisível. Brandy passou meses e meses no hospital, como eu. Existem poucos hospitais onde se podem fazer cirurgias plásticas de grande porte.

Corta de volta para as freiras. As piores enfermeiras eram as freiras, que viviam nos empurrando. Uma delas me falava de um paciente engraçado e encantador em outro andar. Ele era advogado. Sabia fazer truques de mágica usando só as mãos e um guardanapo de papel. Essa freira do plantão diurno era do tipo que usava um uniforme de enfermagem que era a versão branca do seu uniforme normal de freira. Ela falara de mim para esse tal advogado. Era a Irmã Katherine. Contou a ele que eu era engraçada e inteligente. Falou que seria maravilhoso se nós dois pudéssemos nos conhecer e nos apaixonar loucamente.

Foram as palavras dela.

Ela olhava para mim com os óculos de aros metálicos no meio do nariz. As lentes compridas e quadradas pareciam as lâminas de um microscópio. Pequenas veias rompidas mantinham a extremidade do seu nariz avermelhada. Ela chamava isso de rosácea. Era mais fácil imaginar aquela freira vivendo numa casa de conto de fadas do que num convento. Casada com Papai Noel em vez de Deus. O avental engomado que ela usava sobre o hábito era de uma alvura tão reluzente que quando eu cheguei ali, recém-saída do meu grande acidente de carro, lembro que todas as manchas do meu sangue pareciam negras.

Eles me deram uma caneta e um bloco para que eu pudesse me comunicar. Envolveram minha cabeça em ataduras, metros de gaze apertada

segurando compressas de algodão no lugar, com suturas metálicas prendendo tudo para que eu não pudesse remover as ataduras. E passaram uma grossa camada de gel antibiótico, claustrofóbico e tóxico sob as compressas de algodão.

Puxaram para trás meu cabelo, esquecido e quente debaixo da gaze onde eu não podia alcançar. A mulher invisível.

Quando a Irmã Katherine mencionou o outro paciente, eu fiquei pensando se já teria visto o sujeito por ali. O tal advogado dela. O mágico bonito e engraçado.

— Eu não falei que ele era bonito — corrigiu ela. — Ele ainda está um pouco tímido.

No bloco escrevi: ainda?

— Desde o pequeno infortúnio que sofreu — disse ela, sorrindo com as sobrancelhas arqueadas e todos os seus queixos comprimidos contra o pescoço. — Ele não estava usando o cinto de segurança. O carro capotou bem por cima dele. É por isso que ele é perfeito para você.

Antes disso, quando eu ainda estava sedada, alguém tirou o espelho do meu banheiro. As enfermeiras pareciam me afastar de qualquer coisa polida, tal como afastam os suicidas de facas, e os bêbados da bebida. A coisa mais parecida com um espelho era a televisão e só mostrava como eu era antes.

Quando eu pedia para ver as fotos que a perícia tirou do acidente, a enfermeira de plantão respondia:

— Não.

Eles guardavam as fotos arquivadas no escritório da enfermagem, e parecia que qualquer pessoa podia pedir para vê-las, menos eu. A enfermeira explicava:

— O médico acha que por enquanto você já sofreu bastante.

Essa mesma enfermeira de plantão tentou me juntar a um contador que queimara os cabelos e as orelhas num equívoco com propano. Ela também me apresentou um universitário que perdera a garganta e as vias nasais devido a um toque de câncer. Além de um lavador de janelas depois de um tropeço de ponta-cabeça do terceiro andar até o concreto.

Ela só usava essas palavras: equívoco, toque, tropeço. O *infortúnio* com o advogado. Meu grande *acidente*.

A Irmã Katherine ia lá conferir meus sinais vitais a cada seis horas. Ela verificava meu pulso com o ponteiro de segundos de um relógio masculino

de segunda mão, grosso e prateado. Enrolava o aparelho de pressão arterial em torno do meu braço. Para conferir minha temperatura, enfiava uma espécie de pistola elétrica no meu ouvido.

A Irmã Katherine era o tipo de freira que usa aliança.

E as pessoas casadas sempre acham que o amor é a resposta.

Corta de volta para o dia do meu grande acidente, quando todo mundo foi tão atencioso. As pessoas, aquela gente que me deixou passar na frente para entrar na sala de emergência. Por insistência da polícia. Quer dizer, elas me deram um lençol do hospital com as palavras "Propriedade do Hospital La Paloma Memorial" impressas ao longo da borda, em azul indelével. Primeiro me deram morfina intravenosa. Depois me puseram numa maca com rodas.

Lembro pouco de tudo isso, mas a enfermeira me falou das fotos policiais.

As fotos eram em papel brilhante, oito por dez, tão bonitas quanto qualquer outra no meu book. Em preto e branco, disse a enfermeira. Mas nessas fotos eu estou sentada numa maca com rodas, encostada na parede da sala de emergência. A enfermeira que me atendeu passou dez minutos cortando meu vestido com uma dessas pequenas tesouras de manicure usadas em cirurgias. Eu lembro do corte. Era um vestido de verão da Espre, feito de crepe de algodão. Lembro que quase encomendei dois, quando comprei esse vestido pelo catálogo. Eles são tão confortáveis e folgados. A brisa fica tentando entrar nos buracos dos braços e levantar a bainha em torno da cintura. Mas depois você sua, se não houver brisa. O crepe de algodão gruda no corpo feito 11 ervas e especiarias, e o vestido fica quase transparente. Você ia para algum pátio e era maravilhoso sentir um milhão de refletores escolhendo você dentro da multidão. Ou então você entrava num restaurante quando lá fora estava fazendo quarenta graus e todo mundo se virava e olhava. Era como se você houvesse acabado de ganhar um grande prêmio por um feito importante na sua vida.

É assim que eu me sentia. Ainda lembro desse tipo de atenção. Sempre parecia fazer quarenta graus.

E eu lembro da minha roupa de baixo.

Lamento, mamãe, lamento, Deus, mas eu só estava usando um tapa-sexo com cordão elástico na cintura e uma tira correndo pelo rego de volta para o tapa-sexo. Cor da pele. Todo mundo chama essa tira no rego de fio-

dental. Eu usava o tapa-sexo como roupa de baixo, caso o crepe de algodão do vestido ficasse quase transparente. Você simplesmente não planeja acabar numa sala de emergência, com o vestido cortado e os detetives tirando fotos, esticada numa maca com rodas, recebendo morfina na veia enquanto uma freira franciscana grita no seu ouvido: “Tirem as fotos! Tirem as fotos logo! Ela ainda está perdendo sangue!”

Não, na verdade foi mais engraçado do que parece.

Eu fiquei jogada ali naquela maca de rodas, parecendo uma boneca de pano anatomicamente correta, só com o tapa-sexo e o meu rosto do jeito que está agora.

O engraçado é que a polícia mandou a freira segurar o lençol sobre os meus seios, para poder tirar fotos do meu rosto. Os detetives estavam constrangidos porque eu estava esparramada ali de topless.

Corta para a ocasião em que eles se recusam a me mostrar as fotos, e um dos detetives diz que se a bala tivesse acertado cinco centímetros acima, eu estaria morta.

Não consegui entender a intenção deles.

Cinco centímetros abaixo e eu estaria morrendo de calor no meu sensual vestido de verão de crepe de algodão, tentando convencer o corretor da seguradora a ignorar a franquia e pagar a troca do vidro do carro. Depois passaria protetor solar e iria para uma piscina contar a uma dupla de bonitões que eu estava dirigindo meu Stingray numa via expressa quando uma pedra ou sei lá o quê aparecera, fazendo a janela do meu lado simplesmente explodir.

E os bonitões diriam: “Uau!”

Corta para outro detetive: aquele que examinou meu carro procurando a bala e fragmentos de osso, esses troços. Ele viu que eu estava dirigindo com a janela meio aberta. Olhando para as minhas fotos embaixo do lençol branco, esse cara falava que a janela de carro deve estar sempre completamente aberta ou fechada. Ele já nem lembrava quantos condutores decapitados por janelas em acidentes de carro já havia visto.

Como eu poderia deixar de rir?

Essa foi a palavra que ele usou: condutores.

Do jeito que minha boca estava, o único som que eu ainda conseguia fazer era rir. Eu não podia deixar de rir.

Corta para depois que as fotos foram tiradas, quando as pessoas pararam de olhar para mim.

Meu namorado, Manus, apareceu à noite. Foi depois da sala de emergência, depois que eu fora empurrada na maca de rodas para a cirurgia, depois que a hemorragia parara e eu já estava num quarto particular. Então Manus apareceu. Manus Kelley, que era meu noivo até ver o que sobrara de mim. Manus ficou sentado olhando para as fotos em preto e branco do meu novo rosto, embaralhando as imagens sem parar, virando cada uma delas de cabeça para baixo e depois para cima, como se faz com aquelas fotografias misteriosas, em que uma hora aparece uma linda mulher, mas, quando a gente olha de novo, vê uma baranga.

— Ah, meu Deus — diz Manus. — Ah, Jesus, Jesus Cristo.

Quando nós saímos pela primeira vez, Manus ainda morava com os país. Ele me mostrou o distintivo que levava na carteira. Tinha uma arma em casa. Era um policial muito bem-sucedido da Divisão de Narcóticos. Foi uma coisa que rolou de maio a dezembro. Manus tinha 25 anos, e eu 18, mas nós namoramos. É nesse mundo que vivemos. Certa vez nós fomos velejar, e ele estava usando uma sunga Speedo. Para qualquer mulher esperta, isso significa bissexual, no mínimo.

Minha melhor amiga, Evie Cottrell, é modelo. Ela diz que as pessoas bonitas nunca devem namorar. Juntas, simplesmente não atraem atenção suficiente. Evie diz que há uma mudança total no padrão de beleza quando duas pessoas bonitas estão juntas. Dá para sentir isso, afirma ela. Quando as duas pessoas são bonitas, nenhuma delas é bonita. Juntas, como um casal, as duas são menos do que a soma das partes.

Nenhuma das duas consegue mais ser realmente notada.

Ainda assim, certa vez lá estava eu, gravando um infomercial, um desses comerciais compridos-compridos que a gente pensa que vai terminar a qualquer momento, porque, afinal de contas, é só um comercial, mas na realidade dura meia hora. Eu e Evie somos contratadas para ser mobília sexual, ou seja, passar a tarde usando vestidos de noite justos e seduzindo os telespectadores para que comprem produtos da Fábrica de Petiscos Num Num. Manus vem sentar na plateia do estúdio e, depois da gravação, sugere:

— Vamos velejar?

— Claro! respondo.

Então fomos velejar, mas esqueci meus óculos escuros, de modo que Manus comprou um par para mim no cais. Meus óculos novos são exatamente iguais aos Vuarnets de Manus, só que os meus são fabricados na Coréia, não na Suíça, e custaram dois dólares.

Cinco quilômetros mar adentro, começo a esbarrar em coisas no tombadilho. Depois começo a cair. Manus me joga uma corda, que não consigo alcançar. Ele me joga uma cerveja, e não consigo pegar a lata. Tenho uma dor de cabeça igual à que Deus usava como castigo no Velho Testamento.

O que eu não sei é que uma das lentes dos meus óculos escuros é mais escura que a outra, quase opaca. Estou cega de um olho por causa dessa lente e perdi a percepção de profundidade.

Naquele momento, porém, não sei que minha percepção está tão fodida assim. É o sol, digo para mim mesma, e continuo usando os óculos escuros. Vou tropeçando por toda parte, cega e dolorida.

Corta para a segunda visita que Manus me faz no hospital. Ele fala para as minhas fotos sob o lençol, Propriedade do Hospital La Paloma Memorial, que eu devo pensar em retomar minha vida. Que devo começar a fazer planos. Fazer uns cursos, diz ele. Terminar a faculdade.

Sentado ao lado da minha cama, ele segura as fotos entre nós, de modo que não consigo ver nem as imagens nem Manus. Escrevendo no bloco com o lápis, peço que ele me mostre as fotos.

— Quando eu era pequeno, nós criávamos filhotes de doberman — diz ele, atrás da fotos. — E quando um filhote tem mais ou menos seis meses, a gente manda aparar as orelhas e o rabo. É o estilo desses cachorros. A gente vai a um motel e lá encontra um sujeito que viaja pelos estados, só aparando as orelhas e rabos de milhares de filhotes de dobermans, boxers e bull terriers.

No bloco, eu escrevo com o lápis:

o que significa isso?

E mostro o bloco a ele.

— Significa que, seja quem for que corte aquelas orelhas, será odiado pelo resto da vida — ele explica —. Para evitar que o veterinário do bairro faça o serviço, a gente paga a um desconhecido.

Ainda examinando as fotos, Manus prossegue:

— É por essa razão que eu não posso mostrar a você essas fotos.

Em algum lugar fora do hospital, num quarto de motel cheio de toalhas ensanguentadas, com bisturis e agulhas na caixa de ferramentas, ou dirigindo pela rodovia rumo à sua próxima vítima, ou ajoelhado ao lado de um cachorro, anestesiado e cortado numa banheira suja, está o sujeito que deve ser odiado por um milhão de cachorros.

Sentado ao lado da minha cama, Manus diz:

— Você só precisa arquivar seus sonhos de ser capa de revista.

O fotógrafo de moda dentro da minha cabeça grita:

Quero piedade.

Flash.

Quero outra chance.

Flash.

Era isso que eu fazia antes do acidente. Podem me chamar de uma grande mentirosa, mas antes do acidente eu dizia às pessoas que era universitária. Se você diz às pessoas que é modelo, elas se fecham. Se você é modelo, as pessoas pensarão que estão lidando com uma forma de Vida inferior. Então começam a usar uma linguagem tatibitate ou ficam mudas. Mas se você diz às pessoas que é universitária, elas ficam impressionadas. Você pode ser aluna de qualquer coisa, e não precisa saber nada. Basta dizer toxicologia ou biocinese marinha e a pessoa com quem você conversa passará a falar de si mesma. Se isso não funcionar, mencione sinapses neurais de pombos embriônicos.

É que antigamente eu era mesmo universitária. Já tinha cerca de 1.600 créditos num curso de treinamento físico pessoal. Meus pais vivem dizendo que eu já poderia ser uma doutora a esta altura.

Lamento, mamãe.

Lamento, Deus.

Quando eu e Evie íamos a bares e boates, os homens ficavam esperando na porta do toalete feminino para nos pegar. Eles diziam que estavam escalando o elenco de um comercial de televisão. O cara me dava um cartão comercial e perguntava qual era a minha agência.

Uma vez mamãe veio me visitar. Minha mãe fuma e, na primeira tarde em que eu cheguei em casa, depois de uma sessão de fotos, ela segurou uma cartela de fósforos diante de mim.

— Qual é o significado disso? Por favor, me diga que você não é tão vagabunda quanto o coitado do seu irmão que morreu.

Na cartela estavam escritos o nome de um cara que eu não conhecia e um número de telefone.

— Essa não foi a única que eu encontrei — disse mamãe. — O que você anda aprontando por aqui?

Eu não fumo, falei para ela. Aquelas cartelas se amontoavam porque sou educada demais para recusar uma gentileza, e econômica demais para jogá-las fora. Por isso, na cozinha havia uma gaveta inteira cheia de cartelas com os números de telefone de todos aqueles homens que eu não recordava.

Corta para um dia qualquer na porta do consultório da fonoaudióloga do hospital. A enfermeira estava me levando pelo cotovelo para que eu me exercitasse. Quando dobramos um canto do corredor, a porta estava aberta e, bum!... Brandy Alexander estava ali dentro do consultório, sentada numa pose gloriosa de princesa Alexander, num iridescente macacão Vivienne Westwood que mudava de cor a cada movimento.

Era a propria *Vogue*.

O fotógrafo de moda dentro da minha cabeça, gritando:

Quero deslumbramento, gata.

Flash.

Quero espanto.

Flash.

A fonoaudióloga disse:

— Brandy, você pode tornar sua voz mais aguda se elevar a cartilagem laríngea. É esse calombo na garganta que você sente subir quando canta escalas crescentes. Se conseguir manter a caixa vocal bem alta na garganta, sua voz ficará entre o sol e o dó central. Isso é cerca de 160 hertz.

Brandy Alexander e sua aparência transformavam o resto do mundo em realidade virtual. Ela mudava de cor se era observada por um novo ângulo. Ficou verde só com um passo meu. Vermelha com o seguinte. Ficou prateada, depois dourada. Então nós passamos por ela, que ficou lá atrás.

— Coitada, tão triste e desorientada — comentou a Irmã Katherine, cuspindo no chão de cimento. Ela me viu de pescoço virado, olhando de novo para o corredor, e perguntou se eu tinha família.

Eu escrevi: é, tive um irmão gay, mas ele morreu de AIDS.

— Então foi melhor assim, não é? — disse ela.

Corta para a semana depois da última visita de Manus. Última significa final, quando Evie passa pelo hospital. Ela examina as fotos, falando com Deus e Jesus Cristo.

— Sabe de uma coisa? — diz Evie sobre a pilha de revistas *Vogue e Glamour* que traz para mim. — Eu falei com a agência. Eles disseram que podem pensar em receber você de volta para algum trabalho de mãos se nós refizermos o seu book.

Ela está se referindo a modelos de mãos, para apresentar anéis elegantes, munhequeiras de tênis cravejadas de brilhantes e merdas assim.

Como se eu quisesse ouvir isso.

Eu não consigo falar.

Só consigo ingerir líquidos.

Ninguém olha para mim. Sou invisível.

Só quero que alguém me pergunte o que aconteceu. Então poderei retomar minha vida.

Evie diz para a pilha de revistas:

— Quero que você venha morar comigo lá em casa quando sair daqui.

Ela abre o zíper da bolsa de lona na beira da cama e mete as duas mãos lá dentro.

— Vai ser divertido. Você vai ver. Odeio morar completamente sozinha. Já levei suas coisas para o quarto de hóspedes.

Ainda procurando na bolsa, ela continua:

— Estou indo para uma sessão de fotos. Por acaso você tem algum *voucher* da agência para me emprestar?

No bloco, eu escrevo com o lápis:

esse suéter que você está usando é meu? E agito o bloco diante do rosto dela.

— É, mas eu sabia que você não se importaria — diz ela.

Eu escrevo:

mas é tamanho seis.

E prossigo:

e você é tamanho nove.

— Escute, eu estou marcada às duas horas. Passo aqui outra hora, quando você estiver mais bem-humorada. — Conversando com o relógio, Evie continua: — É uma pena que isso precisasse acontecer. Não foi culpa de ninguém.

Cada dia no hospital passa assim:

Café da manhã. Almoço. jantar. Com a Irmã Katherine nos intervalos.

A televisão fica sempre no mesmo canal, que só passa infomerciais durante todo o dia e durante toda a noite, e lá estamos nós, eu e Evie, juntas. Ganhávamos um monte de dinheiro. No comercial da fábrica de petiscos, nós damos sorrisos de modelos célebres, aqueles sorrisos que transformam o rosto num grande aquecedor espacial. Estamos usando aqueles vestidos com lantejoulas, que debaixo de um refletor brilham como se um milhão de repórteres estivesse tirando fotos. Quanto glamour. Eu fico parada ali num vestido que pesa dez quilos, dando um sorriso enorme e deixando cair restos de animais no funil plástico da Fábrica de Petiscos Num Num. A engenhoca produz pequenos canapés alucinadamente, enquanto Evie precisa ir até a plateia do estúdio e fazer as pessoas comerem os canapés.

As pessoas comem qualquer coisa para aparecer na televisão.

Então, fora de quadro, Manus sugere:

— Vamos velejar?

— Claro — respondo.

Foi muita estupidez não perceber o que estava acontecendo o tempo todo.

Corta para Brandy numa cadeira dobrável dentro do consultório da fonoaudióloga, lixando as unhas com uma cartela de fósforos. Suas pernas compridas poderiam espremer uma motocicleta ao meio, e ela cobre o mínimo possível de seu corpo, apenas o suficiente para não levar um processo, com um macacão felpudo com estampa de oncinha, tão apertado que só faltava estourar.

A fonoaudióloga diz:

— Mantenha a glote parcialmente aberta quando falar. Foi assim que Marilyn Monroe cantou “parabéns pra você” para o presidente Kennedy. Isso faz o ar expirado desviar das cordas vocais, dando à sua voz uma qualidade mais feminina e desamparada.

A enfermeira vai me conduzindo pelo corredor com minhas pantufas de papelão, minhas ataduras apertadas e minha confusão profunda. Brandy Alexander ergue o olhar no último instante possível e dá uma piscadela. Só Deus deve ser capaz de piscar tão bem. É como se alguém tirasse minha foto. Quero alegria. Quero diversão. Quero amor.

Flash.

Os anjos no céu devem soprar beijos como Brandy Alexander faz, iluminando o resto da minha semana. De volta ao quarto, eu escrevo:

quem é ela?

— Ninguém que mereça a sua confiança — responde a enfermeira. — Você já tem problemas suficientes.

mas quem é ela?, escrevo.

— Caso você acredite, ela é uma pessoa diferente a cada semana — diz a enfermeira.

É depois disso que a Irmã Katherine começa a querer arranjar um par para mim. Para me salvar de Brandy Alexander, ela me oferece o advogado sem nariz. Depois um dentista louco por montanhismo, cujos dedos e traços fisionômicos foram reduzidos a cotocos duros e brilhantes pela ulceração causada pelo frio. Um missionário com manchas escuras de algum fungo tropical logo abaixo da pele. Um mecânico que se inclinou sobre uma bateria que explodiu, tendo os lábios e as maçãs do rosto corroídos pelo ácido, deixando os dentes amarelos expostos num permanente esgar.

Olho para o anel de noivado da freira e escrevo:

acho que você pegou o último gostosão de verdade.

Durante todo o tempo que estive no hospital, não havia como eu me apaixonar. Eu simplesmente ainda não chegara a esse ponto. De aceitar menos. Eu não queria passar por processo algum. Não queria juntar os cacos. Reduzir minhas expectativas. Seguir adiante com minha quase-vida. Eu não queria me sentir grata por ainda estar viva. Começar a compensar. Só queria que consertassem meu rosto, se isso fosse possível, coisa que não era.

Quando chega a hora de me reapresentarem a alimentos sólidos, novamente no palavreado deles, é purê de galinha e cenoura coada. Comidas de bebê. Tudo amassado, pulverizado ou esmagado.

Você é o que você come.

A enfermeira me traz os classificados pessoais de um jornaleco qualquer. A Irmã Katherine olha por cima do nariz e através dos óculos para ler: caras procurando garotas esbeltas e aventureiras em busca de diversão e romance. E é verdade: nem um único cara exclui especificamente horrendas garotas mutiladas com contas médicas crescentes.

— Você pode escrever para esses homens que estão na cadeia, e eles não precisam saber qual é a sua aparência real

— ela sugere.

Simplesmente dá trabalho demais tentar explicar por escrito meus sentimentos à Irmã Katherine.

Ela vai lendo para mim as colunas dos solteiros, enquanto eu como meu rosbife com uma colher. Oferece incendiários. Arrombadores. Sonegadores. E diz:

— Você provavelmente não vai querer namorar um estuprador, pelo menos assim, logo de cara. Não é possível que exista alguém desesperada a esse ponto.

Entre aqueles homens solitários, atrás das grades por assalto à mão armada e homicídio culposo, ela subitamente me pergunta qual é o problema. Pega minha mão e fala para o nome no meu bracelete de plástico. Já virei modelo de mão: anéis com pedrarias, braceletes plásticos de identificação tão lindos que nem uma noiva de Cristo consegue afastar os olhos deles. E pergunta:

— O que você está sentindo?

Isto é hilariante.

— Você não quer se apaixonar? — ela insiste.

O fotógrafo na minha cabeça diz: Quero paciência.

Flash.

Quero controle.

Flash.

A questão é que eu tenho meio rosto.

Dentro das ataduras, meu rosto ainda deixa pequeninas manchas de sangue nas compressas de algodão. Um médico, aquele que faz a ronda todas as manhãs para checar minhas ataduras, diz que meu ferimento ainda chora. É a palavra que ele usa.

Eu ainda não consigo falar.

Não tenho carreira.

Só posso comer comida de bebê. Nunca mais alguém olhará para mim como se eu tivesse ganhado um grande prêmio.

nada, escrevo no meu bloco.

nada está errado.

— Você ainda não se lamentou — diz a Irmã Katherine. — Precisa ter uma boa sessão de choro, e depois retomar sua vida. Você está demonstrando calma demais diante disso.

Escrevo:

não me faça rir. meu rosto, eu escrevo, o médico diz que a ferida vai chorar.

Ainda assim, ao menos alguém percebeu. Todo esse tempo, eu estive calma. Era a própria imagem da calma. Nunca, nunca entrei em pânico. Vi meu sangue, muco e dentes espalhados pelo para-brisa no instante seguinte ao acidente, mas a histeria é impossível sem plateia. Entrar em pânico sozinha é o mesmo que rir sozinha num aposento vazio. Você se sente realmente idiota.

No instante em que o acidente aconteceu, eu percebi que morreria se não pegasse a próxima saída da via expressa, dobrasse à direita em Northwest Gower, percorresse 12 quarteirões e entrasse no estacionamento da sala de emergência do Hospital La Paloma Memorial. Eu estacionei. Peguei as chaves e a bolsa e fui andando. As portas de vidro se abriram antes que eu pudesse me ver refletida nelas. Havia um monte de gente lá dentro, esperando com pernas quebradas e bebês engasgados, mas todos se afastaram quando me viram.

Depois disso, veio a morfina intravenosa. As pequenas tesouras de manicure da sala de cirurgia para cortar meu vestido. O tapa-sexo cor da pele. As fotos da perícia.

O tal detetive que examinou meu carro procurando fragmentos de osso, e que já vira várias pessoas decapitadas em janelas de carro entreabertas, volta um dia e diz que não sobrou coisa alguma a ser encontrada. Pássaros: gaivotas e, talvez, corvos. Entraram no carro estacionado no hospital, através da janela quebrada. Os corvos comeram tudo que o detetive chama de provas de tecido mole. E provavelmente carregaram os ossos.

— Para quebrar os ossos nas pedras, sabia? — diz ele. — E comer o tutano.

No bloco, com a caneta, escrevo:

rá, rá, rá.

Corta para o momento antes de minhas ataduras serem retiradas, quando uma fonoaudióloga diz que eu deveria me ajoelhar e agradecer a Deus por minha língua ter ficado intacta dentro da cabeça. Nós estamos sentadas no seu consultório de tijolos de concreto. Metade do espaço é ocupada pela mesa de aço entre nós, e a terapeuta me ensina como um ventríloquo faz o boneco falar. O ventríloquo não pode deixar que você veja a boca dele se

mexer. Na verdade, ele não pode usar os lábios, de modo que comprime a língua contra o céu da boca para formar palavras.

Em vez de uma janela, a fonoaudióloga tem o pôster de um gato coberto de espaguete acima das palavras:

Enfatize o Positivo

Ela diz que se você não pode fazer certo som sem usar os lábios, deve substitui-lo por um som semelhante. Por exemplo, usar o som *effe* em vez de *esse*. O contexto em que o som for usado fará com que você seja entendida.

— Eu preferia estar *paffeando* diz a fonoaudióloga.

então vá *paffear*, escrevo.

— Não — ela retruca. — Repita.

Minha garganta vive dolorida e seca, mesmo depois de Um milhão de líquidos ingeridos via canudo todo dia. Há cicatrizes altas, duras e polidas em torno da minha língua Intacta.

— Eu preferia estar *paffeando* — repete a fonoaudióloga

— Pofi vrixitia ssturgof isasxendu — digo.

— Não, não é assim — diz a terapeuta. — Você não está fazendo certo.

— So vifrija xtir zissxindi? — tento de novo.

— Não, também não está certo. — Ela olha para o relógio.

— Jiddu zixroll zdar fishupdi — insisto.

— Você vai precisar treinar muito, mas no seu próprio horário. Agora, de novo.

— Jrogier pruufhriz tpat pizcumodi.

— Muito bem! Ótimo! Viu como é fácil?

No bloco, com a caneta, escrevo:

vá se foder.

Corta para o dia em que eles tiram as ataduras.

Você não sabe o que esperar, mas todos os médicos, enfermeiras, maqueiros, faxineiros e cozinheiros do hospital pararam para dar uma espiada na soleira da porta. Quando eram pegos, falavam “Parabéns”, com os cantos da boca esticados e tremendo num sorriso aguado e artificial. Com os olhos esbugalhados. Esse é o meu termo para isso. E vez após vez eu erguia o mesmo cartaz de papelão, que dizia a eles:

muito obrigada.

E então eu fugi. Isso é depois que meu novo vestido de verão, leito de crepe de algodão, chega da Espre. A Irmã Katherine passou a manhã inteira manobrando um *baby-liss*, até o meu cabelo ficar parecendo um enorme glacê amanteigado. Um enorme penteado sem rosto. Depois Evie trouxe maquiagem e pintou meus olhos. Pus o meu novo vestido sensual, mal conseguindo esperar para começar a suar. Passara o verão inteiro sem ver um espelho. Se vira, não percebera que o reflexo era meu. Eu não vira as fotos da perícia. Quando Evie e a Irmã Katherine terminaram, eu disse:

— Ouu folu xair.

— Não há de quê — diz Evie.

— Mas você acabou de almoçar — retruca a Irmã Katherine.

Fica bem claro que ninguém aqui me entende.

— Songi zimingue nei pii zoly — digo.

— É, estou usando os seus sapatos, mas sem estragar — garante Evie.

— Não, não chegou correspondência ainda, mas podemos escrever para os prisioneiros depois da sua soneca, meu bem — diz a Irmã Katherine.

Elas saíram. E. Eu saí, sozinha. E. Quão ruim poderia estar meu rosto?

E às vezes uma mutilação pode até ser vantajosa. Todo esse pessoal coberto de piercings, tatuagens, marcas a fogo e escarificações... O que eu quero dizer é: atenção é atenção.

Ao sair, pela primeira vez eu sinto que perdi algo, quer dizer, um verão inteiro simplesmente desapareceu. Todas aquelas festas na beira da piscina e horas deitada na proa de lanchas velozes. Pescando arraias. Descobrindo caras com conversíveis. Percebo que os piqueniques, as partidas de softball e os concertos se reduziram a alguns poucos instantâneos que Evie só vai mandar revelar perto do Dia de Ação de Graças.

Ao sair, o mundo é todo colorido, depois do branco-sobre-branco do hospital. É como caminhar num arco-íris.

Ando até o supermercado, e fazer compras parece um jogo que não jogo desde menina. Ali estão todos os produtos das minhas marcas favoritas, com todas aquelas cores, mostarda French’s, arroz A Roni, Top Ramen, tudo tentando chamar atenção. Todo aquele colorido. Uma total mudança no padrão de beleza, de modo que nada se destaca individualmente. O total sendo menor do que a soma das partes.

Todo aquele colorido num só lugar.

Só que, além desse arco-íris das marcas dos produtos, nada mais há para se ver. Quando olho para as pessoas, só vejo a nuca de todo mundo. Mesmo quando me viro mais do que depressa, só consigo pegar a orelha de alguém se virando. E o pessoal está falando com Deus.

— Ah, meu Deus — dizem todos. — Você viu aquilo?

— Era uma máscara? Meu Deus, é cedo demais para o Dia das Bruxas.

Todo mundo parece concentrado nos rótulos da mostarda French's ou do arroz A Roni.

Portanto, pego um peru.

Não sei por quê. Não tenho dinheiro, mas pego o peru. Remexo naqueles perus congelados enormes, aqueles nacos de gelo cor de carne no congelador. Vou remexendo até encontrar o maior de todos e suspendo o bicho feito um bebê pela rede de plástico amarelo.

Depois avanço até a frente da loja, passando no corredor dos caixas, e ninguém me para. Ninguém sequer está olhando. Todos ficam lendo aqueles tabloides, como se houvesse ouro escondido ali.

— Seigfn di ofo utnbg — digo. — Nei voin isuinj adnsudi.

Ninguém olha.

— EVSF UIGT IUH — insisto, na minha melhor voz de ventríloquo.

Ninguém sequer mexe a boca. Talvez apenas os caixas falem. “Você tem dois documentos de identidade?”, estão perguntando às pessoas que preenchem os cheques.

— Fgrin infuva zi vuv — digo. — Xidi cnioaija sis sacno!

Nesse exato momento, um garoto aponta.

— Olha lá!

Todos que não estão olhando e nem falando param de respirar.

— Olha, mamãe, olha lá! Aquele monstro está roubando comida! — diz o garotinho.

Todos se encolhem de vergonha. Afundam a cabeça nos ombros, como se estivessem de muletas. E lêem as manchetes dos tablóides com mais atenção do que nunca:

Garota Monstruosa Rouba Ave de Feriado.

E lá estou eu, suando no tal vestido de crepe de algodão, com um peru de dez quilos nos braços. O peru também sua, e meu vestido está quase transparente. Meus mamilos ficam duros feito pedra, encostados no gelo envolto pela rede amarela em meus braços. E eu, debaixo daquele penteado

de glacê amanteigado. Sem ninguém olhando para mim como se eu tivesse ganhado qualquer coisa.

Uma mão desce e dá um tapa no tal garoto, que começa a uivar.

Ele uiva da maneira que as pessoas choram quando não fizeram nada de errado, mas mesmo assim foram castigadas. O sol está se pondo lá fora. Dentro do supermercado está tudo parado, com exceção daquela pequena voz berrando sem parar: Por que você me bateu? Eu não fiz nada. Por que você me bateu? O que foi que eu fiz?

Levei o peru e fui caminhando o mais depressa possível de volta ao Hospital La Paloma Memorial. Estava quase escuro.

Todo o tempo eu fico abraçada ao peru. Vou dizendo a mim mesma: perus, gaivotas, corvos.

Pássaros.

Pássaros comeram o meu rosto.

De volta ao hospital, vejo se aproximando pelo corredor a Irmã Katherine, que conduz um homem e seu equipamento de injeção intravenosa. O sujeito está todo envolto em gaze, cheio de sondas e bolsas plásticas. Fluidos amarelos e vermelhos vazam para dentro e para fora do corpo dele.

Pássaros comeram o meu rosto.

Cada vez mais perto, a Irmã Katherine grita:

— Opa! Eu tenho alguém especial aqui, que você vai adorar conhecer!

Pássaros comeram o meu rosto.

Entre mim e eles fica o consultório da fonoaudióloga. Quando tento me enfiar lá dentro, encontro Brandy Alexander pela terceira vez. A rainha de tudo que é bom e amável está usando um vestido Versace, solto e sem mangas, com aquela sensação transbordante de desespero e corrupta resignação característica desta estação. Corporalmente consciente, mas humilhada. Eufórica, mas aleijada. A rainha suprema é a coisa mais linda que já vi, de modo que fico ali para observar da porta.

— Todo homem enfatiza os adjetivos quando fala — diz a fonoaudióloga. — Por exemplo, um homem diria: “Você está tão *atraente* hoje.”

Brandy é tão atraente que você poderia cortar o pescoço dela e colocar a cabeça exposta sobre veludo azul numa vitrine da Tiffany’s, pois logo apareceria alguém para comprar a coisa por um milhão de dólares.

— Já uma mulher diria: “Você está *tão* atraente hoje” — continua a fonoaudióloga. — Agora você, Brandy. Fale. Enfatize a partícula intensificadora, não o adjetivo.

Brandy Alexander ergue os olhos de Azul-Ardente para mim ali na porta e diz:

— Garota da foto, você está *tão* pavorosamente feia. Deixou um elefante sentar no seu rosto ou o quê?

A voz de Brandy, eu mal ouço o que ela diz. Naquele instante, eu só adoro a Brandy. Tudo a respeito dela parece tão bom quanto ser bonita e se ver no espelho. Brandy é instantaneamente a minha família real. Minha única razão para viver.

— Cifospb suns ois — digo.

Depois coloco o peru frio e molhado no colo da fonoaudióloga. Ela fica entalada na poltrona de couro com rodas, debaixo dos dez quilos de carne morta.

Já se aproximando pelo corredor, a Irmã Katherine exclama:

— Opa!

— Mriuvn xsi sojoi aju — continuo, empurrando a fonoaudióloga e sua cadeira para o corredor. — Jound pinca soquir fidc distom.

A fonoaudióloga sorri para mim.

— Não precisa me agradecer, é só o meu trabalho.

A freira chega com o tal homem e seu equipamento intravenoso. É mais um sujeito sem pele, com as feições esmagadas ou todos os dentes despedaçados. Um homem que seria perfeito para mim. Meu único e verdadeiro amor. Meu príncipe encantado, mas deformado, mutilado ou doente. Meu infeliz para todo o sempre. Meu futuro horrendo. O monstruoso resto da minha Vida.

Batendo a porta do consultório, eu me tranco lá dentro com Brandy Alexander e pego o bloco de anotações da fonoaudióloga.

me salva, escrevo, agitando o bloco diante do rosto de Brandy. Depois escrevo:

por favor.

Corta para as mãos de Brandy Alexander. Isto sempre começa com as mãos dela. Brandy Alexander estende a mão, uma dessas mãos peludas com juntas ossudas. As veias do braço são apertadas até o cotovelo por pulseiras metálicas de todas as cores. Por si só, Brandy Alexander representa uma

mudança tão grande no padrão de beleza que ao lado dela nada se destaca. Nem você.

— Então, garota — diz Brandy. — O que aconteceu com o seu rosto?

Pássaros.

Eu escrevo:

pássaros. pássaros comeram meu rosto.

E começo a rir.

Brandy não ri e pergunta:

— O que significa isso?

Eu continuo rindo e escrevo:

eu estava dirigindo na via expressa.

E continuo rindo.

alguém disparou um tiro de fuzil calibre trinta. a bala arrancou toda a mandíbula do meu rosto.

Ainda rindo.

vim para o hospital, eu escrevo.

não morri.

Rindo.

eles não conseguiram colocar meu queixo de volta, porque as gaivotas comeram tudo.

Então paro de rir.

— Garota, a sua caligrafia é horrível — diz Brandy. — Agora me conta mais.

E eu começo a chorar.

mais, escrevo, é que preciso comer comida de bebe.

não consigo falar.

não tenho carreira.

não tenho casa.

meu noivo me largou.

ninguém quer olhar para mim.

todas as minhas roupas foram estragadas pela minha melhor amiga.

Ainda estou chorando.

— Que mais? — pergunta Brandy. — Conte tudo.

um garoto, eu escrevo.

um garoto no supermercado me chamou de monstro.

Aqueles olhos de Azul-Ardente me encaram como nenhum outro par de olhos fez durante todo o verão, e Brandy diz:

— A sua percepção está toda fodida. Você só consegue falar de besteiras que já aconteceram. Mas não pode basear sua vida no passado ou no presente. Precisa me falar do seu futuro.

Brandy Alexander se apruma sobre aquelas armadilhas com tiras de lamê dourado que envolvem suas pernas. A rainha suprema tira da bolsa um sofisticado estojo de maquiagem e se olha no espelho.

— Aquela fonoaudióloga consegue ser *tão* imbecil nessas situações.

Os grandes braços musculosos e cobertos de jóias de Brandy me forçam a sentar na cadeira, ainda com o calor da sua bunda. Ela segura o estojo de maquiagem de modo que eu possa ver o interior. O troço está cheio de cápsulas brancas em vez de pó de arroz. Onde deveria haver um espelho, há uma sensacional fotografia em close de Brandy Alexander sorrindo.

— Isso é Vicodin, querida — diz ela. — É a escola de medicina Marilyn Monroe, onde uma quantidade suficiente de qualquer droga cura qualquer doença. Meta a mão. Sirva-se.

Deusa leve e eterna que ela é, a foto de Brandy sorri para mim acima de um mar de analgésicos. Foi assim que conheci Brandy Alexander. Foi assim que encontrei forças para *não* retomar minha vida anterior. Foi assim que encontrei coragem para não recolher os mesmos cacos.

— Agora você vai me contar a sua história como acabou de fazer. Escreva tudo. Conte a história um monte de vezes. Conte a porra da sua história durante toda a noite — dizem os lábios azulados da rainha Brandy, enquanto ela aponta um dedo comprido e ossudo para mim. — Quando você compreender que o que está me contando é apenas uma história... não está mais acontecendo... quando você perceber que a história que está me contando não passa de palavrório... quando puder simplesmente amassar tudo e jogar seu passado na lata de lixo, então poderemos descobrir o que você vai ser.

CAPÍTULO QUATRO

Corta para a fronteira canadense.

Corta para nós três numa limusine Lincoln alugada, esperando para cruzar de Vancouver, na Colúmbia Britânica para os Estados Unidos. Esperando, com Signore Romeu no banco do motorista, esperando com Brandy a seu lado na frente, esperando, eu sozinha no banco detrás.

— A polícia tem microfones — diz Brandy.

O plano é: se conseguir atravessar a fronteira, seguir para o sul até as boates e danceterias de Seattle. Lá os garotos e garotas farão fila para comprar tudo que há dentro da minha bolsa. Precisamos ficar calados porque a polícia tem microfones nos dois lados da fronteira, o americano e o canadense. Assim podem ouvir as pessoas que esperam para cruzar. Nós podíamos ter charutos cubanos, frutas frescas, diamantes, doenças ou drogas, explica Brandy. Ela nos manda calar a boca mais de um quilômetro antes da fronteira e ficamos esperando na fila em silêncio.

Brandy desfaz os metros e metros do lenço de brocado que tem enrolado na cabeça. Faz a cabeleira cair pelas costas e põe o lenço sobre os ombros para esconder o decote mais do que cavado. Troca os brincos por simples argolas de ouro. Tira as pérolas e coloca uma correntinha com uma cruz também de ouro. Tudo isso pouco antes de chegarmos ao guarda da fronteira.

— Suas nacionalidades? — pergunta o guarda, sentado dentro da cabine atrás do terminal de computador. Ele tem Uma prancheta, um terno azul, óculos espelhados e um distintivo dourado.

Com uma voz nova, suave e pastosa feito batata sem sal nem manteiga, Brandy diz:

— Senhor, somos cidadãos dos Estados Unidos da América, que era chamado de o maior país do mundo até que homossexuais e pedófilos...

— Seus nomes? — interrompe o cara da fronteira.

Brandy se inclina sobre Alfa e ergue o olhar para o cara da fronteira. — Meu marido é um homem inocente.

— O seu nome, por favor — diz o sujeito, sem dúvida conferindo a nossa placa e descobrindo que o carro foi alugado em Billings, Montana, há três semanas. Talvez descubra até a verdade sobre quem realmente somos. Talvez descubra boletim após boletim em todo o Oeste do Canadá a respeito

de três elementos malucos que roubam drogas em mansões à venda. Talvez tudo isso esteja pipocando na tela do computador, talvez nada disso. Nunca se sabe.

— Eu sou casada — Brandy quase grita para chamar atenção do guarda, mas ainda está meio deitada no colo de Alfa — Sou esposa do reverendo Scooter Alexander... — Ela desenha a linha invisível de seu sorriso até Alfa. — Este é o meu genro, Seth Thomas. A enorme mão aponta para mim no banco detrás. — E esta é minha filha, Bubba-Joan.

Há momentos em que eu odeio ver Brandy mudar nossas vidas sem aviso prévio. Ás vezes, duas vezes num único dia, precisamos assumir novas identidades. Um novo nome. Novos relacionamentos. Deficiências. É difícil lembrar quem eu era no começo dessa viagem pela estrada.

Sem dúvrda esse é o tipo de estresse que o vírus da AIDS, em constante mutação, deve sentir.

— Senhor? — diz o cara da fronteira para Seth, anteriormente Alfa Romeo, anteriormente Chase Manhattan, anteriormente Nash Rambler, anteriormente Wells Fargo, anteriormente Eberhard Faber. — O senhor está voltando para os Estados Unidos com alguma compra?

O dedo pontudo dentro do meu sapato se estende por debaixo do assento da frente e cutuca meu novo marido. Os detalhes de tudo nos rodeiam. As marcas de lama deixadas pela maré baixa estão ali, com as pequenas ondas chegando uma após a outra. Os canteiros do outro lado são plantados para soletrar palavras que só podem ser lidas a grande distância. De perto, não passam de pálidas begônias vermelhas e amarelas.

— Não venha me falar que você nunca assistiu à nossa *Rede Cristã de Cura*? — Brandy brinca com a pequena cruz de ouro em sua garganta. — Se você assistisse a um só programa, saberia que Deus, em Sua sabedoria, tornou meu genro mudo, e ele não consegue falar.

O cara da fronteira dá rápidos toques no teclado. Talvez esteja digitando CRIME. Ou DROGAS. Ou ATIRE. Poderia ser CONTRABANDISTAS. Ou PRENDA.

— Nem uma palavra — sussurra Brandy perto do ouvido de Seth. — Se você falar, lá em Seattle eu transforme você em Harvey Wallbanger.

— Para deixar vocês entrarem nos Estados Unidos, vou precisar ver seus passaportes, por favor — informa o cara da fronteira.

Brandy passa a língua nos lábios, que ficam molhados e brilhantes, tal como os olhos, úmidos e resplandecentes. O lenço de brocado cai,

revelando o decote, enquanto ela ergue o olhar para o cara da fronteira.

— Pode nos dar licença um instante?

Brandy se recosta no assento, e a janela de Seth fecha com um zumbido. Os peitos turbinados de Brandy se enchem de ar e depois exalam.

— Não quero ninguém em pânico. — Ela abre o batom. Depois faz um bico diante do espelho retrovisor e passa o batom em torno dos grandes lábios azulados, tremendo tanto que a outra mão precisa firmar a mão enorme que segura o batom. — Eu consigo nos levar de volta para os Estados Unidos, mas vou precisar de uma camisinha e de uma pastilha de hortelã.

Em torno do batom, ela pede:

— Bubba-Joan, seja boazinha e me passe um desses Estraderms, por favor?

Seth dá a ela a pastilha de hortelã e a camisinha.

— Vamos ver quanto tempo esse cara vai levar para encontrar um suprimento semanal de suco de garota entrando da bunda dele — diz ela, já fechando o batom — Hora do corretivo, por favor.

Eu entrego a ela um lenço de papel e um adesivo de estrogênio.

CAPÍTULO CINCO

Corta lá para trás: um dia diante da Loja de Departamentos Brumbach. As pessoas, eu e Evie inclusive, ficam vendo o cachorro de alguém levantar a perna sobre o presépio. Depois o cachorro senta e rola sobre a própria coluna, lambendo o próprio cu com sabor canino. Evie me dá uma cotovelada. As pessoas aplaudem e jogam dinheiro.

Já dentro da Brumbach, experimentando batons nas costas das mãos, eu pergunto:

— Por que os cachorros se lambem?

— Só porque podem... — diz Evie. — Eles não são como as pessoas.

Isso acontece depois de passarmos oito horas na escola de modelos, examinando nossa pele em espelhos, de modo que digo:

— Evie, *nem* brinque com isso.

Eu só consegui passar na escola de modelos porque Evie tinha puxado a curva para baixo. Ela usava tons de batom que a gente espera encontrar em torno da base de um pênis. Usava tanta sombra nos olhos que parecia uma cobaia testando produtos. Só o spray que ela punha no cabelo já abriu um buraco na camada de ozônio sobre a Academia de Modelos Taylor Robberts.

Isso aconteceu bem antes do meu acidente, quando eu achava minha vida muito boa.

Na Loja de Departamentos Brumbach, onde matávamos o tempo depois da aula, todo o nono andar é de mobília. Nas bordas ficam expostos os aposentos: quartos de dormir, salas de jantar, salas de estar, gabinetes, bibliotecas, quartos de bebê, salas para a família, armários para guardar louça, escritórios domésticos, todos voltados para o centro da loja. A quarta parede invisível. Tudo perfeito, limpo e acarpetado, cheio de mobiliário de bom gosto e quente devido às luminárias no teto e abajures em excesso. Há o chiado surdo de alto-falantes escondidos.

Os clientes vão andando pelas passadeiras de linóleo estendidas entre os aposentos em exposição e as ilhas pouco iluminadas que enchem o centro do andar: conversadeiras e conjuntos de sofás agrupados em tapetes, combinando com abajures de pé e plantas artificiais. Silenciosas ilhas de luz e cor naquela obscuridade repleta de estranhos.

— É igual a um estúdio de gravação — comentava Evie. — Os pequenos cenários, todos prontos para alguém gravar o próximo episódio. E

a plateia do estúdio fica assistindo a gente lá no escuro.

Os fregueses passavam, vendo eu e Evie espichadas numa cama cor-de-rosa com dossel, pedindo nossos horóscopos pelo telefone celular dela. Ou então nós nos enroscavamos num módulo estofado, comendo pipoca e assistindo a nossas novelas numa TV colorida de tela grande. Evie levantava a camiseta para me mostrar outro piercing novo no umbigo. Puxava o buraco da manga da blusa e me mostrava as cicatrizes dos implantes.

— É tão solitário na minha casa de verdade — dizia ela. — E eu odeio essa história de só me sentir real o suficiente se houver gente me observando. Não venho para a Brumbach procurando privacidade.

Em casa, no meu apartamento, eu tinha Manus com suas revistas. Eram revistas pornôs, só com homens. Ele falava que precisava comprar aquilo por causa do trabalho.

Todo dia no café da manhã, ele me mostrava reluzentes fotos de homens se chupando. Enroscados com os cotovelos enganchados nos joelhos e esticando o pescoço para se sugar. Cada homem ficava perdido no seu próprio circuito fechado. Dá para apostar que quase todo homem no mundo já tentou isso.

E então Manus me dizia:

— Todo cara quer isso.

Quero romance.

Flash.

Quero alienação.

Eram pequenos circuitos fechados com um só cara, flexível o suficiente ou com o pau tão grande que não precisavam de mais ninguém no mundo. Manus apontava sua torrada para aquelas fotos e me dizia:

— Esses caras não precisam aguentar empregos ou relacionamentos.

Ele só ficava mastigando, olhando para cada uma das revistas. Dando garfadas nas claras dos ovos mexidos e concordava:

— Dá para viver e morrer assim.

Depois eu ia até a Academia de Modelos Taylor Robberts no centro da cidade para me aperfeiçoar. Cachorros lambem o cu. Evie se automutila. Tantas viagens em torno do umbigo. Em casa, Evie não tinha ninguém, mas tinha um montão de dinheiro da família. A primeira vez que fomos de ônibus para a Brumbach, ela mostrou ao motorista seu cartão de crédito e

pediu um assento junto à janela. Estava com medo de que sua bolsa fosse considerada grande demais.

Eu com Manus, ou ela sozinha, ninguém sabia quem era mais infeliz em casa.

Mas lá na Brumbach eu e Evie cochilávamos em qualquer um dos 12 quartos de dormir perfeitos. Metíamos algodão entre os dedos dos pés e pintávamos nossas unhas em cadeiras confortáveis forradas de *chintz*. Depois estudavamos nosso livro-texto da Taylor Robberts numa comprida mesa de jantar envernizada.

— Isso aqui é igual àquelas reproduções falsas de hábitats naturais que eles constroem nos zoológicos — comentava Evie. — Aquelas calotas de gelo para ursos-polares, feitas de concreto, e as florestas tropicais com árvores feitas de canos soldados com sprinklers.

Toda tarde nós estrelávamos nosso próprio hábitat pessoal e artificial. Os atendentes se esgueiravam para o banheiro masculino em busca de sexo. Nós atraíamos toda a atenção naquelas pequenas matinês cotidianas.

Da Taylor Robberts, eu só lembro de deixar a pélvis ir na frente quando ando. E de manter os ombros para trás. Para apresentar produtos de tamanhos diferentes, eles mandavam você traçar uma linha invisível do seu sorriso até a torradeira. No caso de um fogão, trace a linha a partir dos peitos. No caso de um carro novo, comece a linha invisível na vagina. Na realidade, uma modelo profissional é paga para exagerar suas reações a coisas como biscoitos de arroz ou sapatos novos.

Na Brumbach nós bebíamos refrigerantes diet esparramadas numa grande cama cor-de-rosa. Ou sentávamos diante de uma penteadeira, usando pó de contorno para mudar o formato do rosto enquanto uma tênue linha de gente nos observava da escuridão a poucos metros de distância. As vezes as luminárias do teto cintilavam nos óculos de alguém. Cada pequeno termo, movimento ou gesto nosso atraía atenção, e era fácil entrar no barato que aquilo dava.

— Aqui é tão seguro e tranquilo — dizia Evie, alisando o acolchoado rosa e afofando as almofadas. — Nada de muito ruim poderia acontecer com você aqui. Não é como na escola ou em casa.

Completos desconhecidos paravam ali, ainda de casaco, para nos observar. A mesma coisa acontece com os programas de entrevistas na televisão: é tão fácil ser honesto com uma plateia bem grande. Você pode dizer qualquer coisa, se houver gente suficiente para escutar.

— Evie, meu bem, há montes de modelos piores na nossa turma. Tudo que você tem de fazer é não carregar tanto no blush — eu aconselhava. Estávamos nos vendo no espelho da penteadeira, com uma fila tripla de joões-ninguém nos observando da retaguarda. Eu entregava a Evie uma pequena esponja. Aqui, meu bem, espalhe.

E Evie começava a chorar. Com uma plateia grande, qualquer emoção nossa transborda. É riso ou lágrimas, sem qualquer coisa no meio. Aqueles tigres no zoológico devem simplesmente viver uma grande ópera todo o tempo.

— Não é só que eu queria ser uma modelo glamourosa. É que eu fico tão triste quando penso na minha infância. — Evie sufocava as lágrimas enquanto agarrava a pequena esponja. — Quando eu era pequena, meus pais queriam que eu fosse menino. Eu só não quero mais ser tão infeliz assim.

Outras vezes usávamos saltos muito altos e fingíamos nos estapear com força na boca por causa de algum cara que nós duas queríamos. Certas tardes confessávamos uma à outra que éramos vampiras.

— Pois é — eu dizia. — Meus país também abusavam de mim.

Você precisa jogar para a plateia.

Evie passava os dedos entre os cabelos e confessava:

— Vou colocar um piercing no meu períneo. É aquele pedaço de pele entre o cu e o final da vagina.

Eu me jogava na cama, o palco central, abraçando um travesseiro e erguendo o olhar para o emaranhado negro de dutos e os canos dos sprinklers que a gente precisava visualizar como o teto de um quarto. Depois dizia:

— Não é que eles me espancassem ou me obrigassem a beber sangue satânico. Nada disso. Eles só gostavam mais do meu irmão porque ele era mutilado.

E Evie cruzava para o palco central, perto da mesa de cabeceira colonial, para roubar a cena.

— Você tinha um irmão mutilado?

Alguém nos observando tossia. Ás vezes a luz cintilava num relógio de pulso.

— É... ele era muito mutilado, mas não de um jeito sexual. Mesmo assim, houve um final feliz. Ele morreu.

E com muita intensidade, Evie indagava:

— Mutilado como? Era o seu único irmão? Mais velho ou mais novo?

Eu me jogava para fora da cama e sacudia o cabelo.

— Não, é doloroso demais.

— Não, é sério — insistia Evie. — Não estou brincando.

— Ele era uns dois anos mais velho que eu. Teve o rosto todo destruído num acidente com um spray de cabelo, e daí em diante meus pais esqueceram totalmente que também tinham uma filha. — Eu enxugava os olhos nos travesseiros de imitação. Depois virava para a plateia. — De modo que eu continuei me esforçando, cada vez mais, para que eles também pudessem me amar.

Evie fixava o olhar no espaço e dizia:

— Ah, que merda! *Ah, que merda!* — Seu trabalho como atriz era tão verdadeiro que simplesmente anulava o meu.

— É... ele não precisava batalhar pela coisa. Era tão fácil. Só por ficar todo queimado e cheio de cicatrizes ele atraía todas as atenções.

Evie se aproximava de mim.

— Então, onde o seu irmão está agora... você sabe, pelo menos?

— Está morto — dizia eu, e virava para a plateia. — Morto pela AIDS.

— Como você tem certeza?

— Evie!

— Não, é sério. Estou querendo uma razão.

— A gente simplesmente não brinca com a AIDS.

— Isso é *quase* impossível.

É com essa facilidade que o enredo acaba saindo dos trilhos. Com todos aqueles fregueses esperando um drama verdadeiro, é claro, acho que Evie só está inventando troços.

— Você realmente viu seu irmão morrer? — Evie queria saber. — De verdade? Ou só viu o cadáver? Num caixão, você sabe, com música, ou o atestado de óbito?

Toda aquela gente continuava olhando.

— É... quase — digo. Como se eu quisesse ser apanhada numa mentira!

Evie me encurralava, perguntando:

— Mas você viu seu irmão morto ou não viu?

Todas aquelas pessoas assistindo.

— Morto o suficiente.

— Onde?

— Isso é muito doloroso. — Cruzo o palco direto para a Sala de Visitas.

Evie vai atrás de mim, insistindo:

— Onde?

Todas aquelas pessoas observando.

— No hospício.

— Que hospício?

Eu continuo a cruzar o palco, indo diretamente para a próxima sala de estar, a próxima sala de jantar, o próximo dormitório, o próximo gabinete ou o próximo escritório doméstico, com Evie na minha cola e a plateia sempre perto de nós.

— Você sabe como é — tento explicar. — Se você não vê um cara gay durante muito tempo, pode ter quase certeza que ele morreu.

— Então, na realidade, você não sabe se ele está morto? Atravessamos correndo o dormitório seguinte, a sala de estar seguinte, a sala de jantar seguinte, o quarto das crianças seguinte, e digo:

— Foi a AIDS, Evie. Fim de papo.

Então Evie simplesmente para e pergunta:

— Por quê?

E a plateia já começa a me abandonar, indo em mil direções.

Porque eu quero muito, muito, muito mesmo, que meu irmão esteja morto. Porque meus pais querem que ele esteja morto. Porque a vida será simplesmente *mais fácil* enquanto ele estiver morto. Porque assim vou ser filha única. Porque é a minha vez, cacete. A minha vez.

E a multidão de fregueses se afasta. Só eu e Evie ficamos, Vigiadas pelas câmeras de segurança, em vez de Deus, para nos pegar quando fizermos alguma cagada.

— Por que isso é tão importante para você? — quero saber.

E Evie já está se afastando de mim, dizendo:

— Não há razão nenhuma. — Perdida em seu próprio pequeno circuito fechado, lambendo o próprio cu, Evie conclui: — Não é por nada. Esqueça.

CAPÍTULO SEIS

No planeta Brandy Alexander, o universo é comandado por um sistema de deuses e deusas bastante sofisticado. Alguns desses seres são malignos, enquanto outros são o extremo da bondade. Marilyn Monroe, por exemplo. Ou Nancy Reagan e Wallis Warfield Simpson. Alguns dos deuses e das deusas já morreram. Outros estão vivos. Muitos são cirurgiões plásticos.

O sistema muda. Deuses e deusas vêm e vão, passando por cima uns dos outros para mudar de status.

Lá do céu, Abraham Lincoln transforma nosso carro numa bolha flutuante de ar com cheiro de novo, que roda com total suavidade. Brandy diz que esta semana Marlene Dietrich estã encarregada do tempo. Estamos vivendo o enfado de outono. Vamos percorrendo a Rodovia Interestadual 5 debaixo de céus cinzentos, dentro do caixão azul de um Lincoln Town alugado. Seth está ao volante. É assim que nós sempre Viajamos, com Brandy na frente e eu no assento detrás. São três horas de lindas paisagens entre Vancouver, na Colúmbia Britânica, e Seattle. Vamos atravessando tudo isso. O asfalto e a combustão interna levam nossa limusine Lincoln para o sul.

Viajar dessa forma dá a impressão de assistir ao mundo pela televisão. As janelas elétricas estão todas levantadas, de modo que o planeta Brandy Alexander tem uma atmosfera azul, quente, tranquila e silenciosa. A temperatura constante é de 21 graus. Todo o mundo exterior, feito de árvores e rochas, vai passando em miniatura atrás do vidro curvo. Ao vivo, por satélite. Nós somos o pequeno mundo de Brandy Alexander, passando por tudo feito um foguete.

Dirigindo sem parar, Seth pergunta:

— Vocês já pensaram na vida como uma metáfora da televisão?

Nossa regra é desligar o rádio enquanto Seth dirige. Sempre que ouve uma canção de Dionne Warwick, Seth abre o berreiro e esguicha aquelas grandes lágrimas de Estinyl, sacudindo o corpo com grandes soluços de Provera. Se Dionne Warwick começa a cantar uma canção de Burt Bacharach, nós simplesmente precisamos parar, ou com toda certeza vamos sofrer um acidente.

As lágrimas, o progressivo arredondamento do rosto de Seth, com o sumiço dos ângulos marcantes embaixo do supercílio e das faces, o gesto de erguer a mão para torcer o mamilo através da camisa, enquanto a boca se abre e os olhos reviram para trás, são efeitos dos hormônios. Os estrogênios

combinados, o Premarin, o estradiol comum, o estradiol etinil, todos conseguiram se infiltrar no refrigerante dietético de Seth. É claro, há perigo de danos ao fígado com os níveis atuais de overdose diária. Talvez já haja dano ao fígado, câncer ou coágulos no sangue, trombose, em termos médicos, mas estou disposta a correr o risco. Claro, tudo isso é só por diversão. Para observar os peitos dele se desenvolverem. Ver aquela pinta de macho-ímã-de-gatas virar banha e ele tirar soneca à tarde. Tudo isso é bacana, mas se ele morresse eu teria campo livre para explorar outros interesses.

Dirigindo sem parar, Seth prossegue:

— Vocês não acham que de certa forma a televisão nos transforma em Deus?

Essa introspecção é nova. A barba dele anda crescendo mais devagar. Devem ser os antiandrogênios sufocando a testosterona. A retenção de água ele pode ignorar. A melancolia. Pelo espelho retrovisor, vejo uma lágrima escorrer de um dos olhos e rolar pelo rosto.

— Eu sou o único que liga para esses assuntos? — diz ele. — Sou o único neste carro que sente alguma coisa real?

Brandy está lendo um livro. Quase sempre, Brandy está lendo a brochura reluzente de algum cirurgião plástico sobre vaginas, cheia de fotos coloridas, mostrando com perfeição visual como a uretra deve estar alinhada para assegurar que o fluxo da urina siga para baixo. Outras fotos mostram como um clitóris de primeira qualidade deve ficar encoberto. Essas vaginas têm preços que chegam a cinco dígitos, entre dez e vinte mil dólares. São melhores do que as verdadeiras. Quase sempre Brandy mostra as fotos para nós.

Corta para três semanas antes, quando fomos a uma mansão em Spokane, Washington. Era um castelo de granito em South Hill, com vista para a cidade das janelas do banheiro. Eu estava sacudindo cápsulas de Percodan para fora de um frasco marrom e colocando tudo dentro da divisória apropriada na minha bolsa. Brandy Alexander estava procurando uma tábua de esmeril limpa embaixo da pia quando encontrou o tal livro.

Agora todos os outros deuses e deusas foram eclipsados por uma nova divindade.

Corta de volta para Seth. Examinando meus seios pelo espelho retrovisor, ele comenta:

— A televisão realmente nos transforma em Deus.

Quero tolerância.

Flash.

Quero compreensão.

Flash.

Mesmo depois de todas essas semanas na estrada comigo, os gloriosos e vulneráveis olhos azuis de Seth ainda não me encaram. Sua nova introspecção melancólica, ele pode ignorar. As pílulas já tiveram um efeito colateral tão grande nos olhos dele, acentuando tanto a curvatura da córnea, que ele não consegue usar lentes de contato. As lentes saltam dos olhos. Isso só pode ser a combinação dos estrogênios no suco de laranja toda manhã. Ele pode ignorar tudo disso.

Só pode ser o Androcur no chá gelado que Seth toma no almoço, mas ele nunca vai descobrir isso. Nunca vai me pegar.

A rainha suprema Brandy Alexander continua lendo o livro, com os pés em meias de náilon apoiados no painel do carro.

— Quando você assiste aos dramalhões diários, pode vigiar qualquer pessoa — diz Seth. — Há uma vida diferente em cada canal, e quase toda hora as vidas mudam. A mesma coisa acontece nesses sites da internet com imagens ao vivo. Você pode ver o mundo todo sem ninguém saber.

Há três semanas, Brandy vem lendo aquele livro.

— A televisão deixa a gente espionar até as partes sexuais da vida de todo mundo — continua Seth. — Isso não faz sentido?

Talvez, mas só para quem todo dia mete no organismo quinhentos miligramas de progesterona micronizada.

Alguns minutos de paisagem passam atrás do vidro. São apenas montanhas enormes, velhos vulcões extintos, a maioria das coisas que você encontra ao ar livre. Esses eternos temas naturais da natureza. Matérias-primas em seu estado mais primitivo. Sem refinamento. Rios sem melhorias. Montanhas mal conservadas. imundície. Plantas crescendo na terra. Clima.

— E se você acredita que nós realmente temos livre-arbítrio, sabe que Deus não pode nos controlar, na verdade. — Seth larga o volante e agita as mãos no ar para reafirmar sua opinião. — E como Deus não consegue nos controlar, só pode assistir e mudar de canal quando fica entediado.

Em algum lugar fica o céu, e ali você aparece ao vivo num site da internet onde Deus surfa.

Brandycam.

Com os tais sapatos que prendem pernas vazios no chão, Brandy lambe o dedo indicador e vira vagarosamente a página.

Petroglifos de aborígenes antigos e sucata acabam de passar ventando.

— O que quero dizer é que talvez a tevê nos transforme em Deus — diz Seth. — E pode ser que nós não passemos da televisão de Deus.

Pelo acostamento de cascalho, alguns alces ou sei lá o quê vão trotando sobre quatro patas.

— Ou Papai Noel — acrescenta Brandy por trás do livro. — Papai Noel vê tudo.

— Papai Noel é só uma historinha — retruca Seth. — Ele é só o número de abertura no show de Deus. Papai Noel não existe.

Corta para a tal caça às drogas três semanas antes em Spokane, Washington, quando Brandy Alexander derreou o corpo na suíte principal e começou a ler. Peguei 32 Nembutals, que foram parar dentro da minha bolsa. Eu não como a mercadoria. Enquanto Brandy lia, experimentei todos os batons nas costas da minha mão. Ela continuou refestelada em um zilhão de almofadas rendadas no centro de um colchão d'água king-size. Ainda lendo.

Coloquei na minha bolsa um pouco de estradiol com prazo de validade vencido e meio batom azulado. Lá embaixo, o corretor perguntou: “Está tudo bem por aí?”

Corta para nós na Rodovia Interestadual 5 , passando por Um cartaz:

Alimentos limpos e preços familiares logo adiante no Karver Stage Stop Café.

Corta para Spokane: naquela casa não encontramos nada de Azul-Ardente, Rosa-Ferrugem ou Sonhos Purpúreos.

Ele não queria nos apressar, disse o corretor na escada, mas havia algo que precisávamos saber? Tínhamos alguma pergunta sobre qualquer coisa?

Meti a cabeça na suíte principal, e o edredom branco do colchão d’égua ainda sustentava Brandy Alexander, que lia. Embora respirasse, ela parecia morta.

Ah, o cetim lilás bem cortado da bainha enfeitada com pérolas.

Ah o cashmere âmbar em camadas cercado por seda em forma de topázios multifacetados.

Ah, o bolero de vison com armação de arame deslizante.

Precisávamos ir.

Brandy segurava o livro aberto sobre os peitos turbinados que apontavam para cima. O rosto Rosa-Ferrugem cercado pela cabeleira acobreada e as almofadas rendadas. Os olhos purpúreos exibiam a dilatação de uma overdose de torazina.

A primeira coisa que eu quero saber é que droga ela tomou.

A capa do livro mostrava uma loura bonita. Magra como um fio de espaguete. Com um sorriso bonito e magro. O cabelo da loura era uma foto de satélite do Furacão Louro ao largo da costa oeste do mãe dela. O rosto era de uma deusa grega com cílios longos e muito delineador nos olhos, tal como Betty, Veronica e todas as outras garotas populares na escola em Riverdale. Pérolas brancas envolvem seus braços e pescoço. Pode haver diamantes cintilando aqui e ali.

A capa do livro ostentava um título: Miss Rona.

Os tais sapatos que capturam as pernas de Brandy Alexander estavam sujando de terra todo o edredom branco do colchão d'água e ela disse:

— Descobri quem é o verdadeiro Deus.

O corretor estava a dez segundos dali.

Corta para todas as maravilhas da natureza passando rapidamente por nós: coelhos, esquilos e cascatas imponentes. Isso é o pior. Toupeiras cavando tocas subterrâneas. Pássaros fazendo ninhos.

— A princesa B. A. é Deus — diz Seth para mim pelo espelho retrovisor.

Corta para o corretor de Spokane gritando escada acima. Os proprietários do castelo de granito já entraram na alameda da garagem.

Brandy Alexander, com os olhos dilatados, quase sem respirar num colchão d'água em Spokane, diz:

— Rona Barrett. Rona Barrett é meu novo Ser Supremo.

Corta para Brandy na limusine Lincoln dizendo:

— Rona Barrett é Deus.

Em torno de nós, a erosão e os insetos estão simplesmente roendo o mundo, sem se importar com as pessoas e a poluição. Tudo se biodegrada, quer você esteja ou não contribuindo para isso. Verifico se minha bolsa tem espironolactonas suficientes para o lanche da tarde de Seth. Outro cartaz passa por nós:

Delicioso cereal Farelo Fase Mágica — Ponha algo bom na sua boca.

— Na sua autobiografia, Miss Rona, publicada pela Bantam Books num acordo com a Nash Publishing Corporation, na Sunset Boulevard, Los Angeles, Califórnia, *copyright* de 1974, Miss Rona nos conta como ela começou a vida, como uma garotinha judia gorda do Queens com um nariz grande e uma misteriosa doença muscular — declara Brandy, inspirando profundamente o ar com cheiro de carro novo. — E depois continua: — A moreninha gorda se reinventa como uma celebridade loura superestelar, e um símbolo sexual máximo pede para meter ao menos alguns centímetros de seu pênis nela.

Nem uma só língua nativa sobrou entre nós.

Outro cartaz:

Na hora do próximo sundae, grite por leite gelado Tooter!

— Essa mulher sofreu muito — Brandy nos conta. — Bem aqui, na página 125, ela quase se afoga no próprio sangue! Rona tinha acabado de operar o nariz. A mulher só ganhava cinquenta paus por história, mas economizou o bastante para fazer uma plástica de mil dólares no nariz! É o seu primeiro milagre. Então, Rona está no hospital, após a operação plástica no nariz, com a cabeça enrolada como uma múmia, quando uma amiga entra e diz que corre o boato em Hollywood de que ela é lésbica. Miss Rona, lésbica! E claro que isso não é verdade. A mulher é uma deusa, de modo que ela grita, grita e grita até que uma artéria na garganta simplesmente arrebenta.

— Aleluia — diz Seth, já com as lágrimas correndo de novo.

Brandy lambe a ponta do seu grande dedo indicador, folheia algumas páginas e continua:

— E aqui, na página 222, Rona é mais uma vez rejeitada por seu namorado calhorda com quem passou 11 anos. Ela vem tossindo há semanas, de modo que toma um monte de pílulas e é encontrada quase em coma, morrendo. Até a ambulância...

— Deus seja louvado — diz Seth.

Diversas plantas nativas estão crescendo simplesmente onde querem.

— Seth, meu bem, não atropele minhas palavras — dizem os lábios azulados de Brandy. — Até o motorista da ambulância pensou que nossa Miss Rona seria vítima de uma overdose de drogas.

Nuvens compostas de vapor d'água estão lá em cima no, você sabe, céu.

— Agora, Seth — Brandy ordena.

— Aleluia! — diz Seth.

As margaridas silvestres passando celeremente por nós são apenas a genitália de uma forma de vida diferente.

— Então o que você está dizendo? — pergunta Seth.

— No livro Miss Rona, *copyright* de 1974, Rona Barrett... que tinha seios enormes aos nove anos de idade e queria cortar tudo com uma tesoura... ela nos conta no prólogo do livro que parecia um animal, de barriga aberta, com todos ' os órgãos vitais reluzindo e tremendo, você sabe, o fígado e o intestino grosso. Era o maior visual, com tudo meio que gotejando e pulsando. De qualquer maneira, ela podia esperar que alguém viesse costurar tudo de novo, mas sabe que ninguém virá. Precisa pegar agulha e linha para se costurar sozinha.

— Que nojeira — diz Seth.

— Miss Rona fala que nada é nojento — retruca Brandy — Miss Rona fala que o único modo de descobrir a verdadeira felicidade é se arriscar a ser totalmente cortada.

Bandos de passarinhos nativos absortos parecem obcecados por encontrar alimento e pegar os pedaços com o bico.

Brandy mexe no espelho retrovisor até encontrar meu reflexo e me chama:

— Bubba-Joan, querida?

É óbvio que os pássaros nativos precisam construir seus próprios ninhos faça-você-mesmo usando materiais que eles arranjam no local. Os pequenos gravetos e folhas são simplesmente amontoados.

— Bubba-Joan — diz Brandy Alexander. — Por que você não se abre para nós contando uma história?

— Lembra daquela ocasião em Missoula em que a princesa ficou tão chapada que comeu os supositórios Nebalino embrulhados em papel dourado, achando que eram de amêndoa? — Seth incentiva. — Fale das suas overdoses semiconscientes.

Pinheiros estão produzindo pinhões. Esquilos e mamíferos de ambos os sexos passam todo o dia tentando transar. Ou parindo filhotes vivos. Ou então comendo seus filhotes.

— Seth querido? — Brandy diz.

— Sim, mãe.

O que apenas parece bulimia é a forma como as águias carecas alimentam seus filhotes.

— Por que você precisa seduzir toda coisa viva que encontra? — Brandy pergunta a Seth.

Outro cartaz:

Nubby é a churrascaria onde você precisa parar e conferir asas de galinha gostosas e cheirosas.

Outro cartaz:

Mordida de Leite — A goma de mascar temperada com a gostosura e as poucas calorias do queijo real.

Seth dá uma risada, fica ruborizado, enrola um pouco de cabelo no dedo e diz:

— Você me faz parecer tão sexualmente compulsivo.

Misericórdia. Perto dele, eu me sinto tão masculinizada.

— Ah, neném. Você não lembra de metade das pessoas com quem já andou. Bem que eu queria poder esquecer.

Para os meus seios no espelho retrovisor, Seth diz:

— Nós só perguntamos aos outros como foi o fim de semana deles para poder contar como foi o nosso fim de semana.

Calculo que com mais alguns dias de progesterona micronizada em dose aumentada e Seth vai criar seus próprios peitos. Os efeitos colaterais que eu preciso vigiar incluem náusea, vômito, icterícia, enxaqueca, cãibras abdominais e tontura. A gente tenta se lembrar dos níveis exatos de toxicidade, mas por que se preocupar?

Uma placa passa informando: Seattle, 200 quilômetros.

— Vamos ver aquelas entranhas reluzentes e tremelicantes, Bubba-Joan — ordena Brandy Alexander, Deus e mãe de nós todos. — Conte uma história pessoal nojenta. Arrombe o seu eu. E depois costure o seu eu.

Ela passa para trás um bloco de receitas e um lápis de sobrancelhas roxo.

CAPÍTULO SETE

Corta lá para o último Dia de Ação de Graças, antes do meu acidente, quando vou para casa jantar com minha família. Isso aconteceu quando eu ainda tinha rosto e não ficava tão afrontada com alimentos sólidos. Cobrindo toda a mesa de jantar há uma toalha da qual não me recordo, em tom azul-escuro adamascado muito bonito, com uma borda de renda. Não é algo que eu esperaria que minha mãe comprasse, de modo que pergunto se alguém deu isso para ela.

Mamãe está acabando de sentar à mesa e desdobrando o guardanapo azul adamascado, com tudo fumegando entre mim, ela e meu pai. As batatas-doces debaixo da camada de marshmellows. O enorme peru marrom. Os pãezinhos estão dentro de um pano acolchoado, costurado sob a forma de uma galinha. Você levanta as asas para pegar o pãozinho. Há uma bandeja de vidro lapidado com picles doces e aipo, cheia de manteiga de amendoim.

— Deu o quê? — pergunta mamãe.

A toalha de mesa nova. É muito bonita.

Meu pai suspira e enfia a faca no peru.

— Não era para ser uma toalha de mesa inicialmente explica mamãe. — Eu e seu pai desistimos do nosso plano original.

A faca é cravada repetidas vezes, e meu pai começa a retalhar nosso jantar.

— Você sabe o que é uma colcha em memória da AIDS? — mamãe pergunta.

Corta para o ódio que eu sinto do meu irmão nesse momento.

— Comprei esse tecido porque pensei que daria um belo painel para Shane — mamãe prossegue. — Mas nós começamos a ter problemas com o que costurar aí.

Quero amnésia.

Flash.

Quero outros pais.

Flash.

— A sua mãe não queria magoar ninguém — diz papai. Ele arranca uma coxa do peru e começa a passar a carne para um prato. — Com esses troços gays você precisa ser muito cuidadoso, pois tudo significa algo num

código secreto. Quer dizer, nós não queríamos dar às pessoas uma ideia errada.

Minha mãe se inclina para me servir batatas-doces.

— Seu pai queria uma borda preta, mas preto com fundo azul significaria que Shane ficava excitado com acessórios sexuais de couro. Você sabe: servidão e disciplina, sadomasoquismo. E, na verdade, esses painéis são para ajudar as pessoas que sobreviveram.

— Desconhecidos viriam nos visitar e ver o nome de Shane — papai acrescenta. — Não queríamos que eles pensassem coisas.

Todos os pratos começam sua vagarosa marcha no sentido horário em torno da mesa: o recheio, as azeitonas, o molho de mirtilo.

— Eu queria triângulos cor-de-rosa, mas todos os painéis têm triângulos cor-de-rosa — diz mamãe. — É o símbolo nazista para homossexuais. Seu pai sugeriu triângulos pretos, mas isso significaria que Shane era lésbico. O triângulo preto lembra os pelos púbicos femininos.

— Então eu quis uma borda verde — diz papai —, mas acontece que isso significaria que Shane era um prostituto.

— Nós quase escolhemos uma borda vermelha, mas isso significaria *fucking*. Marrom significaria coprofilia ou lambidas anais, não conseguimos descobrir qual.

— Amarelo significa esportes aquáticos informa meu pai.

— Um tom mais claro de azul significaria simplesmente sexo oral comum — diz mamãe.

— Branco simples significaria anal — continua meu pai. — Branco também podia significar que Shane ficava excitado com homens de cueca. Não me lembro qual das duas coisas.

Minha mãe me passa a galinha acolchoada, com os pãezinhos ainda quentes lá dentro.

A ideia é ficarmos ali sentados, comendo, com Shane morto estendido na mesa diante de nós.

— Nós acabamos desistindo, e eu fiz essa bela toalha de mesa com o material — conclui mamãe.

Entre as batatas-doces e o recheio, papai baixa o olhar para seu prato e pergunta:

— Você sabe o que é coprofilia?

Sei que isso não é assunto para a hora de jantar.

— E *fucking*? — indaga mamãe.

Eu digo que sei, sem mencionar Manus e as revistas pornôs vocacionais.

Ficamos sentados ali em torno daquela mortalha azul. Mais do que nunca, o peru parece o cadáver de um enorme animal assado, com o recheio carregado de órgãos ainda reconhecíveis: o coração, a moela, o fígado, o molho espesso com gordura e sangue cozidos. O centro de mesa florido poderia estar enfeitando um caixão.

— Pode passar a manteiga, por favor? — pede minha mãe. Para meu pai ela diz: — Você sabe o que é *felcbing*?

Isso é demais. Shane está morto, mas continua atraindo mais atenção do que antes. Meus pais querem saber por que eu nunca venho para casa, e o motivo é esse. Não aguento toda essa conversa horrível e nojenta sobre sexo num jantar de Ação de Graças. É só Shane isso, Shane aquilo. É triste, mas o que aconteceu com Shane não foi culpa minha. Sei que todo mundo pensa que foi. A verdade é que Shane destruiu esta família. Ele era mau e mesquinho, e agora está morto. Eu sou boa e obediente, mas sou ignorada.

Silêncio.

Tudo aconteceu quando eu tinha 14 anos. Por engano, alguém pôs uma lata de laquê cheia no lixo. Era função de Shane queimar o lixo. Ele tinha 15 anos. Foi despejar o lixo da cozinha no barril, onde o lixo do banheiro já estava queimando, e a lata de laquê explodiu. Foi um acidente.

Silêncio.

O que eu queria era que meus pai falassem sobre mim. Eu contaria que eu e Evie estávamos gravando um novo infomercial. Minha carreira de modelo estava deslanchando. Eu queria falar do meu novo namorado, Manus, mas não. Seja bom ou mau, vivo ou morto, Shane ainda atrai todas as atenções. Eu só consigo ficar com raiva.

— Escutem aqui — explodo. — Eu sou o último rebento que vocês têm vivo, de modo que é bom começar a me dar mais atenção.

Silêncio.

— *Felching* — Baixo a voz. já estou calma. — *Felcbing* é um homem foder o cu de alguém sem camisinha. Depois de gozar, ele planta a boca no seu ânus para sugar o próprio esperma quente, mais os lubrificantes e as fezes que estejam presentes. Isso é *felching*. Pode ou não incluir um beijo na outra pessoa, passando o esperma e a matéria fecal Para a boca.

Silêncio.

Quero controle. Quero calma. Quero autodomminio,

Flash.

As batatas-doccs estão bem como eu gosto, carameladas, mas crocantes por fora. O recheio está um Pouco seco. Passo a manteiga para minha mãe.

Meu pai pigarreia.

— Caroço. Acho que sua mãe queria dizer “fatiar”. O peru sabe?

Silêncio.

Digo: Ah. Depois: Desculpem.

Nós comemos.

CAPÍTULO OITO

Eu nunca pensei em contar o acidente aos meus país. Um telefonema interurbano com um papo choroso sobre a bala e a sala de emergência? Não é por aí. Logo que consegui escrever uma carta, avisei meus pais que eu ia fotografar para o catálogo da Espre em Cancún, no México.

Seriam seis meses de diversão e areia, só tentando chupar as rodelas de limão das garrafas de cerveja mexicana de gargalo comprido. Os homens simplesmente adoram ver as gatas fazerem isso. Vá descobrir por quê. Homens.

Ela adora roupas da Espre, escreve minha mãe de volta. E escreve que, como eu estarei no catálogo da Espre, talvez consiga para ela um desconto nas encomendas de Natal.

Lamento, mamãe. Lamento, Deus.

Ela escreve de volta: Bem, fique bonita para nós. Amor e beijos.

Na maioria das vezes, é simplesmente muito mais fácil não deixar o mundo saber o que está errado. Meus pais, eles me chamam de Caroço. Fui o caroço dentro do estômago de mamãe por nove meses; eles me chamam de Caroço desde que nasci. Moram a duas horas de carro da minha casa, mas nunca vou até lá. Eles não precisam saber todos os detalhes a meu respeito.

Numa carta, minha mãe escreve:

“Pelo menos com seu irmão, nós sabemos se ele está morto ou vivo.”

Meu irmão morto, o Rei da Cidade dos Viados. O mais votado em tudo. O rei do basquetebol até fazer 16 anos, e seu exame de garganta inflamada revelar uma gonorréia Eu só sei que odiava meu irmão.

“Não é que não amemos você”, escreve minha mãe em uma carta, “nós só não demonstramos isso.”

Além disso, a histeria só é possível com uma plateia. Você sabe o que precisa fazer para sobreviver. As pessoas Simplesmente sacaneiam você com suas reações, ao ficarem horrorizadas com o que aconteceu. Primeiro, as pessoas da sala da emergência, deixando que você passe na frente delas. Depois, a freira franciscana gritando. Depois a polícia com o lençol hospitalar.

Corta para a época em que você era bebê e só podia comer comida de bebê. Você ia cambaleando até a mesa de café. Você está de pé e precisa ir bamboleando em cima dessas pernas de salsicha vienense para não cair.

Então você chega à mesa do café e bate sua enorme cabeça macia de bebê no canto pontudo.

Você cai e, cara, ah, cara, como dói. Ainda assim não é trágico, até mamãe e papai virem correndo.

Ah, pobre coisinha corajosa.

Só então você chora.

Corta para Brandy, eu e Seth subindo ao topo da Agulha Espacial em Seattle, Washington. É a nossa primeira parada depois da fronteira do Canadá, com exceção daquela que demos a fim de comprar para Seth um café (com creme, açúcar e Climara) e uma Coca-Cola (com muito Estrace, sem gelo). São 11 horas e a Agulha Espacial fecha a meia-noite. Seth diz que há dois tipos de gente no mundo.

A princesa Alexander queria primeiro encontrar um bom hotel, um lugar que tivesse manobristas e banheiros azulejados. Talvez tenhamos tempo para uma festa antes que ela precise sair para vender os medicamentos

— Digamos que você vencesse um programa de jogos e pudesse escolher entre uma sala de estar completa da Broyhill, com cinco peças e preço sugerido de três mil dólares... ou... uma viagem de dez dias para o charme europeu do Velho Mundo. — Seth exemplifica os dois tipos de gente. Ele já saiu da via expressa. Estamos seguindo entre armazéns escuros, dobrando em direção a cada imagem fugaz que entrevemos da Agulha Espacial.

A maioria das pessoas, diz Seth, escolheria a sala de estar.

— É que elas simplesmente querem ter algo a mostrar pelo seu esforço — ele explica. — Como os faraós e suas pirâmides. Diante dessa escolha, muito poucas pessoas ficariam com a Viagem, mesmo que já tivessem uma ótima sala de estar.

Ninguém está estacionado nas ruas em torno do Seattle Center. As pessoas estão todas em casa vendo televisão ou sendo televisão, se você acredita em Deus.

— Preciso mostrar a vocês onde o futuro terminou — diz Seth. — Quero que nós sejamos pessoas do tipo que escolhe a viagem.

Segundo Seth, o futuro terminou em 1962, na Feira Mundial de Seattle. Aquilo era tudo que deveríamos ter herdado: o sonho lunar dentro de uma década... asbestos como nosso amigo milagroso... o mundo movido

a energia nuclear e combustíveis fósseis da Era Espacial, em que você podia subir para visitar o prédio de apartamentos semelhante a um disco voador dos Jetsons, e depois pegar o monotrilho até o centro da cidade para se divertir com a moda de chapéus redondos na Bon Marché.

Toda aquela esperança, ciência, pesquisa e sofisticação foram abandonadas aqui em ruínas.

A Agulha Espacial.

O Centro de Ciência com seus domos rendilhados e globos de luz pendurados.

O monotrilho passando velozmente, revestido de alumínio escovado.

É assim que as nossas vidas deviam ser.

Vá até lá. Faça a viagem, diz Seth. Vai partir seu coração. Porque aqueles Jetsons da criada-robô Rosie, dos carros semelhantes a discos voadores e das "camas-torradeiras" que cospem você para fora de manhã... parecem ter sub-locado a Agulha Espacial para os Flintstones.

— Vocês sabem... Fred e Wilma — diz Seth. — A lata de lixo que na realidade é um porco que vive debaixo da pia. Toda a mobília feita de ossos e pedras. Cúpulas de abajur feitas com pele de tigre. O aspirador de pó de Wilma é um filhote de elefante. Ela afofa as pedras. Os dois deram ao bebê o nome de "Pedrita".

Ali estava o nosso futuro: comida cheia de queijo, propelentes de aerosol, isopor e Club Med na Lua, rosbife servido num tubo de pasta de dentes.

— Refresco em pó ou café da manhã com os astronautas — Seth prossegue. — As pessoas que vêm aqui agora usam sandálias de couro feitas por elas mesmas. Dão aos filhos nomes como Zilpa e Zebulum, que tiram do Antigo Testamento. E comem muita lentilha.

Seth funga e passa a mão pelas lágrimas nos olhos. É o Estrace, só isso. Ele deve estar entrando na pré-menstruação.

— As pessoas que vão à Agulha Espacial agora deixam em casa lentilhas embebidas em água e caminham pelas ruínas do futuro como fizeram os bárbaros ao encontrar as ruínas gregas, dizendo a si próprios que só Deus poderia ter construído aquilo.

Ele estaciona debaixo de uma das grandes pernas de aço do tripé que sustenta a Agulha Espacial. Nós descemos do carro e olhamos para as pernas que se elevam acima de nós: o restaurante baixo, o restaurante alto que gira, depois o deque de observação no topo. E depois as estrelas.

Corta para o triste momento em que compramos nossos ingressos e entramos no grande elevador de vidro que desliza pelo meio da Agulha Espacial. Estamos na gaiola de vidro e latão dessa festa dançante em direção às estrelas. Ao subir, quero ouvir música hipoalergênica da gravadora Telestar, intocada por mãos humanas. Qualquer coisa gerada por computador e tocada num sintetizador Moog. Quero dançar num vôo da TWA rumo à Lua, onde gatos e gatas legais fazem o purê de batata em gravidade zero e engolem pílulas deliciosas como petiscos.

Quero isto.

Quando conto isto para Brandy Alexander, ela vai direto dançar junto às janelas de vidro e latão. Como estamos subindo, porém, as forças G fazem com que ela pareça estar dançando em Marte, onde você pesa 360 quilos.

A parte triste é que o cara que comanda o elevador, metido num uniforme multicolorido, não entende o lance do futuro. O cara não consegue captar o lado divertido do momento e olha para nós como se fôssemos aqueles filhotes de cachorro que você vê atrás da vitrine em lojas de animais nos centros comerciais suburbanos. Como se fôssemos aqueles filhotes com meleca amarela nos olhos e no cu. Você sabe que eles nunca terão outro movimento intestinal sólido, mas ainda assim estão à venda por seiscentos dólares cada um. Aqueles filhotes são tão tristes que até universitárias gorduchas com penteados feios passam horas batendo no vidro e dizendo: “Eu ti amu, bichinho. Mamãe ti ama, miudinho.”

O futuro é simplesmente desperdiçado em algumas pessoas.

Corta para o deque de observação no topo da Agulha Espacial, onde não dá para ver as pernas de aço, de modo que parece que você está pairando sobre Seattle num disco voador, com um monte de suvenires para vender. Mas a maioria não é de suvenires do futuro. São camisetas ecológicas, roupas pintadas à mão e troços tingidos de algodão natural que você não pode lavar com nada porque sempre soltam tinta. Gravações de baleias cantando enquanto fazem sexo. E outros troços que eu odeio.

Brandy sai à procura de relíquias e artefatos do futuro. Acrílico. Plástico. Alumínio. Isopor. Rádio.

Seth vai até o balaústre e se inclina sobre as redes e aguilhões contra suicidas. O aguilhão é algo que remete de volta ao século XXI. O vento sopra meu cabelo naquela escuridão em direção a Seattle, e minhas mãos

ficam brancas com a força com que agarro o balaústre, onde milhões de mãos antes de mim agarraram a ponto de soltar a tinta.

Dentro das roupas de Seth, em vez das placas de músculo duro que costumavam me enlouquecer, agora a banha empurra a camisa por cima do cinto. É o Premarin. Aquela barba sensual das cinco da tarde está desaparecendo por causa do Proveta. Até os dedos de Seth estão inchados em torno do velho anel com uma grande pedra circundada por várias inscrições.

O fotógrafo na minha cabeça diz:

Quero paz.

Flash.

Quero liberdade.

Flash.

Seth iça o corpo inchado de água e senta no balaústre. As borlas dos seus mocassins escoceses balançam acima das redes. A gravata esvoaça sobre o nada e a escuridão.

— Eu não tenho medo. — Ele estica a perna e deixa o mocassim pender dos dedos de um dos pés.

Eu aperto os véus em torno do pescoço, de modo que as pessoas que não me conhecem pensarão, como meus pais, que ainda sou feliz.

— A última vez que fiquei assustado nesta vida foi na noite em que fui pego tentando matar você. — Seth olha para as luzes de Seattle e sorri.

Eu também sorriria, sabe, se ainda tivesse lábios.

No futuro, no vento, na escuridão do deque de observação no topo da Agulha Espacial, Brandy Alexander, como a rainha suprema de marca registrada que é, vai até Seth e eu com suvenires do futuro. São cartões-postais. Brandy Alexander dá a cada um de nós um maço de cartões-postais tão descoloridos, com as pontas dobradas, manuseados e ignorados que sobreviveram por anos na parte de trás de uma estante giratória. Ali estão as imagens do futuro, com céus limpos e lavados de sol por trás da Agulha Espacial no dia da inauguração. Ali está o monotrilho cheio de gatas sorridentes em conjuntos estilo Jackie O, de pelo de camelo cor-de-rosa com três enormes botões forrados de tecido na frente. Crianças, com camisetas listradas e cabelos curtos como astronautas louros, correm pelo Centro de Ciência, onde todos os Chafarizes ainda funcionam.

— Contem ao mundo o que mais assusta vocês. — Brandy passa um lápis de sobrancelha roxo para cada um de nós. — Salvem o mundo com

algum conselho para o futuro.

Seth escreve nas costas de um cartão-postal e o entrega par a Brandy ler.

Em programas de jogos, lê Brandy, *algumas pessoas escolherão a viagem à França, mas a maioria preferirá o conjunto lavadora-secadora.*

Brandy põe um grande beijo azulado no pequeno quadrado para o selo. Depois deixa o vento levantar e levar o cartão na direção das torres no centro de Seattle.

Seth entrega a Brandy outro cartão, e Brandy lê:

Os programas de jogos se destinam a nos fazer sentir melhor a respeito dos fatos aleatórios e inúteis que são tudo que retemos da nossa educação.

Um beijo, e o cartão parte em direção ao lago Washington.

De Seth:

Quando o futuro deixou de ser uma promessa e virou uma ameaça?

Um beijo, e o vento leva o cartão na direção de Ballard.

Só quando consumirmos este planeta Deus nos dará outro. Seremos lembrados mais pelo que destruímos do que pelo que criamos.

A Interestadual 5 serpenteia a distância. Do alto da Agulha Espacial, as pistas que vão para o sul estão coalhadas de luzes vermelhas, e as que vão para o norte, de luzes brancas. Pego um cartão e escrevo:

Eu amo Seth Thomas tanto que preciso destruira pessoa dele. Supercompenso isso adorando a rainha suprema. Seth nunca me amará. Nunca mais alguém me amará.

Brandy está esperando para pegar o cartão e ler em voz alta o que está escrito. Ela quer ler para o mundo os meus piores medos, mas eu não lhe entrego o cartão. Eu mesma beijo o cartão com os lábios que não tenho e abro minha mão para o vento. O cartão sai voando para o alto rumo às estrelas e depois cai, pousando na rede de suicídio.

Enquanto observo meu futuro preso na rede de suicídio, Brandy lê outro cartão de Seth:

Nós estamos todos nos autoadubando.

Eu escrevo em outro cartão vindo do futuro, e Brandy lê:

Quando não sabemos quem odiar, nós nos odiamos.

Uma rajada ascendente levanta meus piores medos da rede de suicídio e leva tudo embora.

Seth escreve e Brandy lê:

Você precisa continuar se reciclando.

Eu escrevo e Brandy lê:

Nada em mim é original. Eu sou o esforço combinado de todos que já conheci.

Eu escrevo e Brandy lê:

Quem você ama e quem ama você nunca são a mesma pessoa.

Corta para nós descendo rápido e voltando da Lua para casa pela TWA. Eu, Brandy e Seth dançando no elevador de gravidade zero, uma gaiola dançante de vidro e latão. Brandy fecha o enorme punho ornado de anéis e manda o androide multicolorida, que tenta nos deter, relaxar, a menos que queira morrer na reentrada.

De volta à Terra no século XXI, nosso Lincoln alugado com o interior de caixão azul está esperando para nos levar a um hotel bom. No para-brisa há uma multa. Quando Brandy avança para rasgar a papeleta, vê que é um cartão-postal vindo do futuro.

Talvez meus piores medos.

Para Brandy ler em voz alta o cartão para Seth: *Eu amo Seth tanto que preciso destruir a pessoa dele...*

Mesmo que eu supercompense, ninguém vai me querer. Nunca. Seth, não. Meus pais, não. Você não pode beijar quem não tem lábios. Ah, me ame, me ame, me ame, me ame, me ame, me ame, me ame, me ame. Posso ser qual quer pessoa que você queira que eu seja

A mão enorme de Brandy Alexander levanta o cartão-postal. A rainha suprema lê os dizeres para si mesma, em silêncio, e mete o cartão na bolsa. A rainha diz:

— Nesse passo, nunca chegaremos ao futuro.

CAPÍTULO NOVE

Corta de volta para o dia em que Brandy lança um nada cintilante no ar acima da minha cabeça, e o consultório da fonoaudióloga em torno de mim fica dourado.

— Isso é *voile* de algodão — diz Brandy.

Ela lança outro punhado de nevoeiro, e o mundo vira um borrão dourado e verde.

— Georgete de seda — diz Brandy.

Ela lança um punhado de faíscas, e o mundo, isto é, Brandy, está sentada defronte de mim com uma cesta de costura de vime aberta no colo. Nós duas sozinhas, trancadas no consultório da fonoaudióloga, com o pôster de um gatinho na parede de tijolos cinzentos. Tudo assume um tom suave e brilhante, como que filtrado pela luz das estrelas. Cada aresta aguda é apagada ou atenuada atrás do verde e do dourado. A luz fluorescente parece estilhaçada.

— Véus — diz Brandy conforme cada cor assenta sobre mim. — Você precisa parecer que está cheia de segredos. Se vai enfrentar o mundo lá fora, srta. Saint Patience, não pode deixar que as pessoas vejam seu rosto. Assim você pode ir a qualquer lugar do mundo.

Nós simplesmente não podemos deixar que as pessoas saibam quem somos na realidade.

— Você pode levar uma vida completamente normal — Brandy garante.

Nós simplesmente não podemos deixar alguém se aproximar o bastante para descobrir a verdade.

— Em uma palavra... véus — diz Brandy.

Princesa dominadora que é, Brandy Alexander nunca pergunta o meu nome verdadeiro. O nome com que nasci. A srta. Mandona me dá imediatamente um novo nome, com um novo passado. Ela inventa um outro futuro para mim, sem conexões, exceto com ela, um culto todinho dela.

— Seu nome é Daisy Saint Patience — diz ela. — Você é a herdeira perdida da Casa de Saint Patience, o ateliê de altacostura, e na atual estação nosso produto são chapéus. Chapéus com véus.

— Jsfassjf ciacb sxi? — pergunto a ela.

— Você tem sangue aristocrata, de franceses que escaparam.

— Gwden aixa gklgfnv?

— Você foi criada em Paris e frequentava uma escola dirigida por freiras — Brandy prossegue.

Estilista trabalhadeira e precavida que é, Brandy Alexander já está tirando da bolsa um pedaço de tule cor-de-rosa, renda e uma rede de crochê, que arruma na minha cabeça.

— Você não precisa usar maquiagem. Nem se lavar. Um bom véu equivale a óculos escuros espelhados, só que na cabeça toda — ela explica.

Um bom véu equivale a ficar dentro de casa, diz Brandy. Enclausurada. Com privacidade. Ela lança chiffon amarelo brilhante sobre mim, e depois me enrola com náilon matizado de vermelho. Como no nosso mundo todos andam ombro a ombro, e as pessoas descobrem tudo sobre você ao primeiro olhar, um bom véu é a janela escura de sua limusine. Para o seu rosto, é como um telefone que não consta do catálogo. Atrás de um bom véu, você pode ser qualquer uma. Uma estrela de cinema. Uma santa. Um bom véu diz:

Nós *não fomos apresentados adequadamente.*

Você é o prêmio atrás da porta número três.

Você é a dama ou o tigre.

Nesse mundo em que ninguém consegue mais guardar um segredo, um bom véu diz:

Obrigado por NÃO compartilhar.

— Não se preocupe — Brandy garante. — Os outros preencherão as lacunas.

Tal como fazem com Deus, diz ela.

Nunca contei a Brandy que fui criada perto de uma fazenda. Era uma fazenda que criava porcos. Daisy Saint Patience chegava em casa da escola toda tarde ensolarada e precisava alimentar os porcos com seu irmão.

Quero saudade de casa.

Flash.

Quero anseios nostálgicos de infância.

Flash.

Qual é a palavra para o contrário de glamour?

Brandy nunca perguntou sobre meus pais, se estavam vivos ou mortos, nem por que não estavam ali rangendo os dentes.

— Seu pai e sua mãe, Rainier e Honor Saint Patience, foram assassinados por terroristas da moda — diz ela.

A. B., antes de Brandy, meu pai levava os porcos ao mercado todo outono. Seu segredo era passar todo o verão dirigindo a picape por Idaho e outros estados a noroeste, parando em todas as padarias mixurucas que vendessem lanches com data de validade expirada: tortas de fruta individuais, bolos com recheio cremoso, pães-de-ló com creme artificial batido injetado, bolo de chocolate com cobertura de marshmallow e coco ralado tingido de cor-de-rosa. Bolos de aniversário velhos que não haviam sido vendidos. Bolos bolorentos de “Parabéns”, “Feliz Dia das Mães” ou “Seja Minha Namorada”. Ele trazia tudo aquilo para casa, amontoado numa densa pilha pegajosa ou dentro de celofanes hermeticamente selados contra o calor. Essa era a parte mais difícil: abrir aqueles milhares de lanches velhos e jogar tudo para os porcos.

Brandy não queria ouvir falar do meu pai, mas o segredo dele era dar aos porcos as tortas, os bolos e os lanches duas semanas antes de levar os animais ao mercado. Os lanches não tinham valor nutritivo, mas os porcos engoliam tudo, até não sobrar um só lanche com validade vencida num raio de quinhentos quilômetros.

Os lanches quase não continham fibras, de modo que todo outono cada porco de 150 quilos ia para o mercado com uns 45 quilos a mais dentro do intestino. Meu pai ganhava uma fortuna no leilão, e pouco tempo depois todos os porcos davam uma enorme cagada açucarada ao se ver dentro do matadouro onde iam parar.

— Kwvne wivnuw fw sojaoa — digo.

— Não. — Brandy ergue o indicador de trinta centímetros, com seis anéis com pedrarias enfileirados, e coloca essa salsicha cheia de jóias sobre a minha boca assim que eu tento falar algo. — Nem uma palavra. Você ainda está ligada demais ao seu passado. Não adianta dizer o que quer que seja.

Da cesta de costura, Brandy tira uma fieira de branco e dourado. É um ato mágico. Ela joga sobre a minha cabeça essa camada de seda branca e fina, com um desenho grego em dourado.

Atrás de mais um véu, o mundo real fica ainda mais longe.

— Adivinhe como eles fazem esse desenho dourado? — pergunta Brandy.

O tecido é tão leve que minha respiração afasta o véu e a seda fica sobre minhas pestanas sem que elas se dobrem. Nem o meu rosto, que abriga todas as terminações nervosas do corpo, sente o contato do pano.

É preciso uma equipe de crianças na Índia, explica Brandy, crianças vegetarianas de quatro e cinco anos sentadas o dia inteiro em bancos de madeira. Elas precisam esgarçar a maior parte de um zilhão de fios de ouro para deixar o desenho só com o ouro que sobra.

— Você não vê crianças mais velhas do que dez anos fazendo esse serviço, porque por volta dessa idade a maioria delas já ficou cega — diz Brandy.

O véu que Brandy tira da cesta deve ter mais de meio metro quadrado. Todas aquelas queridas crianças, com a preciosa visão perdida. Os dias preciosos de sua frágil infância gastos esgarçando fios de seda.

Quero piedade.

Flash.

Quero empatia.

Flash.

Ah, eu queria poder fazer meu pobre coração estourar.

— Vswf siws cm eiuvn sincs — eu digo.

Não, está tudo bem, Brandy me tranquiliza. Ela não quer recompensar ninguém por explorar crianças. Comprou o véu numa liquidação.

Engaiolada atrás da minha seda, acomodada dentro da minha nuvem de organza e georgete, a ideia de que não posso compartilhar meus problemas com outras pessoas faz com que eu cague e ande para os problemas delas.

— Ah, e não fique triste — diz Brandy. — Mesmo assim você chamará atenção. Tem peitos e bunda sensacionais. Só não pode falar com ninguém.

As pessoas simplesmente não aguentam não saber algo, ela me garante. Principalmente os homens, que não suportam não escalar todas as montanhas, mapeando tudo, Rotulando tudo. Mijando em todas as árvores e nunca mais ligando para você de volta.

— Atrás de um véu, você é a grande desconhecida — diz ela. — A maioria dos caras vai brigar para conhecê-la, Alguns negarão que você é uma pessoa real, e outros simplesmente vão ignora-la.

O fanático. O ateu. O agnóstico.

Mesmo que alguém esteja só usando um tapa-olho, nós sempre queremos espiar. Para ver se é fingimento. O Capitão Gancho. Ou para ver o horror ali embaixo.

O fotógrafo na minha cabeça diz:

Quero uma voz.

Flash.

Quero um rosto.

A resposta de Brandy era chapeuzinhos com véus. E chapéus grandes com véus. Chapéus achatados ou chapéus redondos, todos rodeados de nuvens de tule e gaze. Seda de paraquedas, crepe pesado ou uma rede cerrada pontilhada com pompons de chenile.

— A coisa mais entediante do mundo é a nudez — diz Brandy.

A segunda coisa mais entediante, ela acrescenta, é a honestidade.

— Pense nisso como uma tentação para os homens, como lingerie para o rosto. Uma camisola transparente que você usa sobre toda a sua identidade.

A terceira coisa mais entediante no mundo inteiro é o seu passado bundão. Portanto, Brandy nunca me perguntou nada. Piranha ambiciosa que ela pode ser, nós nos encontramos repetidas vezes no consultório da fonoaudióloga, e Brandy me fala tudo que preciso saber sobre mim mesma.

CAPÍTULO DEZ

Corta para Brandy Alexander me pondo na cama em Seattle. É a noite da Agulha Espacial, a noite em que o futuro não acontece. Ela está usando metros e metros de tule preto enrolado em torno das pernas e da cintura de ampulheta. Um véu preto cruza seus peitos turbinados e sobe até o alto da cabeleira acobreada. Toda essa figura fulgurante que se curva sobre a beira da minha cama poderia ser a maquete em tamanho natural do céu original da noite de verão.

Pequenos seixos do Reno em forma de estrelas, não aqueles de plástico feitos por uma fábrica em Calcutá, mas os austríacos, de cristal lapidado por elfos na Floresta Negra, estão espalhados por todo o tule preto. O rosto da rainha suprema é a lua num céu noturno que se curva e me beija, desejando boa-noite. O quarto do hotel está escuro, e o televisor ao pé da cama está ligado, de modo que as estrelas feitas à mão reluzem em todos os tons que a televisão está tentando nos mostrar.

Seth tem razão, a televisão realmente me torna Deus. Posso vigiar qualquer um, e a cada hora as vidas mudam. Aqui, no mundo real, nem sempre acontece isso.

— Eu sempre vou amar você — diz a rainha do céu noturno, e eu sei qual cartão-postal ela achou.

Os lençóis do hotel se parecem com os lençóis do hospital. Já percorremos milhares de quilômetros desde que nos conhecemos, e os dedos grandes de Brandy ainda estão alisando os lençóis no lugar onde antes ficava meu queixo. Meu rosto é a última coisa que garotos e garotas vão querer encontrar quando entrarem num beco escuro para comprar drogas.

— Estaremos de volta logo que vendermos tudo — diz Brandy.

A silhueta de Seth se destaca no umbral da porta aberta para o corredor. Aqui da minha cama ele parece o contorno de um fantástico super-herói contra as folhas tropicais verdes, cinzentas e cor-de-rosa de néon do papel de parede do corredor. O comprido casaco de couro preto que Seth usa é justo até a cintura, e a partir daí se abre, de modo que parece uma capa.

E talvez ele não esteja só fingindo, quando beija o majestoso rabo de Brandy Alexander. Talvez eles sejam dois enamorados quando eu não estou por perto. Não seria a primeira vez que eu perderia Seth.

O rosto cercado por um véu negro que se inclina sobre mim é uma surpresa colorida. A pele é bem cor-de-rosa em torno da boca azulada, e os olhos são de um tom de púrpura intenso demais. Mesmo essas cores parecem berrantes demais neste momento, saturadas demais, intensas demais. Lúridas. Você pensa em personagens de histórias em quadrinhos. Modelos tém a pele cor-de-rosa assim, como ataduras plásticas. Cor da pele. Olhos vividos demais, maçãs do rosto acentuadas demais por blush Rosa-Ferrugem. Nada é deixado para sua imaginação.

Talvez seja isso que os homens queiram. Eu só quero que Brandy Alexander vá embora.

Eu quero o cinto de Seth em torno do meu pescoço. Quero seus dedos na minha boca, suas mãos afastando meus joelhos e depois seus dedos molhados me abrindo à força.

— Se você quiser alguma coisa para ler, o livro da srta. Rona Barrett está no meu quarto — oferece Brandy. — Posso ir correndo pegar.

Eu quero ser esfolada pela barba incipiente em torno da boca de Seth, a ponto de doer quando eu mijar.

— Você vem? — Seth pergunta.

Uma mão cheia de anéis joga o controle remoto da televisão em cima da cama.

— Vamos, Princesa Princesa — diz Seth. — A noite já não é mais criança.

E quero Seth morto. Pior do que morto, quero Seth gordo, inchado de água, inseguro e emotivo. Se ele não me quer, quero não querer Seth.

— Se a polícia vier ou alguma coisa acontecer, o dinheiro está todo na minha valise de maquiagem — informa a lua.

Aquele que amo já se foi para aquecer o motor do carro. Aquela que me amará para sempre diz:

— Durma bem.

E fecha a porta ao sair.

Corta para era uma vez há muito tempo, quando Manus, meu noivo que me descartou, Manus Kelley, o detetive da polícia, falou que os pais são como Deus, porque você quer ter certeza de que eles estão ali à sua disposição e quer que eles aprovem a sua vida, embora você só apareça quando está em crise ou precisa de algo.

Corta para mim na cama em Seattle, sozinha com o controle remoto da TV. Eu aperto um botão e emudeço a televisão.

Na televisão há três ou quatro pessoas sentadas em cadeiras num palco baixo, diante de uma plateia. O que está passando na televisão é algo como um infomercial, mas conforme a câmera faz um zoom sobre cada pessoa, para um close-up, uma pequena legenda aparece no peito da pessoa, Cada legenda tem o primeiro nome seguido de três ou quattro palavras como um sobrenome, do tipo, literalmente, quem-são-eles-de-fato. Parecem aqueles epítetos que os índios dão uns aos outros, só que em vez de Heather Corre com o Bisão, ou Trisha Caça ao Luar, esses nomes são:

Cristy Bebeu Sangue Humano

Roger Morava Com A Mãe Morta

Brenda Devorou Seu Bebê

Eu mudo de canal.

Eu mudo de canal.

Eu mudo de canal e lá estão outras três pessoas:

Gwen Trabalha Como Prostituta

Neville Foi Estuprado Na Prisão

Brent Dormia Com Seu Pai

As pessoas andam pelo mundo todo narrando uma única história dramática e que sua vida se transformou numa luta para superar esse evento. Agora suas vidas são mais sobre o passado do que sobre o futuro. Eu aperto um botão e devolve a Gwen TrabalhaComoProstituta sua voz, para ouvir um papo de prostituta.

Gwen dá forma à sua história com as mãos enquanto fala. Ela se inclina para a frente como que saindo da cadeira. Seus olhos observam alguma coisa em cima e à direita, fora de quadro. Sei que é o monitor. Gwen está se vendo contar a história.

Gwen dobra os dedos até só o indicador esquerdo ficar de fora e torce vagarosamente a mão para mostrar os dois lados da unha enquanto fala:

— ... para se proteger, a maioria da garotas na rua quebra um pedaço de gilete e cola debaixo da unha. Elas pintam a gilete para parecer uma unha comum.

Gwen vê algo no monitor. Ela contrai as sobrancelhas e joga o cabelo vermelho para trás, mostrando o que parecem ser brincos de pérolas. Depois conta para si mesma no monitor:

— Quando vão presas ou quando deixam de ser atraentes, algumas garotas usam a gilete para cortar os pulsos.

Tiro de novo a voz de Gwen TrabalhaComoProstituta.

Mudo de canal.

Mudo de canal.

Mudo de canal.

Dezesseis canais adiante, uma linda jovem com um vestido de lantejoulas está sorrindo e despejando restos de animais na Fábrica de Petiscos Num Num.

Eu e Evie fizemos esse infomercial. E um desses comerciais de televisão que você pensa que é um programa real, mas é apenas um intervalo de trinta minutos. A câmera de televisão corta para uma segunda garota com vestido de lantejoulas, que vai atravessando uma plateia de turistas do Meio-Oeste e do Norte. A garota oferece a um casal que faz bodas de ouro, com camisas havaianas iguais, uma seleção de canapés numa bandeja de prata, mas a plateia inteira está olhando para cima e para a direita, vendo algo fora de quadro.

Você sabe que é o monitor.

É surreal, mas o que acontece é que as pessoas estão olhando para si mesmas no monitor olhando para si mesmas no monitor olhando para si mesmas no monitor, e assim por diante, completamente presas a um circuito irreal que nunca termina.

A garota com a bandeja tem olhos desesperados; são lentes de contato verdes demais. A boca assume um vermelho pesado fora do contorno natural dos lábios. O cabelo louro é espesso e preso em cima para que os ombros dela não pareçam tão ossudos. Os canapés que ela fica agitando debaixo de todos os velhos narizes são bolachas creamcracker cobertas com subprodutos de carne. Agitando a bandeja, a garota vai subindo pela arquibancada da plateia no estúdio com seus olhos verdes demais e o cabelo de ossos grandes. É a minha melhor amiga, Evie Cottrell.

A garota precisa ser Evie porque aí vem Manus se apresentando para salvá-lá com toda a boa aparência dele. Agente especial da Divisão de Narcóticos da policia, Manus pega uma das bolachas cobertas de porcaria, mete tudo entre os dentes artificiais e mastiga. Ele inclina para trás o bonito rosto de queixo quadrado e fecha os olhos azul-pólvora. Gira levemente a cabeça de um lado para outro e engole.

A cabeleira preta de Manus faz a gente lembrar que o cabelo das pessoas é só um vestígio de pelagem animal com mousse em cima. Manus é um cachorro peludo e sensual.

O rosto de queixo quadrado se reapruma, mostrando para a câmera os olhos abertos com um ar de total amor e satisfação. Tão *déjà-vu*. É exatamente o mesmo ar que Manus fazia quando perguntava se eu tivera um orgasmo.

Então Manus se volta para dar a Evie exatamente o mesmo olhar, enquanto na plateia todos olham para outra direção, assistindo a si próprios assistir a si próprios assistir a Manus sorrir para Evie com total amor e satisfação.

Evie devolve o sorriso a Manus com o vermelho fora do contorno natural dos lábios, e eu sou essa pequenina figura cintilante ao fundo. Sou eu ali, pouco acima do ombro de Manus: eu pequenininha, sorrindo como um aquecedor espacial e despejando restos animais num funil plástico em cima da Fábrica de Petiscos Num Num.

Como pude ser tão idiota.

Vamos velejar.

Claro.

Eu devia ter percebido que o lance era Manus e Evie o tempo todo.

Mesmo agora, deitada numa cama de hotel um ano depois do fim da história toda, ainda cerro os punhos. Podia ter assistido àquele infomercial idiota e percebido que Manus e Evie tinham uma doentia relação torturada que eles confundiam com amor verdadeiro.

Tá legal, assisti mesmo ao comercial. Tá legal, assisti àquilo cerca de cem vezes, mas eu só estava me observando. O tal circuito irreal.

A câmera volta para a primeira garota, aquela no palco, e ela sou eu. E eu estou tão linda. Na televisão, demonstro como é fácil limpar a fábrica de petiscos e estou tão linda. Abro as lâminas da tampa plástica e limpo as sobras de animal triturado debaixo de água corrente. E, caramba, estou linda.

A voz da locução desencarnada está dizendo que a Fábrica de Petiscos Num Num pega subprodutos de carne, seja o que for que você tiver... línguas, corações, lábios ou genitálias... tritura, tempera e cospe tudo no formato de espadas, copas ou paus sobre o tipo de biscoito que você escolher para comer.

Aqui na cama, estou chorando.

Bubba-Joan TeveSeuQueixonArrancadoPorUmTiro.

Todos esses milhares de quilômetros mais tarde, todas essas pessoas diferentes que tenho sido, e a história continua igual. Por que você se sente idiota se ri sozinha, mas geralmente termina chorando sozinha? Como você pode sofrer mutações continuamente e ainda assim ser o mesmo vírus mortífero ?

CAPÍTULO ONZE

Corta de volta para o momento em que saí do hospital sem uma carreira, um noivo ou um apartamento e precisei dormir na mansão de Evie. Nem ela gosta de morar lá, pois a casa é muito isolada, metida em alguma floresta tropical sem que ninguém preste atenção.

Corta para mim, deitada de costas na cama de Evie, sem conseguir dormir na primeira noite.

O vento levanta as cortinas rendadas. Toda a mobília de Evie segue aquele estilo provinciano afrancesado, com arabescos pintados de branco e dourado. Não há lua, mas o céu está cheio de estrelas, de modo que tudo... a casa de Evie, as sebes de roseiras, as cortinas do quarto, as costas das minhas mãos sobre a colcha... é preto ou cinzento.

A casa de Evie é aquela que uma garota texana compraria se seus pais continuassem lhe dando cerca de dez milhões de dólares todo o tempo. E como se o casal Cottrel soubesse que Evie nunca chegará às passarelas principais. De modo que Evie mora aqui. Não em Nova York, nem em Milão. Estamos no subúrbio, bem afastados do mundo da moda profissional, no meio do nada. Isto é bem distante de apresentar as coleções parisienses. Viver presa nesse fim de mundo é a desculpa que Evie quer ter, ideal para uma garota ossuda que nunca seria um grande sucesso em qualquer lugar que seja.

As portas lá foram trancadas hoje. O gato está dentro de casa. Quando olho, o gato olha de volta para mm da mesma forma que os cachorros e alguns carros olham quando as pessoas dizem que eles estão sorrindo.

Naquela tarde, Evie me implorara por telefone para pedir alta do hospital e lhe fazer uma visita.

A casa de Evie era grande e branca com venezianas verdes: uma mansão rural de três andares, com grandes colunas na fachada. Hera e sebes de rosas amarelas se enrodilhavam em torno dos três primeiros metros de cada coluna. Era possível imaginar Ashley Wilkes aparando a grama ali, ou Rhett Butler baixando as persianas para se proteger da tempestade. já Evie tem escravos laocianos que recebem salário mínimo, mas que se recusam a morar lá.

Corta para o dia anterior: Evie me busca no hospital de carro. Evie é na verdade Evelyn Cottrell, Cia. Ltda. É sério: agora ela é negociada

publicamente. É a roubada predileta de todo mundo que investiu. O pai e a mãe fizeram uma oferta particular de ações na carreira de Evie quando ela tinha 21 anos, e todos os parentes texanos, cheios de terras e petróleo, investiram pesadamente no fracasso modelar dela.

Na maior parte das vezes era constrangedor ir a testes de modelos com Evie. Claro, eu conseguia trabalho, mas então o diretor de arte ou o estilista começava a gritar com Evie que, não, na sua opinião abalizada ela não era um tamanho seis perfeito. Na maioria das vezes. algum estilista assistente precisava botar Evie porta fora. Ela ficava gritando sobre o ombro que eu não devia deixar que me tratassem como um pedaço de carne. Eu devia simplesmente ir embora também.

— Eles que se fodam berrava Evie a essa altura. — Que se fodam todos.

Mas eu não fico zangada. Estava sendo enfiada num. incrível corpete de couro de Poopie Cadole e calças de como da Chrome Hearts. A vida era boa naquela época. Eu tinha uma jornada de trabalho de três horas, talvez quatro ou cinco.

Na porta do estúdio, antes de ser posta para fora da tes. são de fotos, Evie imprensava o estilista assistente no batente da porta, e o tampinha simplesmente desmoronava aos pés dela. Evie gritava:

— Vocês todos podem sugar a bosta da minha linda bunda texana.

Depois ia para a sua Ferrari e passava três, quatro ou cinco horas esperando antes de me levar para casa.

Aquela Evie era a minha melhor amiga no mundo todo. Em momentos assim, Evie era divertida e esperta, quase como se tivesse vida própria.

Tá legal, eu não sabia do caso de total amor e satisfação que Evie tinha com Manus. Podem me matar.

Corta para antes disso: Evie liga para mim no hospital, implorando, por favor, que eu peça alta e vá morar na casa dela. Ela andava tão solitária, por favor.

Meu seguro-saúde tinha um teto de dois milhões de dólares durante toda a vida, e o taxímetro simplesmente girara sem parar durante todo o verão. Nenhum contatado serviço social tinha coragem de me transferir para Deus sabe onde.

lmplorando ao telefone, Evie disse que tinha uma passagem de avião reservada. Ela ia a Cancún, fazer uma sessão de fotos para um catálogo.

Será que eu podia, por favor, tomar conta da casa dela?

Quando ela foi me pegar, escrevi no bloco:

essa é minha frente-única? você sabe que está esgarçando a roupa.

— Você só precisa alimentar meu gato — diz Evie.

eu não gosto de ficar sozinha tão longe da cidade, escrevo eu; não sei como você consegue morar aqui.

— Só mora sozinha quem não tem um fuzil debaixo da cama.

Escrevo:

conheço garotas que falam isso dos seus vibradores.

— Nojenta! Eu não faço isso com meu fuzil.

Então corta para Evie voando para Cancún, no México, e, quando eu vou olhar debaixo da cama, lá está o fuzil calibre trinta com mira telescópica. Nos armários da casa estão as sobras das minhas roupas esgarçadas, torturadas até a morte e penduradas ali em cabides de arame. Mortas.

Depois corta para mim na cama de Evie à noite. É meia noite . O vento levanta as cortinas rendadas do quarto, e o gato pula sobre o peitoril da janela só para ver quem entrou de carro na alameda de cascalho. Silhuetado pelas estrelas, o gato olha de volta para mim. No andar de baixo, ouço uma janela ser arrombada.

CAPÍTULO DOZE

Corta de volta para o último Natal antes do meu acidente, quando vou para casa abrir os presentes com os meus pais. Eles montam a mesma árvore falsa todo ano, com um verde mal-acabado e aquele cheiro quente de poliplástico que dá uma dor de cabeça de gripe quando as luzes ficam ligadas tempo demais. A árvore é cheia de brilhos mágicos, repleta de enfeites de vidro vermelhos e dourados. Tem aqueles pingentes de plástico prateado carregados de eletricidade estática que as pessoas chamam de sincelos. O mesmo anjo maltrapilho com rosto de boneca de borracha continua no alto da árvore. Cobrindo o consolo da lareira está o mesmo cabelo de anjo tecido em fibra de vidro que irrita a pele e provoca uma inflamação em quem encosta ali. O mesmo disco de Perry Como cantando músicas natalinas continua tocando no som estéreo. Isso aconteceu quando eu ainda tinha rosto, de modo que eu não ficava tão afrontada ao cantar músicas natalinas.

Meu irmão Shane ainda está morto, de modo que eu não espero receber muita atenção, apenas um Natal tranquilo. Nessa época o meu namorado, Manus, vivia com medo de perder o emprego na polícia, e eu andava precisando passar alguns dias longe do sufoco.

Minha mãe, meu pai e eu conversamos, combinando não comprar presentes caros uns para os outros nesse ano.

Talvez só pequenas lembranças, dizem meus pais, troços para colocar nas meias.

Perry Como está cantando “A coisa está ficando com cara de Natal”.

As compridas meias vermelhas de feltro que minha mãe costurou para mim e Shane estão penduradas na lareira. Cada pedaço de feltro vermelho tem nosso nome bordado de alto a baixo, em elegantes letras brancas de feltro. Cada meia está repleta de presentes. É manhã de Natal e estamos todos sentados em torno da árvore. Meu pai aponta o canivete para os laços de fitas. Minha mãe tem uma sacola de compras de papel pardo e sentencia:

— Antes que a bagunça se instale, o papel de embrulho vai ser jogado aqui dentro, e não pela casa toda.

Minha mãe e meu pai sentam em cadeiras reclináveis. Eu sento no chão defronte da lareira com as meias perto de mim. A cena sempre se repete assim. Eles ficam sentados tomando café, assomando sobre mim para

observar a minha reação. Eu fico sentada à moda indiana no chão. Todos nós ainda estamos de pijama e roupão.

Perry Como está cantando “Vou passar o Natal em casa”.

A primeira coisa que saí da minha meia é um pequeno coala de pelúcia, daquele tipo que agarra nosso lápis com as mãos e pés dotados de molas. Isso é quem meus pais acham que eu sou. Minha mãe me dá chocolate quente numa caneca com marshmallows em miniatura boiando na superfície.

— Obrigada — agradeço.

Debaixo do coala há uma pequena caixa que pego. Meus pais param de fazer tudo, inclinados sobre as xícaras de café, e ficam só me observando.

Perry Como está cantando “Ah, gozem todos os fiéis”.

A tal caixa está cheia de camisinhas.

Sentado bem junto de nossa reluzente árvore de Natal mágica, meu pai diz:

— Nós não sabemos quantos parceiros você tem por ano, mas queremos lhe dar segurança.

Guardo as camisinhas no bolso do roupão, baixo o olhar para os marshmallows em miniatura que estão derretendo e repito:

— Obrigada.

— Essas são de látex — minha mãe informa. — Você só precisa usar um lubrificante sexual à base de água. Se é que, na sua idade, você precise de lubrificante. Nada de gelà base de petróleo, gorduras ou qualquer tipo de loção. Nós preferimos não comprar para você aquele tipo feito de intestino de carneiro, porque ele tem poros minúsculos que podem permitir a transmissão do HIV.

A próxima coisa dentro da minha meia é outra caixinha. São mais camisinhas. A cor assinalada na caixa é Nu. Isso parece redundante. Em seguida a etiqueta indica *sem odor e sem sabor*.

Meu pai diz:

— Uma pesquisa telefônica, feita com heterossexuais em áreas urbanas com alta incidência de infecção por HIV, mostrou que 35% das pessoas se sentem constrangidas ao comprar camisinhas.

E receber as camisinhas de Papai Noel é melhor?

— Certo — concordo.

—Não é só uma questão de AIDS — completa minha mãe. Há a gonorreia. — Há a sífilis. Há o vírus do papiloma humano. Há as verrugas

genitais. Você sabe mesmo colocar a camisinha logo que o pênis fica ereto, não sabe? Gastei uma fortuna comprando bananas fora da estação, caso você precise treinar.

Isso é uma armadilha. Se eu falar "Ora, eu vivo desenrolando camisinhas sobre ereções secas", vou receber de meu pai o estigma de prostituta. Mas se eu falar para eles "Não, não sei", vamos passar todo o dia de Natal treinando na fruta para me proteger.

— Há um monte de coisas além da AIDS. Há o vírus tipo dois do *herpes simplex*, com sintomas que incluem pequenas fístulas dolorosas que rebentam na sua genitália. — Meu pai olha para mamãe.

— O corpo dói — diz ela.

— É, você fica com dores no corpo, e febre. Você tem corrimento vaginal. Dói quando urina. — Ele olha para minha mãe mais uma vez.

Perry Como está cantando "Papai Noel comparece à cidade".

Debaixo da próxima caixa de camisinhas há uma outra caixa de camisinhas. Jesus Cristo, três caixas devem bastar para que eu chegue à menopausa.

Corta para o desejo de ter meu irmão vivo naquele momento, para poder matar Shane por estragar meu Natal. Perry Como está cantando "Lá no alto do telhado".

— Há a hepatite B. — Minha mãe vira para meu pai. — Quais são as outras?

— Clamídia e linfogranuloma — responde ele.

— Além de cistite purulenta mucal e uretrite não-gonocócica — minha mãe acrescenta.

Meu pai olha para minha mãe e retruca:

— Mas isso é geralmente causado por alergia à camisinha de látex ou a um espermicida.

Minha mãe bebe um pouco de café, baixando os olhos para as mãos em torno da xícara. Depois levanta o olhar para mim.

— O que o seu pai está tentando falar é que nós percebemos agora que cometemos alguns erros com o seu irmão. Só estamos tentando proteger você.

Há uma quarta caixa de camisinhas na minha meia. Perry Como está cantando "Aconteceu numa meia-noite clara". A etiqueta da caixa indica... *segura e forte até mesmo para um prolongado coito anal*.

— Há o granuloma inguinal, e a vaginose bacteriana — meu pai diz para minha mãe, abrindo a mão e contando os dedos. Depois conta de novo e continua: — Há o *molluscum contagiosum*.

Algumas das camisinhas são brancas. Algumas são de cores variadas. Algumas têm a borda irregular, para dar a sensação de uma faca de pão serrilhada, acho eu. Algumas são extra grandes. Algumas brilham no escuro. Isso é uma espécie esquisita de lisonja. Meus pais devem pensar que sou incrivelmente popular.

Perry Como está cantando "Ah, goze, ah, goze, Emmanuel".

— Nós não queremos lhe meter medo, mas você é jovem — diz minha mãe. — Não podemos esperar que você fique sentada em casa à noite.

— E se alguma vez você não conseguir dormir, pode ser devido a oxiúros — diz meu pai.

— Nós só não queremos que você termine como seu irmão. Mais nada — insiste minha mãe.

Meu irmão está morto, mas tem uma meia cheia de presentes, e você pode apostar que não são camisinhas. Ele está morto, mas você pode apostar que ele está morrendo de rir neste momento.

— As fêmeas dos oxiúros descem do cólon para a área do períneo a fim de pôr os ovos à noite — prossegue meu pai. — Se você suspeitar que são oxiúros, a melhor coisa é comprimir um pedaço de esparadrapo contra o reto, e depois examina-lo com uma lupa. Os oxiúros devem ter cerca de seis milímetros de comprimento.

— Bob, é melhor se apressar — aconselha minha mãe.

Meu pai se inclina para mim.

— Dez por cento dos homens neste país podem passar oxiúros para você. Lembre-se disso.

Quase tudo nas minhas meias são camisinhas: em caixas, em pequenas moedas de papel laminado dourado, em longas fileiras de uma centena com perfurações para serem separadas. Meus outros únicos presentes são um apito contra estupro e um spray de pimenta da Mace.

Aparentemente eu estou equipada para o pior, mas tenho medo de perguntar se há mais coisas. Pode haver um vibrador para me manter celibatária em casa todas as noites. Pode haver protetores dentais para o caso de *cunilingus.* Luvas de borracha.

Perry Como está cantando "Bolas de Natal".

Olho para a meia de Shane, ainda cheia de presentes, e pergunto:

— Vocês compraram presentes para o Shane?

Se são camisinhas, chegaram um pouco tarde.

Minha mãe e meu pai se entreolham. Para minha mãe, meu pai diz:

— Conta para ela.

— Isso é o que você comprou para o seu irmão — informa minha mãe. — Vá em frente e olhe.

Corta para mim, confusa pra diabo.

Quero clareza.

Quero razões.

Quero respostas.

Flash.

Eu estendo a mão para desenganchar a meia de Shane do consolo da lareira e vejo lenços de papel amassados ali dentro.

— Continue cavando — diz meu pai.

Junto com os lenços de papel há um envelope fechado.

— Abra — ordena minha mãe.

Dentro do envelope há uma carta datilografada, e bem no alto a palavra “Obrigado”.

— Na realidade, é um presente para nossos dois filhos — explica meu pai.

Eu não acredito no que estou lendo.

— Em vez de comprar um grande presente para você, nós fizemos uma doação em seu nome para o Fundo Mundial de Pesquisa da AIDS — completa minha mãe.

Dentro da meia há uma segunda carta, que eu tiro.

— Esse é o presente de Shane para você — diz meu pai.

Ah, isso é demais.

Perry Como está cantando “Vi mamãe beijando Papai Noel”.

— Esse meu irmão é esperto — comento. — Mesmo morto, é atencioso. Ele não devia ter feito isso. Realmente não precisava se dar a todo esse trabalho. Talvez ele precise parar de negar e enfrentar a coisa. Simplesmente se resignar a estar morto. Ou talvez reencarnar. Não pode ser saudável ficar fingindo que ainda está vivo.

Por dentro, estou fervendo. O que eu realmente queria este ano era uma nova bolsa Prada. Não foi culpa minha que um spray para cabelo tenha explodido no rosto de Shane. Bum! Ele entrou em casa cambaleando, com a

testa já ficando preta e azul. Fez o longo percurso de carro até o hospital com um dos olhos inchado e fechado. A porção do rosto em torno do olho ia ficando cada vez maior, com cada veia lá dentro arrebentada e sangrando debaixo da pele, mas Shane não disse uma palavra.

Não foi culpa minha que o pessoal do serviço social no hospital tenha olhado para o rosto de Shane e dado uma dura no meu pai. Suspeita de violência contra criança. Negligência criminosa. Intervenção na família. Nada disso foi culpa minha.

Houve declarações da polícia. Uma assistente social esteve por lá entrevistando nossos vizinhos, colegas de escola e professores, até todos os nossos conhecidos me chamarem de *sua coisinha corajosa*.

Sentada ali naquela manhã de Natal com todos estes presentes que exigem um pênis para serem usufruídos... o pessoal não sabe da missa a metade.

Mesmo depois que a investigação policial foi concluída e nada foi provado, nossa família ficou arrasada. *E todo mundo ainda pensa que fui eu que joguei fora o spray para cabelo*. E como eu começara aquilo, tudo foi culpa minha. A explosão. A polícia. A fuga de Shane. Sua morte.

E não foi culpa minha.

— Se o Shane realmente quisesse me dar um presente — digo —, voltaria dos mortos e me compraria o guardaroupa novo que ele me deve. Isso me daria um Natal feliz. E eu realmente poderia dizer “obrigada”.

Silêncio.

Enquanto pesco o segundo envelope, minha mãe diz:

— Nós estamos fazendo você assumir a coisa oficialmente.

— Em nome do seu irmão — meu pai acrescentou —, pagamos para inscrever você como sócia do PALG.

— Pau gê? — pergunto.

— Pais e Amigos de Lésbicas e Gays — responde minha mãe.

Perry Como está cantando “Nada como o lar para passar um feriado”.

Silêncio.

Minha mãe começa a levantar da cadeira.

— Vou pegar aquelas bananas logo. Só para ter mais segurança, eu e seu pai queremos ver você experimentar alguns dos presentes.

CAPÍTULO TREZE

Corta para cerca de meia-noite na casa de Evie, onde eu surpreendo Seth Thomas tentando me matar.

Como meu rosto não tem mandíbula, minha garganta termina simplesmente numa espécie de buraco, com a língua pendendo para fora. Em volta do buraco, a pele é tecido cicatrizado: calombos vermelhos e brilhantes, como alguém ficaria depois de receber a torta de cereja num concurso de comer tortas. Se eu deixo minha língua pender, dá para ver o céu da minha boca, rosado e liso como o interior das costas de um caranguejo. Pendurada em torno do céu da boca há a ferradura de vértebras brancas dos dentes superiores que me restaram. Há horas para usar véus, e horas para não usar. Fora isso, eu estou linda quando encontro Seth Thomas arrombando a mansão de Evie à meia-noite.

Quando Seth me vê descendo a grande escadaria circular do saguão da casa, eu estou usando um penhoar de cetim rendado de Evie, em tom de pêssego rosado. Esse robe de Evie é uma peça Zsa Zsa retrô que me esconde da mesma forma que o celofane esconde um peru congelado. Nos punhos e ao longo da parte da frente do robe há uma névoa de ozônio em tom pêssego-rosado de plumas de avestruz combinando com as plumas dos tamancos de salto alto que calcei.

Seth fica imóvel ao pé da grande escadaria circular, segurando a melhor faca de trinchar de Evie, com quarenta centímetros. A cabeça dele está envolta pela parte superior de uma meia-calça também de Evie. Dá para ver a higiênica entreperna de algodão de Evie atravessada no rosto de Seth. As pernas da meia-calça caem feito as orelhas de um cocker spaniel pela frente de um uniforme militar com peças descasadas.

E eu sou uma visão, descendo passo a passo em direção à ponta da faca de trinchar, com aquele vagaroso passo-pausa-passo das coristas dos grandes espetáculos de Las Vegas.

Ah, eu estou simplesmente fabulosa. Pareço um exemplar de mobília sexual.

Seth fica ali parado, olhando para o alto. Ele está tendo um momento de medo, pela primeira vez na vida, porque eu empunho o fuzil de Evie. A coronha está firme no meu ombro, e o cano à minha frente, seguro pelas duas mãos. O centro da retícula da alça de mira aponta bem para o meio da entreperna de algodão de Evie Cottrell.

Só eu e Seth estamos no saguão da casa de Evie. As janelas de vidro bisotado nos lados da porta da frente estão quebradas, e o candelabro de cristal austríaco reluz como se fosse uma bijuteria doméstica. A única outra coisa é uma pequena escrivaninha naquele estilo afrancesado provinciano, branca e dourada.

Nessa pequena escrivaninha francesa há um telefone bastante u-lá-lá. O fone é grande feito um saxofone dourado e fica apoiado num berço dourado sobre uma caixa de marfim. No meio do círculo de buracos para discar há um camafeu. Provavelmente Evie acha isso muito chique.

Com a faca estendida, Seth começa a dizer:

— Não vou machucar você.

Eu continuo descendo a escada no tal vagaroso passo-pausa-passo.

— Vamos combinar que ninguém vai ser morto aqui — Seth prossegue.

Isso é tão — *déjà-vu*.

Era exatamente assim que Manus Kelley me perguntava se eu chegara ao orgasmo. Não as palavras, mas a voz.

— Eu só dormi com a Evie — diz Seth, através da entreperna da meia-calça de Evie.

Tão *déjà-vu*.

Vamos velejar. É exatamente a mesma voz.

Seth larga a faca de trinchar e a ponta da lâmina fica cravada bem perto da sua bota de combate, no assoalho de parquê do saguão de Evie.

— Se a Evie anda falando que fui eu que atirei em você, é mentira dela — ele diz.

Na escrivaninha, perto do telefone, há um bloco e um lápis para anotar recados.

— Assim que ouvi falar que você estava no hospital, percebi que era coisa da Evie — Seth continua.

Equilibrando o fuzil num só braço, escrevo:

tire a meia-calça.

— Quero dizer que você não pode me matar. Seth, puxa a meia-calça pela cintura. — Eu só sou o motivo que fez a Evie atirar em você.

Eu percorro passo-pausa-passo os últimos três metros até Seth. Prendo a ponta do cano do fuzil na cintura da meia-calça e descubro o rosto de queixo quadrado de Seth. Seth Thomas, que seria Alfa Romeo em Vancouver, na Colúmbia Britânica. Alfa Romeo que foi Nash Rambler,

anteriormente Bergdorf Goodman, anteriormente Neiman Marcus, anteriormente Saks Fifth Avenue, anteriormente Christian Dior.

Seth Thomas, que muito tempo antes se chamava Manus Kelley, o noivo que eu arranjei num infomercial. Até agora eu não podia contar isso, porque quero que todos saibam o que senti com essa descoberta. Lá no fundo do meu coração. Meu noivo queria me matar. Mesmo quando ele se portava como um babaca total, eu amava Manus. Ainda amo Seth. Tive a sensação de que aquilo era uma facada. Descobrira que, apesar de tudo que acontecera, eu ainda tinha um interminável potencial inexplorado para me magoar.

A partir dessa noite começamos a percorrer as estradas juntos, e um dia Manus Kelley viraria Seth Thomas. Nesse ínterim, em Santa Bárbara, San Francisco, Los Angeles, Reno, Boise e Salt lake City, Manus foi outros homens. Entre aquela noite e a de hoje, eu na cama em Seattle ainda apaixonada por ele, Seth foi Lance Corporal e Chase Manhattan. Foi Dow Coming, Herald Tribune e Morris Code.

Tudo cortesia do Projeto de Reencarnação de Testemunhas de Brandy Alexander, como ela fala.

Nomes diferentes, mas todos esses homens começaram com Manus TentandoMeMatar.

Homens diferentes, mas sempre o mesmo jeito boa pinta de agente especial da Divisão de Narcóticos. Os mesmos olhos azuis poderosos. Não atire... Vamos velejar... é a mesma voz. Cortes de cabelo diferentes, mas sempre a mesma cabeleira de cachorro, preta retinta e sensual.

Seth Thomas é Manus. Manus me traiu com Evie, mas eu ainda tenho tanto amor por ele que esconderei qualquer quantidade de estrogênio conjugado na sua comida. Tanto que farei qualquer coisa para acabar com ele.

Era de esperar que eu já estivesse mais esperta, depois de obter 1.600 créditos na faculdade. Eu deveria ser mais inteligente. já poderia ser médica a esta altura.

Lamento, mamãe. Lamento, Deus.

Corta para-minha sensação de estupidez, ao tentar equilibrar um dos telefones-saxofones dourados de Evie junto à orelha. Brandy Alexander, rainha inconveniente que é, não tem seu número no catálogo telefônico. Eu

só sei que ela mora numa suíte de esquina no Hotel Congress, no centro da cidade, com três colegas de quarto.

Kitty Litter.

Sofonda Peters.

E a vivaz Vivienne VaVane.

Também conhecidas como as irmãs Reia, três drag queens que idolatram a rainha excelsa do luxo, mas que se matariam umas às outras por mais espaço no armário. A rainha Brandy chegou a me contar isso.

Eu deveria falar com Brandy, mas telefono para meus pais. Acontece que fui trancar meu noivo assassino no armário dos casacos e, quando cheguei lá, vi mais das minhas lindas roupas, mas todas esticadas até ficarem três números maiores. Aquelas roupas significavam todo o dinheiro que eu já ganhara na vida.

Depois disso, preciso telefonar para alguém.

Por muitas razões, não consigo simplesmente voltar para a cama, de modo que telefono. Meu telefonema atravessa montanhas e desertos até meu pai atender. Na minha melhor voz de ventriloquista, evitando consoantes que realmente exigem uma mandíbula para serem pronunciadas, eu digo a ele:

— Gflerb sorlfd quortk, erd sairk. Srd. Erd, korts derk sairk? Kirdo!

Simplesmente o telefone já não é mais meu amigo.

— Por favor, não desligue. Vou chamar minha mulher. — Meu pai afasta o fone. Leslie, acorde. Finalmente estamos sendo vítimas de perseguição preconceituosa.

Ao fundo, ouço a voz de minha mãe dizendo:

— Nem dê conversa a eles. Só fale que amávamos e venerávamos nosso filho homossexual morto.

É madrugada aqui. Eles devem estar na cama.

— Lot. Ordilj — insisto. — Serta ish ka alt. Serra ish ka alt!

Com uma voz que se afasta, meu pai diz:

— Aqui, Leslie, diga poucas e boas a eles.

O receptor do telefone-saxofone dourado parece pesado e exagerado feito um objeto teatral, como se este telefonema ainda precisasse ser mais dramático. Lá no armário de casacos, Seth berra:

— Por favor, não chame a polícia antes de falar com Evie.

— Alô? — Ouço a voz de minha mãe ao telefone. — O mundo é grande o bastante para nós todos nos amarmos. Há espaço no coração de

Deus para todos os Seus filhos: gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. Só porque um intercurso é anal não significa que não é amor. Eu ouço muita coisa que soa como mágoa dentro de você. Quero ajudá-lo a lidar com seus problemas.

E Seth grita:

— Eu não ia matar você. Vim aqui enfrentar a Evie por causa do que ela fez com você. Só estava tentando me proteger.

Ao telefone, a duas horas de carro dali, ouço a descarga de uma privada e a voz de meu pai dizendo:

— Você ainda está falando com esses lunáticos?

E minha mãe responde:

— É tão emocionante! Acho que um deles falou que vai nos matar.

E Seth insiste:

— Só podia ser a Evie que deu o tiro em você.

Ao telefone, a voz de meu pai urra tanto que preciso afastar o receptor da orelha.

— Você é que deveria estar morto. Vocês mataram meu filho, seus tarados malditos!

— O lance com a Evie era só sexo — berra Seth.

Eu poderia nem estar na sala ou simplesmente passar o telefone para Seth.

E ele continua:

— Por favor, não pense nem por um minuto que eu seria Capaz de esfaquear você dormindo.

Meu pai grita ao telefone:

— Tente isso, cara. Eu tenho uma arma, que fica carregada junto de mim dia e noite. Não vamos mais deixar você nos torturar. Temos orgulho de ser pais de um filho gay morto.

— Por favor, desligue esse telefone — berra Seth.

E digo:

Aht! Oahk!

Mas meu pai desliga.

Meu inventário de pessoas que podem me salvar se reduziu a eu própria. Nem mesmo minha melhor amiga. Ou meu antigo namorado. Nem o médico ou as freiras. Talvez a polícia, mas ainda não. Não é hora de embrulhar toda essa confusão em um invólucro jurídico bem amarrado e

seguir em frente com a minha quase-vida. Hedionda e invisível para sempre, juntando os cacos.

As coisas ainda estão confusas e no ar, mas eu não estou pronta para ajeitar tudo. Minha zona de conforto ficava maior a cada minuto. Meu limiar para coisas dramáticas estava se ampliando. Era hora de continuar esticando a corda. Parecia que eu podia fazer qualquer coisa, e isso era só o começo.

Meu fuzil estava carregado e eu já tinha meu primeiro refém.

CAPÍTULO CATORZE

Corta de volta para a última visita que fiz a meus país. Foi no meu último aniversário antes do acidente. Como Shane *ainda* estava morto, eu não esperava presentes. Também não esperava um bolo. A última visita que faço é só para ver meus país. Isso acontece quando eu ainda tenho boca, de modo que não fico tão esmagada pela ideia de soprar velas.

Tudo na casa parece igual, como o sofá marrom e as cadeiras reclináveis na sala de estar. Só que meu pai colocou grandes Xs de fita gomada cruzando todas as janelas por dentro. O carro de mamãe não está na alameda no jardim onde geralmente fica estacionado. Foi trancado na garagem. Há um grande ferrolho, do qual não tenho lembrança, na porta da frente. No portão da frente um baita cartaz avisa “Cuidado com o cão”, e outro menor anuncia um sistema de segurança doméstico.

Logo que chego em casa, mamãe me faz um sinal para entrar depressa.

— Fique longe das janelas, Caroço. Os crimes preconceituosos subiram 67% este ano, em comparação com o ano passado. Depois que anoitecer não deixe sua sombra aparecer nas persianas, para não ser vista pelo lado de fora.

Mamãe faz o jantar à luz de uma lanterna. Quando abro o forno ou a geladeira, ela entra em pânico e me empurra para o lado, fechando qualquer coisa que eu abra.

— É por causa dessa luz brilhante aí dentro — ela explica. — A violência antigay subiu mais de 100% nos últimos cinco anos.

Meu pai chega em casa, mas estaciona o carro a meio quarteirão de distância. Suas chaves chacoalham contra a parte externa do ferrolho novo, enquanto mamãe fica paralisada no umbral da cozinha, impedindo que eu avance. As chaves param, e meu pai bate na porta: três batidas rápidas, depois duas vagarosas.

— É esse o sinal, mas de qualquer forma espie pelo olho mágico — pede mamãe.

Meu pai entra, lançando sobre o ombro um olhar vigilante para a rua escura. Um carro passa e ele diz:

— Romeo Tango Foxtrot seis sete quatro. Rápido, tome nota.

Minha mãe anota tudo no bloco perto do telefone, perguntando:

— Marca? Modelo?

— Mercury, azul. Sable.

— já está registrado.

Eu digo que eles talvez estejam exagerando.

E meu pai retruca:

— Não marginalize a nossa opressão.

Corta para o grande erro que foi essa visita. Corta para a visão que Shane teria do comportamento esquisito dos nossos pais. Meu pai apaga a lâmpada que eu acendi na sala de estar. As cortinas do janelão estão cerradas e grampeadas no meio. Eles conhecem toda a mobília no escuro, mas eu tropeço contra cada cadeira e mesa de canto. Derruba uma travessa de doces que se espatifa no chão. Minha mãe grita e se joga no piso da cozinha.

Meu pai aparece agachado atrás do sofá e diz:

— Você precisa entender sua mãe. Esperamos ser vítimas de um atentado preconceituoso a qualquer momento.

Da cozinha, mamãe grita:

— Foi uma pedra? Alguma coisa pegou fogo?

— Não aperte o botão de pânico, Leslie — meu pai berra de volta. No próximo alarme falso, vamos começar a ter prejuízo.

Descobri por que eles instalam um farol em alguns tipos de aspirador de pó. Primeiro eu junto os cacos de vidro no breu. Depois peço ataduras a meu pai. Simplesmente fico parada ali, com a mão cortada acima do coração, e espero. Meu pai sai do escuro com álcool e ataduras.

— É uma guerra para nós do pau gê — diz ele.

PALG. Pais e Amigos de Lésbicas e Gays. Eu sei. Eu sei. Eu sei. Obrigada, Shane.

— Vocés não deveriam estar no PALG. O seu filho gay está morto, de modo que nem conta mais. — Isso parece bastante agressivo, mas eu estou sangrando. — Desculpem.

As ataduras estão apertadas e o álcool arde na escuridão, mas meu pai diz:

— Os Wilson puseram uma placa do PALG no quintal. Duas noites mais tarde, alguém passou direto com o carro por cima do gramado, arruinando tudo.

Meus pais não têm placas do PALG.

— Nós tiramos a nossa — meu pai prossegue. Sua mãe tem um adesivo do PALG no para-choque, mas mantemos o carro dela na garagem. Nosso orgulho do seu irmão nos pôs bem na linha de frente.

No escuro, minha mãe completa:

— Não esqueça os Bradford. Eles receberam uma sacola de fezes de cachorro em chamas na varanda da frente. O troço poderia ter incendiado a casa toda, enquanto eles dormiam, só porque havia uma biruta do PALG, com as cores do arco-íris, pendurada no quintal. Nem era no jardim da frente, mas nos fundos.

— Nós estamos cercados de ódio, Caroço — meu pai informa. — Você sabia disso?

— Venham, soldados. É hora do rancho — minha mãe nos Chama.

No jantar tem um prato feito segundo um livro de receitas do PALG. Está bom, mas só Deus sabe qual é sua aparência. Por duas vezes derrubo meu copo no escuro. Salpico sal no colo. Toda vez que falo uma palavra, meus pais fazem “psiu”.

— Você ouviu alguma coisa? — minha mãe quer saber. — Isso veio lá de fora?

Sussurrando, eu pergunto se eles se lembram que dia é amanhã. Só para ver se eles lembram, com toda aquela tensão. Não que eu esteja esperando um bolo com velas e um presente.

— Amanhã — diz meu pai. — É claro, nós sabemos. É por isso que estamos nervosos como gatos.

— Nós queríamos falar com você sobre amanhã — começa minha mãe. — Sabemos que você ainda fica perturbada a respeito de seu irmão, e achamos que seria bom se você participasse do nosso grupo na parada.

Corta para outro estranho desapontamento doentio surgindo no horizonte.

Corta para mim, envolvida na grande compensação deles, a grande penitência por aquele momento há tantos anos, em que meu pai gritou:

— Nós não sabemos que tipo de doenças nojentas você está trazendo para dentro desta casa, meu chapa, mas pode arranjar outro lugar para dormir hoje à noite.

Eles chamavam isso de amor duro.

É a mesma mesa de jantar em que mamãe disse a Shane:

— Telefonaram do consultório do dr. Peterson hoje.

Para mim, ela disse:

— Você pode ir ler no seu quarto, mocinha.

Eu poderia ter ido para a Lua e ainda assim ouviria toda gritaria.

Meus pais estavam com Shane na sala de jantar, e eu estava atrás da porta do meu quarto. A maioria das minhas roupas da escola estava no varal lá fora. Ali dentro, meu pai disse:

— Não é garganta inflamada o que você tem, meu chapa, e nós gostaríamos de saber onde você tem andado e o que tem aprontado.

— Nós poderíamos lidar com drogas assegurou minha mãe.

Shane não falou uma só palavra. O rosto dele ainda estava brilhante e marcado de cicatrizes.

— Poderíamos lidar com gravidez na adolescência — acrescentou minha mãe.

Nem uma palavra.

— O dr. Peterson falou que só há um meio de pegar a doença que você pegou, mas eu falei para ele: não, nosso filho não, você não, Shane.

— Nós ligamos para o Ludlow, seu treinador — meu pai disse —, e ele disse que você largou o basquetebol há dois meses.

— Você precisará ir ao departamento de saúde municipal amanhã — informou minha mãe.

— Mas nós queremos você fora daqui hoje à noite — meu pai declarou.

Nosso pai.

Essas pessoas tão boas, amáveis, afetuosas e compreensivas, essas pessoas que encontram identidade e satisfação pessoal na linha de frente da luta por igualdade, dignidade pessoal e direitos iguais para seu filho morto... são as mesmas pessoas que ouço gritar através da porta do meu quarto:

— Nós não sabemos que tipo de doenças nojentas você está trazendo para dentro desta casa, meu chapa, mas pode arranjar outro lugar para dormir hoje à noite.

Eu lembro que queria sair e pegar minhas roupas, para passar tudo a ferro, dobrar e guardar.

Quero qualquer sensação de controle.

Flash.

Eu lembro que a porta da frente simplesmente se abriu e fechou, sem bater. Com a luz acesa no quarto, tudo que eu via era o meu próprio reflexo na janela. Quando apaguei a luz, lá estava Shane, parado perto da janela, olhando para mim ali dentro. Seu rosto parecia o de um monstro de cinema, retalhado e distorcido, escuro e endurecido pela explosão do spray para cabelo.

Quero terror.

Flash.

Ele nem fumava, que eu soubesse, mas acendeu um fósforo e pôs um cigarro na boca. Depois bateu na minha janela.

— Ei, me deixa entrar ele pediu.

Quero negação.

— Ei, está frio.

Quero alienação.

Acendi a luz do quarto, de modo que só podia ver meu reflexo na janela. Depois fechei as cortinas. Nunca mais vi Shane.

Hoje à noite, com as luzes apagadas, as cortinas fechadas, a porta da frente trancada e Shane morto, a não ser pelo seu fantasma, pergunto:

— Que parada?

— É a Parada do Orgulho Gay diz minha mãe.

— Vamos desfilar com o PALG — acrescenta meu pai.

Eles gostariam que eu desfilasse com eles. Gostariam que eu ficasse sentada aqui no escuro, fingindo que é do mundo exterior que estamos nos escondendo. É algum desconhecido preconceituoso que está vindo nos pegar esta noite. É alguma doença sexual fatal, alienígena. Eles gostariam de pensar que morrem de medo de algum homófobo fanático. Não é absolutamente culpa deles. Gostariam de pensar que eu tenho algo a expiar.

Eu não joguei fora aquele spray de cabelo. Simplesmente apaguei as luzes do quarto. Então os carros dos bombeiros foram ouvidos ao longe. Surgiram luzes alaranjadas cintilando diante das minhas cortinas, e quando eu saí da cama para ver, lá estavam minhas roupas de colégio pegando fogo. Penduradas, secas, na corda do varal e cheias de ar. Vestidos, jaquetas, calças e blusas, tudo em chamas e se desfazendo com a brisa. Em poucos segundos, tudo que eu amava desapareceu.

Flash.

Corta para alguns anos depois: eu já crescida e saindo de casa. Quero um recomeço de vida.

Corta para a noite em que alguém ligou de um telefone pago para perguntar a meus pais se eles eram parentes de Shane McFarland. Meus pais falaram que *talvez*. Quem ligou não falou onde estava, mas falou que Shane estava morto.

Uma voz atrás de quem telefonava falou: *Conte a eles o resto*.

Outra voz atrás de quem telefonava falou: Conte que a srta. Shane odiava a barriga nojenta deles e que suas últimas palavras foram: *Isso ainda não terminou, ainda vai durar muito*. E então alguém riu.

Corta para nós sozinhos aqui no escuro com esse jantar.

— Então, meu bem, você vai desfilar conosco? — pergunta meu pai.

— Isso seria muito importante para os direitos dos gays — acrescenta minha mãe.

Quero coragem.

Flash.

Quero tolerância.

Flash.

Quero sabedoria.

Flash.

Corta para a verdade. E digo:

— Não.

CAPÍTULO QUINZE

Corta de volta para uma da madrugada na grande mansão silenciosa de Evie. Manus para de gritar, e eu finalmente consigo pensar.

Evie está em Cancún, provavelmente esperando que a polícia telefone para ela e diga: “Nós achamos que a sua governanta, aquele monstro sem mandíbula, deu um tiro mortal no seu namorado secreto quando ele invadiu a casa com uma faca de açougueiro.”

Você sabe que neste momento ela está completamente desperta. No quarto de um hotel mexicano qualquer, Evie tenta calcular se há uma diferença de três ou quatro horas entre os fusos horários da sua mansão, onde eu fui morta a facadas, e Cancún, onde ela deveria estar fotografando para um catálogo. Pois Evie não pertence à categoria das pessoas mais inteligentes. Ninguém fotografa para um catálogo em Cancún na alta temporada, principalmente caipiras ossudas como Evie Cottrell.

Já a minha morte abre todo um mundo de possibilidades.

Eu sou uma ausência invisível sentada num sofá branco adamascado, defronte de outro sofá branco, com uma mesa de centro que parece um enorme bloco de malaquita do curso Geologia 101.

Evie dormiu com meu noivo, de modo que agora eu Posso fazer qualquer coisa com ela.

No cinema, quando alguém fica invisível de repente, devido a uma rajada de radiação nuclear ou uma receita de um cientista louco, a gente pensa... o que eu faria se fosse invisível? Entraria no vestiário masculino na Academia Gold, ou, melhor ainda, no vestiário dos Oakland Raiders? Coisas assim. Daria uma olhada nas paradas. Iria à Tiffany’s e furtaria tiaras de brilhantes. Uns lances desse tipo.

Simplesmente por ser tão burro, Manus poderia ter me esfaqueado naquela noite, pensando no escuro que eu era Evie e que ela me dera um tiro, enquanto eu dormia na cama dela.

Meu pai iria ao meu enterro, contando a todo mundo que eu vivia pensando em voltar à faculdade, para terminar meu curso de preparadora física pessoal, e depois, sem dúvida, ir estudar medicina. Papai, papai, papai, papai, papai, eu não consegui passar do porco fetal em Biologia 101. Agora eu sou o cadáver.

Lamento, mamãe. Lamento, Deus.

Evie estaria bem junto de minha mãe, perto do caixão aberto. Ela cambalearia, apoiando o corpo em Manus. Você sabe, Evie teria encontrado algo totalmente grotesco para o agente funerário vestir em mim. Então ela enlaça minha mãe, e Manus se afasta do caixão aberto assim que pode. Lá estou eu deitada naquele caixão azul aveludado como o interior de uma limusine Lincoln. É claro, obrigada, Evie, por me arranjar esse quimono chinês de seda amarela, aberto dos lados até a cintura, que as concubinas usam à noite. Eu estou usando meias-arrastão pretas, com dragões chineses rubros bordados na pelve e nos seios.

Além de sapatos de salto alto vermelhos. Sem mandíbula.

É claro que Evie diz para minha mãe: “Ela sempre amou esse vestido. Esse quimono era o favorito dela.”

Eu poderia matar Evie.

Eu pagaria para que serpentes picassem Evie.

Ela estaria usando um vestido de coquetel preto, com uma saia de cetim de bainha assimétrica e um corpete sem alças de Rei Kawakubo. Os ombros e mangas seriam de puro Chiffon preto. Evie tem joias, grandes esmeraldas que combinam com os olhos verdes demais, e um conjunto de acessórios dentro da bolsa preta, para poder usar o mesmo vestido quando for dançar mais tarde.

Odeio Evie.

Estou apodrecendo com o sangue já drenado do corpo nesta roupa vagabunda de concubina drag queen do tamanho errado, tanto que precisaram prender com alfinetes nas costas todo o pano que sobrava.

Pareço uma merda, morta.

Pareço merda morta.

Eu esfaquearia Evie por telefone agora mesmo.

Não. Na verdade, quando colocássemos a urna de Evie em um jazigo da família em algum lugar em deus me livre, Texas, eu diria à mãe dela: a Evie realmente queria ser cremada.

No enterro de Evie, eu estaria usando um minivestido de couro preto de Gianni Versace, apertado feito um torniquete, com metros e metros de luvas de seda preta nos braços. Estaria sentada perto de Manus no banco traseiro do grande Caddillac preto da funerária, e usaria um chapéu Christian Lacroix preto do tamanho de uma roda de carroça, com um véu preto que mais tarde eu pudesse tirar para ir a um leilão bacana, uma venda de imóveis ou algo assim, e depois almoçar.

Evie seria terra. Tudo bem, cinzas.

Sozinha na sala de estar dela, eu apanho uma cigarreira de cristal na mesa que parece um bloco de malaquita e lanço rapidamente o pequeno tesouro sobre os tijolos da lareira. A coisa se espatifa, espalhando cigarros e fósforos por toda parte.

Garota burguesa morta que sou, eu me arrependo subitamente de ter feito isso. Ajoelho e começo a limpar a bagunça. O vidro e os cigarros. Só Evie mesmo... uma cigarreira. Isso é tão geração passada.

E fósforos.

Sinto uma pequena picada no dedo e percebo que me cortei em um caco tão fino e claro que é invisível.

Ah, isso é deslumbrante.

Só quando o sangue flui, delineando o caco em vermelho, é que eu vejo o que me cortou. É o meu sangue no estilhaço que eu extraio. Meu sangue numa cartela de fósforos.

Não, senhora. É sério, a Evie queria ser cremada.

Eu me levanto no meio da bagunça que fiz e corro em volta, deixando uma marca de sangue em cada comutador de luz e cada abajur, desligando tudo. Passo correndo pelo armário e ouço Manus pedir:

— Por favor.

Mas o que tenho em mente é empolgante demais.

Enquanto apago todas as luzes do primeiro andar, Manus me chama. Falando que precisa ir ao banheiro, ele repete:

— Por favor.

A mansão colonial de Evie, com as grandes colunas na fachada, está completamente às escuras quando eu vou tateando de volta para a sala de jantar. Apalpo o umbral da porta e dou dez lentos passos cegos, ao longo do tapete oriental, até a mesa com a toalha de renda.

Acendo um fósforo. E acendo uma das velas no grande castiçal de prata.

Tá legal, isso é muito Romance Gótico, mas eu acendo todas as cinco velas no castiçal de prata, que é tão pesado que exige minhas duas mãos para ser levantado.

Ainda usando a camisola de cetim e o robe com plumas de avestruz, o que eu sou é o fantasma de uma linda garota morta subindo a longa escadaria circular de Evie com o castiçal. Passo por todos os quadros a óleo e depois sigo pelo corredor do segundo andar. Na suíte principal, a linda

garota fantasma com seu cetim iluminado pelas velas abre os armários cheios de suas roupas, esgarçadas até a morte pela gigantesca e malvada Evie Cottrell. Ali estão os corpos torturados de vestidos, suéteres, calças esporte, jeans, camisolas e sapatos. Quase tudo mutilado, maltratado e implorando para ser libertado daquele sofrimento.

O fotógrafo na minha cabeça diz: Quero raiva.

Flash.

Quero vingança.

Flash.

Quero total e completa retribuição justificada.

Flash.

O fantasma já morto que sou, a ausência, o todopoderoso nada invisível que eu me tornei, agita o castiçal por todo aquele tecido e:

Flash.

O que nós temos é o gigantesco inferno fashion de Evie.

Que é deslumbrante.

Que é simplesmente uma enorme diversão! Eu tento a colcha ornamental, um edredom antigo de renda belga, e o troço pega fogo.

As cortinas de veludo verde de Evie também pegam fogo.

Os abajures pegam fogo.

Merda. O chiffon que estou usando também pega fogo. Eu bato com a mão nas plumas fumegantes e saio da fornalha fashion da suíte principal de Evie, indo para o corredor do segundo andar.

Há dez outros quartos e alguns banheiros. Vou de quarto em quarto. As toalhas pegam fogo. Inferno nos banheiros! o Chanel N? 5 Cinco também pega fogo. Os quadros a óleo com cavalos de corrida ou faisões mortos pegam fogo. As cópias de tapetes orientais pegam fogo. Os feios arranjou florais de Evie viram pequenos infernos em cima das mesas. Tão lindo! A boneca Katty Kathy de Evie se derrete e depois pega fogo. A coleção que ela tem de grandes bichos de pelfrcia carnavalescos... Cootie, Poochie, Pam-Pam, Senhor Coelhinho, Choochie, Poo Poo e Ringer... vira um divertido holocausto de peles. Isso é tão doce. Tão gostoso.

De volta ao banheiro, pego uma das poucas coisas que não estão ardendo: um frasco de Valium.

Começo a descer a grande escadaria circular. Quando irrompeu na casa para me matar, Manus deixou a porta da frente aberta, e o inferno lá no segundo andar suga uma fresca brisa noturna escada acima a minha volta.

Apagando minhas velas. Agora, a única luz é a que vem do inferno: um imenso aquecedor espacial sorrindo para mim, enquanto sou fritada completamente com minhas 11 ervas e temperos de Chiffon chamuscado.

A sensação é de que acabei de ganhar um prêmio especial por um feito de extrema importância na minha vida.

É como se eu fosse a Miss América.

Pode descer, Miss América.

Eu ainda adoro esse tipo de atenção.

Por trás da porta do armário, Manus geme que está seutindo cheiro de fumaça e implora, por favor, para que eu não permita que ele morra. Como se eu me importasse com isso agora.

Não. Na verdade, Manus queria ser cremado.

No bloco de recados do telefone escrevo:

daqui a um minuto vou abrir a porta, mas ainda estou com o fuzil. antes disso, vou jogar umas pílulas de Valium por baixo da porta. engula as pílulas. faça isso ou eu mato você.

Então meto o bilhete por baixo da porta.

Nós vamos para o carro dele na alameda da garagem. Vou levar Manus embora. Ele fará tudo que eu quiser, ou então, quando pararmos, contarei à polícia que ele invadiu a casa. lncendiou a mansão e usou o fuzil para me sequestrar. Vou despejar tudo sobre Manus, Evie e o caso de amor doentio dos dois.

A palavra amor tem gosto de cera de ouvido quando eu penso sobre Manus e Evie.

Golpeio a porta do armário com a coronha e o fuzil dispara. Mais alguns centímetros e eu estaria morta. Se eu morresse diante da porta trancada, Manus arderia lá dentro.

— Está bem — grita ele. — Eu faço tudo. Mas, por favor, não me deixe morrer queimado, nem me dê um tiro. Qualquer coisa, mas abra a porta.

Com o sapato, empurro as cápsulas de Valium pela fresta debaixo da porta do armário. Segurando o fuzil na minha frente, destranco a porta e recuo. Á luz do fogo no andar de cima, da para ver que a casa está se enchendo completamente de fumaça. Manus sai cambaleando, com os poderosos olhos azuis esbugalhados e as mãos erguidas. Vai sendo conduzido para fora da casa, até o carro, com o fuzil encostado firmemente nas costas. Mesmo na ponta de um fuzil, a pele de Manus parece rígida e

sensual. Além desse ponto, eu não tenho planos. Só sei que não quero resolver coisa alguma por enquanto. Seja onde for que vamos terminar, eu simplesmente não quero voltar ao normal.

Tranco Manus dentro da mala do Fiat Spider. É um belo carro vermelho, com a capota abaixada. Bato com a coronha do fuzil na tampa da mala.

Minha carga amorosa não responde. Então eu fico imaginando se ele ainda quer fazer xixi.

Jogo o fuzil no banco do carona e volto para o inferno da mansão de Evie. O saguão já virou uma chaminé ou um túnel de vento: o ar frio entra com rapidez pela porta da frente, subindo para o calor e a luz acima de mim. O saguão ainda abriga a tal escrivaninha com o telefone-saxofone dourado. A fumaça está por toda parte, e o coro das sirenes dos detectores de fumaça é tão estridente que o ouvido dói.

É simplesmente maldade deixar Evie acordada em Cancún por tanto tempo, esperando suas boas notícias.

De modo que telefono para o número que ela deixou. Você sabe que Evie atende o telefone ao primeiro toque.

— Alô? — diz ela.

Há apenas o som de tudo que eu fiz: os detetores de fumaça, as chamas, o tinir do candelabro oscilando sob a brisa. Isso é tudo que Evie pode ouvir do outro lado da linha.

—Manus? — ela pergunta.

Em algum lugar, talvez na sala de jantar, o teto desaba e lança pelo umbral da porta fagulhas que rolam no chão do saguão.

— Manus, pare de brincar. Se é você, eu já falei que não quero mais papo — diz Evie.

E neste instante:

Crash!

Com meia tonelada de cristal austríaco lapidado à mão, onde reluzem e cintilam reflexos brancos, o enorme candelabro cai do centro do teto do saguão, explodindo muito perto de mim.

Mais alguns centímetros e eu estaria morta.

Como posso deixar de rir? Eu já estou morta.

— Ouça aqui, Manus — Evie continua. — Eu já mandei você não me telefonar mais. Senão eu chamo a polícia e conto a eles que você despachou a minha melhor amiga para o hospital, sem rosto. Percebeu? Você

simplesmente foi longe demais. Se precisar, posso até conseguir uma ordem judicial contra você.

Manus ou Evie. Eu não sei em quem acreditar. Só sei que minhas plumas estão em chamas.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Corta de volta para uma sessão de fotos de moda num ferro-velho cheio de calhambeques sujos. Eu e Evie precisamos subir nos destroços com biquínis de Hermann Mancing tão estreitos que é preciso usar uma “fita de buceta” de esparadrapo cirúrgico por baixo.

— O seu irmão mutilado... — Evie começa a dizer.

Nem o fotógrafo nem o diretor de arte que eu prefiro estão presentes.

Preocupada em salientar minha bunda, eu respondo a Evie:

— Sei...

E o fotógrafo chama a minha atenção:

— Evie? *Isso não é fazer beicinho!*

Quanto mais feia a moda, pior o lugar onde precisamos posar para fazer com que as roupas pareçam bonitas. Ferros-velhos. Matadouros. Estações de tratamento de esgoto. É a tática das damas de honra feias, em que a noiva só fica bem por comparação. Eu tinha certeza de que um dia ainda precisaríamos posar beijando cadáveres.

Todos os calhambeques têm buracos enferrujados ou bordas serrilhadas, e estou ali quase nua, tentando lembrar quando foi a última vez que tomei vacina contra o tétano. O fotógrafo abaixa a câmera.

— Garotas, vou simplesmente desperdiçar filme se vocês não resolverem contrair a barriga.

A cada dia, ser bela exigia mais esforço. Só as erupções provocadas pela gilete já faziam você querer chorar. E as ceras de depilação? Depois de injetar colágeno nos lábios, Evie falou que não tinha mais medo do inferno. A segunda coisa pior é Manus arrancar sua fita de boceta se você não estiver bem depilada.

Falando do inferno, digo a Evie:

— Nós vamos fotografar lá amanhã.

E então o diretor de arte pede:

— Evie, você pode subir mais uns dois carros nessa pilha?

Ela está de salto alto, mas sobe. Há estilhaços de vidro por todo lugar onde se possa cair.

Abrindo um grande sorriso vistoso, Evie pergunta:

— Como foi, exatamente, que seu irmão ficou mutilado?

Só é possível manter um sorriso real durante certo tempo. Depois disso, são apenas dentes.

O diretor de arte avança com uma pequena lata com uma espuma e retoca as listras do bronzeador nas minhas nádegas.

— Foi um spray de cabelo que alguém jogou no barril onde minha família queimava o lixo — explico. — Ele estava pondo fogo no lixo e a coisa explodiu.

— Alguém? — repete Evie.

—Você até poderia pensar que foi minha mãe, pelos gritos que ela dava tentando estancar a hemorragia dele.

— Garotas, será que vocês podiam ficar na ponta dos pés por um momento? — pede o fotógrafo.

— Uma lata grande de novecentos gramas de spray de cabelo HairShell? Aposto que arrancou metade do rosto dele — insiste Evie.

Nós duas ficamos na ponta dos pés.

— Não foi tão ruim assim — afirmo.

— Esperem um instante — diz o diretor de arte. — Preciso que os pés fiquem mais afastados. Mais. Um pouco mais ainda, por favor.

Então ele nos entrega grandes ferramentas cromadas. A minha deve pesar uns sete quilos.

— É uma britadeira — Evie observa. — Você está segurando errado.

O fotógrafo se vira para Evie.

— Querida, você poderia manter a motosserra mais Perto da boca, por favor?

O sol esquenta o metal dos carros, que têm as capotas amassadas por estarem todos amontoados. Há carros com a dianteira tão afundada que dá para ter certeza de que ninguém saiu andando dali. Carros com as laterais esquartejadas, onde morreram famílias inteiras. Carros com a traseira destroçada e os assentos detrás comprimidos contra o painel. Carros da época em que não havia cintos de segurança. Carros anteriores aos air bags. Anteriores às Mandíbulas da Vida. Anteriores aos paramédicos. São carros com a carcaça aberta em torno dos tanques de gasolina explodidos.

— É incrível que eu tenha lutado a vida inteira para trabalhar num lugar assim.

O diretor de arte nos manda ir em frente e comprimir nossos seios contra os carros.

— Enquanto eu crescia — Evie comenta —, nunca pensei que ser mulher seria... tamanha decepção.

Pois eu só queria ser filha única.

O fotógrafo diz:
— Perfeito.

CAPÍTULO DEZESSETE

As irmãs Reia são três homens, brancos e magricelas, que passam o dia todo fumando cigarros, sentados em uma suíte no Hotel Congress. Eles usam combinações de náilon com alças que caem de um ombro ou de outro e sapatos de salto alto. Kitty Litter, Sofonda Peters e a vivaz Vivienne VaVane têm o rosto reluzente de loção umidificadora e cremes com clara de ovo. Ficam escutando aquele ritmo um-dois-três do cha cha chá, que hoje só se escuta em elevadores. O cabelo das irmãs Reia é curto, achatado com brilhantina e preso com grampos na cabeça. Talvez elas tenham uma peruca espichada sobre os grampos, se lá fora não for verão. Na maior parte do tempo elas não sabem qual é a estação do ano. As persianas nunca são abertas e há cerca de uma dúzia desses discos de cha cha chá empilhados na vitrola automática.

Toda a mobília é clara, assim como o enorme console estéreo, com quatro pernas, da RCA Philco. Daria para arar um campo com aquela agulha velha, e o braço metálico do aparelho pesa cerca de um quilo.

Quero apresentar as três:

Kitty Litter.

Sofonda Peters.

A vivaz Vivienne VaVane.

Também conhecidas como irmãs Reia quando estão no palco, elas são a minha família... contou Brandy Alexander no consultório da fonoaudióloga. Isso não foi quando nos conhecemos. Nem quando eu chorei e contei a ela como perdera o rosto. Também não foi quando Brandy trouxe a cesta de costura cheia de jeitos para esconder minha monstruosidade. Foi numa das incontáveis vezes em que demos, uma fugida, enquanto eu ainda estava no hospital. O consultório da fonoaudióloga era só o nosso ponto de encontro.

— Geralmente, Kitty Litter está oxigenando o cabelo e podando pelos faciais indesejados — Brandy me conta. — Essa repugnante captação de pelos pode ocupar um banheiro por horas a fio, mas Kitty Litter usava seus Ray-Bans pelo avesso, porque ela adora olhar para o próprio reflexo.

As irmãs Reia fizeram de Brandy o que ela é. Brandy deve tudo a elas.

Brandy fechava a porta do consultório da fonoaudióloga, e se alguém batesse, nós forjávamos altos ruídos de orgasmo. Gritávamos, gemíamos e golpeávamos o chão. Eu batia palmas para fazer aquele ruído especial de

espancamento que todo mundo conhece. Quem batia na porta logo se mandava.

Então nós simplesmente voltávamos a aplicar maquiagem e a conversar.

— A Sofonda Peters é o crânio — dizia Brandy. — Ela passa o dia inteiro com as unhas de porcelana metidas no disco do telefone, falando com um agente ou um negociante, e vendendo, vendendo, vendendo.

Alguém batia na porta da fonoaudióloga. Eu soltava um guincho de gato e batia com a mão na coxa.

Sem as irmãs Reia, confessava Brandy, ela estaria morta. Quando foi encontrada pelas três, a princesa-rainha suprema era tamanho 26 e vivia fazendo caraoquê em shows com o microfone aberto para amadores. Fazendo caraoquê de *Thumbelina*.

O cabelo, a Silhueta, a forma descolada de andar para a frente de Brandy Alexander foram invenções das irmãs Reia.

Corta para dois carros de bombeiros cruzando o meu caminho na via expressa, enquanto eu me afasto das chamas da casa de Evie rumo ao centro da cidade. No espelho retrovisor do Fiat Spider de Manus, o incêndio vai se tornando uma fogueira cada vez menor. A bainha em tom de pêssego-rosado do robe de Evie está presa na porta do carro, e as plumas de avestruz batem em mim no ar frio da noite que jorra em torno do para-brisa do conversível.

Eu sou toda cheiro de fumaça. O fuzil no banco do carona está apontado para o chão.

Dentro da mala, minha carga amorosa não solta uma palavra.

E só sobrou um lugar para ir.

Eu não tenho como ligar e simplesmente pedir à telefonista que chame Brandy. A telefonista não me entenderia, de modo que estamos a caminho do Hotel Congress no centro da cidade.

Corta para o fato de todo o dinheiro das irmãs Reia vir de uma boneca chamada Katty Kathy. Isso foi mais uma coisa que Brady me contou entre orgasmos fingidos no consultório da fonoaudióloga. Katty Kathy é uma dessas bonecas cor da pele de trinta centímetros de altura com medidas impossíveis. Se fosse uma mulher real, ela teria 46-16-26. Se fosse uma mulher real, Katty Kathy não conseguiria coisa alguma numa loja. Você

sabe que já viu essa boneca. Vem nua, embrulhada em plástico-bolha, por um dólar, mas suas roupas custam uma fortuna de tão realista que ela é.

Você pode comprar cerca de quatrocentas diminutas peças de vestuário, que podem ser misturadas e combinadas para criar três conjuntos de bom gosto. Nesse aspecto, a boneca é incrivelmente parecida com uma mulher verdadeira. Dá até medo.

Sofonda Peters deu a ideia. Inventou Katty Kathy, fez o protótipo, vendeu a boneca e fechou todos os acordos. Mas Sofonda é quase casada com Kitty e Vivian. Há dinheiro para sustentar todas elas.

Katty Kathy fez sucesso por ser uma boneca falante. Em vez de um cordão, porém, ela tem uma correntinha dourada pendente das costas. Você puxa a correntinha, e ela fala:

“Esse vestido é bonito, quer dizer, se é realmente assim que você quer aparecer.”

“Seu coração é minha pinhata. ”

“Você vai vestir isso?”

“Acho que para o nosso relacionamento seria bom nós sairmos com outras pessoas.”

“Beije, beije.”

E “Não toque no meu cabelo!”.

As irmãs Reia ganharam uma montanha de dinheiro. Basta ver o pequeno bolero de Katty Kathy. Elas mandam fabricar esse bolero no Camboja por dez centavos e vendem a peça nos Estados Unidos por 16 dólares. Tem gente que paga.

Corta para o momento em que eu estaciono o Fiat numa rua lateral, com minha carga amorosa na mala, e vou subindo a Broadway na direção do porteiro do Hotel Congress. Sou uma mulher com apenas metade do rosto chegando a um hotel luxuoso: um desses enormes palácios de cerâmica vitrificada construídos há cem anos, onde os porteiros usam casacas com galões dourados nos ombros. Estou usando um conjunto de penhoar e robe. Não tenho véus. Meio robe ficou preso na porta do carro, depois de ser arrastado pela via expressa pelos últimos trinta quilômetros. Minhas plumas de avestruz têm cheiro de fumaça, e eu tento manter um grande segredo, que é o fuzil escondido feito uma muleta debaixo do braço.

Ah, e eu também perdi um sapato, um daqueles tamancos de salto alto.

O porteiro de casaca nem olha para mim. Eu vejo meu cabelo refletido na grande placa metálica que anuncia “Hotel Congress”. O frio noturno transformou meu penteado de glacê amanteigado em uma gosma emaranhada.

Corta para mim na recepção do Hotel Congress, tentando fazer um olhar sedutor. Dizem que a primeira coisa notada em nós é o olhar. Eu atraio a atenção de algumas pessoas, que devem ser o auditor noturno, o mensageiro, o gerente e um recepcionista. As primeiras impressões são muito importantes. Deve ser minha roupa ou o fuzil. Usando o buraco que há na minha garganta, com a língua projetada para fora de todo o tecido cicatrizado ao redor, digo:

— Gerl terk nahadz galt assid.

Todos ficam simplesmente paralisados pelos meus olhos sedutores. Não sei como, mas o fuzil sobe para o balcão, sem apontar para ninguém em particular. O gerente se adianta dentro de um paletó azul-marinho, onde um pequeno crachá metálico anuncia sr. Baxter.

— Nós podemos lhe entregar todo o dinheiro da gaveta, mas ninguém aqui é capaz de abrir o cofre no escritório.

O fuzil no balcão aponta diretamente para o crachá metálico sr. Baxter, fato esse que não passa despercebido.

Estalo os dedos e aponto para um pedaço de papel, que ele me entrega. Com a caneta dos hóspedes, presa a uma corrente, escrevo:

em que suíte estão as irmãs Reia? não me façam bater em cada porta do décimo quinto andar. já é madrugada.

— Estão na Suíte 15-G — diz Baxter, com as duas mãos cheias de dinheiro que eu não quero e que ele estende sobre o balcão para mim. — Os elevadores ficam à sua direita.

Corta para mim, na pele de Daisy Saint Patience, no primeiro dia em que eu e Brandy Alexander nos sentamos juntas. O dia do peru congelado, em que eu esperava que alguém me perguntasse o que acontecera com o meu rosto, e contei tudo a Brandy.

Quando me fez sentar na cadeira ainda quente de sua bunda e trancou a porta da fonoaudióloga naquela primeira vez, Brandy me deu um nome tirado do meu futuro. Ela me batizou de Daisy Saint Patience e nunca quis

saber que nome eu tinha quando entrei por aquela porta. Eu era a herdeira legítima da casa de moda internacional, a Casa de Saint Patience.

Brandy falava sem parar. já estávamos ficando sem ar de tanto que ela falava, e não quero dizer só nós, eu e Brandy. Quero dizer o mundo. O mundo estava ficando sem ar de tanto que Brandy falava. A Bacia Amazônica simplesmente não conseguia acompanhar.

— Quem você é, de momento a momento, não passa de uma história — disse Brandy.

O que eu precisava era de uma história nova.

— Deixe que eu faça por você o que as irmãs Reia fizeram por mim.

Quero coragem.

Flash.

Quero ânimo.

Flash.

Então corta para mim, na pele de Daisy Saint Patience, entrando no elevador e percorrendo o largo corredor atapetado até a Suíte 15 -G. Daisy bate à porta, mas ninguém responde. Através da porta, da para ouvir o tal ritmo do cha cha chá.

A porta só abre 15 centímetros, porque a correntinha está presa.

Aparecem três rostos brancos, brilhando com loção umidificadora, na abertura de 15 centímetros: Kitty Litter, Sofonda Peters e a vivaz Vivienne VaVane, uma em cima da outra. Os negros cabelos curtos delas estão presos por grampos e toucas de peruca.

As irmãs Reia.

Quem é quem eu não sei. O verdadeiro totem formado pelas três drag queens na abertura da porta diz:

— Não nos tire a suprema rainha.

— Ela é tudo que temos para fazer nas nossas vidas.

— Ela ainda não está pronta. Nem chegamos à metade, e temos tanto a fazer nela.

Deixo que elas deem uma espiadela no fuzil por baixo do Chiffon cor-de-rosa rendado e a porta é batida.

Do outro lado, ouço a correntinha ser solta. Depois a porta se abre completamente.

Corta para uma ocasião tarde da noite, dirigindo entre o Nada, em Wyoming, e DeusSabeOnde, em Montana. Seth fala que ao nascer nós

transformamos nossos pais em Deus. Nós lhes devemos a vida, e eles podem exercer controle sobre nós.

— Então vem a puberdade e nos transforma em Satã, simplesmente por querermos algo melhor — ela conclui.

Corta para dentro da Suíte 15 -G com a tal mobília amarela, o cha cha chá bossa-novista e a fumaceira de cigarro. As irmãs Reia esvoaçam pelo quarto em suas combinações de náilon, com uma ou outra das alças caída. Eu só preciso apontar o fuzil.

— Nós sabemos quem você é, Daisy Saint Patience — diz uma delas, acendendo um cigarro. — Com um rosto desses, Brandy não consegue falar em outra coisa além de você.

Por todo o quarto estão espalhados cinzeiros de porcelana, modelo 1959, tão grandes que só precisam ser esvaziados de dois em dois anos.

A irmã com o cigarro me estende a mão comprida com unhas de porcelana e diz:

— Sou Pio Reia.

— Sou Dia Reia — apresenta-se outra, perto do som estéreo.

— São nossos nomes artísticos — informa a do cigarro, Pio Reia. Ela aponta para a terceira Reia, lá no sofá, comendo comida chinesa numa embalagem para viagem. — Aquela é a srta. Comendo-até-Estourar, mas que também atende por Gono Reia.

Com a boca cheia de algo que ninguém quer ver, Gono Reia diz:

— Encantada, tenho certeza.

Pondo o cigarro em qualquer lugar exceto a boca, Pio Reia informa:

— A rainha simplesmente não precisa dos seus problemas. Pelo esta noite. Nós já somos a família de que a garota maioral precisa.

Em cima do som há um porta-retratos prateado com a foto de uma linda garota diante de um fundo infinito, sorrindo para uma câmera invisível, enquanto um fotógrafo invisível lhe diz:

Quero paixão.

Flash.

Quero felicidade.

Flash.

Quero juventude, energia, inocência e beleza.

Flash.

— A Brandy foi rejeitada por sua primeira família, a família em que ela nasceu, e foi adotada por nós. — Dia Reia aponta um dos dedos compridos para a foto que sorri no aparelho de som amarelo. — Essa primeira família pensa que ela morreu.

Corta para uma época em que eu ainda tinha rosto e fui capa da revista *Gatas de Botas*.

Corta de volta para a Suíte 15 -G: eu estou na foto em cima do som amarelo. Aquela é a minha capa, a capa da revista *Gatas de Botas*, emoldurada, com Dia Reia apontando um dos dedos para mim.

Corta de volta para nós no consultório da fonoaudióloga, com a porta trancada. Brandy fala que foi uma sorte ser encontrada pelas irmãs Reia. Nem todo mundo tem a chance de nascer de novo e ser criada uma segunda vez, com a diferença de que essa era por uma família amorosa.

— Eu devo tudo a Kitty Litter, Sofonda e Vivienne — afirma Brandy.

Corta para a Suíte 15 -G. Gono Reia agita os pauzinhos chineses diante de mim e diz:

— Não tente tirar Brandy de nós. Nós ainda não terminamos com ela.

— Se Brandy for embora com você, precisará pagar por seus próprios estrogênios conjugados — acrescenta Pio Reia. — E também pela vaginoplastia, além da labioplastia. Sem mencionar a eletrólise escrotal.

— Nada disso é barato — diz Dia Reia para o estúpido rosto sorridente na foto da moldura prateada em cima do som. Ela estende a foto para mim e meu passado me encara olho no olho. — É assim que Brandy queria ficar, parecida com sua irmã puta. Isso foi há dois anos, antes de fazer a cirurgia a laser para afinar as cordas vocais, e depois a raspagem da traqueia. Ela precisou fazer a linha do cabelo avançar três centímetros para ficar na posição certa. Pagamos pela raspagem dos supercílios para tirar as arestas de osso acima dos olhos que a srta. Macho tinha. Nós pagamos pelo contorno do queixo e pela femininalização da testa.

Com a boca cheia de comida chinesa mastigada, Gono Reia prossegue:

— E toda vez que voltava do hospital para casa, ela vinha com a testa quebrada e realinhada, ou então o pomo de adão reduzido a um nada feminino... quem você acha que tomou conta dela durante dois anos?

Corta para anos atrás: meus pais dormindo na cama, a montanhas e desertos de distância daqui. Corta para o telefone tocando: um tarado enlouquecido liga e berra que o filho deles estava morto. O filho que eles não queriam,

Shane, morrera de AIDS. O sujeito não falou onde nem quando e desligou às gargalhadas.

Corta de volta para a Suíte 15-G: Dia Reia agita no ar aquela antiga foto minha e diz:

— Ela queria ficar assim e, dezenas de milhares de dólares de Katty Kathy mais tarde, ficou assim.

— Que diabo, Brandy ficou *melhor* do que isso — Gono Reia retruca.

— Nós amamos Brandy Alexander — afirma Pio Reia.

— Mas Brandy ama você, porque você *precisa* dela — atesta Dia Reia.

— Quem você ama e quem ama você nunca são a mesma pessoa — Gono Reia diz. — Brandy nos abandonará se achar que você precisa dela, mas nós também precisamos dela.

Quem amo está trancado na mala de um carro lá fora, com o estômago cheio de Valium, e fico imaginando se ele ainda precisa mijar. O irmão que odeio voltou dos mortos. A morte de Shane era simplesmente uma coisa boa demais para ser verdade.

Primeiro ele não morreu com a explosão do spray de cabelo.

Depois nossa família não conseguiu esquecer quem ele era.

Agora até o vírus mortífero da AIDS me deixou na mão.

Meu irmão é uma decepção amarga atrás da outra, caralho.

Ouço uma porta se abrindo e fechando em algum lugar. Depois outra porta se abre, seguida por outra, e Brandy aparece , dizendo:

— Daisy, meu bem...

Ela penetra na fumaça e no cha cha chá usando um incrível conjunto de viagem verde com debruns brancos e sapatos de salto alto verdes, além de uma bolsa verde realmente elegante. Na cabeça traz uma espécie de leque verde feito com penas de papagaios tropicais, algo ecologicamente incorreto transformado em chapéu.

— Daisy, querida, não aponte essa arma para pessoas que eu amo — diz Brandy. Cada uma das suas enormes mãos, coalhadas de anéis, segura uma charmosa mala bege da American Tourister. — Alguém pode ajudar?

Aqui estão apenas os hormônios da princesa. As roupas necessárias estão no outro quarto.

Depois ela vira para Sofonda.

— Srta. Pio Reia, eu simplesmente preciso ir.

Para Kitty, ela diz:

— Srta. Dia Reia, já fiz todo o possível por ora. Avançamos a linha do cabelo, levantamos as sobrancelhas e raspamos o osso da testa. Fizemos a raspagem da traqueia, o contorno do nariz, o contorno do queixo e o realinhamento da testa...

Não é de espantar que eu não tenha reconhecido o meu velho irmão mutilado.

Para Vivienne, Brandy informa:

— Srta. Gono Reia, eu ainda tenho alguns meses no meu Treino de Vida Real e não vou desperdiçar tudo enfiada aqui neste hotel.

Corta para nós, partindo no Fiat Spider com uma montanha de bagagens. Imagine refugiados desesperados, com 17 malas no mesmo estilo, que saíssem de Beverly Hills e cruzassem o país para começar vida nova na roça do Meio-Oeste. Tudo muito elegante e de bom gosto. Uma daquelas épicas férias da família Joad, só que em sentido contrário, deixando um rastro de acessórios descartados, sapatos, luvas, gargantilhas e chapéus para aliviar a carga e poder cruzar as Montanhas Rochosas. Seríamos nós.

Isso foi depois que a polícia apareceu. Sem dúvida o gerente do hotel telefonou e falou que uma psicopata mutilada estava ameaçando todo mundo com um fuzil lá no décimo quinto andar, mas as irmãs Reia desceram toda a bagagem de Brandy pela escada de incêndio. Brandy falou que precisava partir para pensar sobre certas coisas. Você sabe. Antes da grande cirurgia. Você sabe. A transformação.

Eu continuava olhando para Brandy e pensando: *Shane*?

— É um compromisso tão grande ser uma garota — diz ela. — Você sabe. Para sempre.

Tomar hormônios pelo resto da vida. Pilulas, compressas e injeções pelo resto da vida. E se existisse alguém, uma só pessoa, que amasse Brandy e pudesse fazer a vida dela feliz, simplesmente como ela era, sem hormônios, maquiagem, roupas, sapatos e cirurgia? Ela precisa pelo menos dar uma olhadela no mundo. Quando Brandy explica tudo isso, as irmãs

Reia começam a chorar, acenando e empilhando as malas da American Tourister no carro.

A cena inteira seria simplesmente de cortar o coração, e eu também estaria choramingando, se não soubesse que Brandy era meu irmão morto. E que a pessoa por quem ele deseja ser amado sou eu, sua irmã cheia de ódio. Já estou tramando o assassinato dele. Pois já Estou tramando matar Brandy Alexander. Eu, que nada tenho a perder, tramo minha grande vingança à luz dos refletores.

Quero violentas fantasias de vingança como mecanismo de defesa.

Flash.

Só quero uma oportunidade.

Flash.

Ao volante, Brandy vira para mim com o rímel borrado Por lágrimas e pergunta:

— Você sabe quais são as Regras Básicas de Benjamin?

Ela liga o carro e engrena a marcha. Solta o freio de mão, virando o pescoço para observar o tráfego, e continua:

— Eu preciso passar um ano inteiro a base de hormônios, vivendo o meu novo papel sexual antes da vaginoplastia. Chamam isso de Treino de Vida Real.

Brandy sai dirigindo pela rua, e nós escapamos por um triz. Os policiais da SWAT, sempre de preto básico, equipados com gás lacrimogêneo e armas semiautomáticas, cruzam a porta aberta pelo porteiro de alamares dourados. As irmãs Reia correm atrás de nós, acenando e jogando beijos. Agem feito umas damas de honra feiosas, até tropeçarem ofegantes na rua, com os saltos altos arrebentados.

Há uma lua no céu. Os edifícios de escritórios transformam a rua numa ravina. Manus continua na mala, mas uma boa distância já se abre entre a cadeia e minha pessoa.

Brandy põe a mão enorme na minha perna e aperta.

Incêndio premeditado e sequestro. Acho que já estou pronta para o assassinato. Talvez tudo isso atraia para mim um pouco de atenção. Mesmo que não seja uma atenção boa e gloriosa, mas com cobertura da mídia nacional.

Garota monstruosa mata amiga que era seu irmão.

— Ainda faltam oito meses para terminar o meu ano de Treino de Vida Real — Brandy me informa. — Você acha que pode me manter ocupada

nos próximos oito meses?

CAPÍTULO DEZOITO

Eu passo metade da vida me escondendo nos banheiros dos ricos.

Corta de volta para Seattle: eu, Brandy e Seth estamos na estrada caçando drogas no dia seguinte à nossa noite na Agulha Espacial. Brandy está prostrada no chão do banheiro principal. Primeiro eu ajudo a tirar o paletó e desabotoar as costas da blusa dela. Agora estou sentada num vaso sanitário, empurrando cápsulas de Valium naquela boca azulada, com a constância de uma tortura aquática chinesa. Como diz a garota Brandy, Valium não mata a dor, mas pelo menos você não fica puta da vida por estar sofrendo.

— Manda ver. — Brandy faz lábios de peixe.

O problema é que Brandy tem tanta tolerância para drogas que leva uma eternidade para morrer. Além disso, é enorme e cheia de músculos. Portanto, são necessários frascos e mais frascos para acontecer qualquer coisa.

Eu solto um Valium. Um pequeno Valium azul-bebê, outro Valium azul-pólvora, azul-claro Tiffany's, como um presente da Tiffany's, o Valium cai girando sobre si mesmo dentro de Brandy.

Esse conjunto que eu ajudo Brandy a tirar é um Pierre Cardin naquele estilo da Era Espacial, em tom branco reluzente. A saia é reta, em forma de tubo, fresca e estéril logo acima dos joelhos. O paletó é atemporal, clínico, de corte simples e mangas três-quartos. A blusa por baixo não tem mangas. Os sapatos são botas de vinil branco com bicos quadrados. É uma roupa à qual você acrescentaria, como acessório, um contador Geiger em vez de uma bolsa.

Na Bon Marché, quando ela sai desfilando do provador, eu só posso aplaudir. Vai haver depressão pós-parto na próxima semana, quando ela for devolver a roupa.

Corta para o café hoje de manhã: como Brandy e Seth estavam forrados de grana das drogas, nós pedimos o serviço de quarto. Seth fala para Brandy que ela se encaixaria perfeitamente se viajasse no tempo para Las Vegas em outro planeta nos anos 1950. O planeta Krylon, diz ele, onde glamurosos trajes sintéticos flexíveis fariam lipoaspiração na gordura das pessoas e reformariam qualquer um por inteiro.

— Que gordura? — pergunta Brandy.

— Eu adoro ver que você poderia simplesmente ser uma visitante do futuro longínquo através dos anos 1960 — Seth diz.

E eu ponho mais Premarin na próxima xícara de café de Seth. Mais Darvon no champanhe de Brandy.

Corta de volta para nós no banheiro: Brandy e eu.

— Manda ver — diz Brandy.

Seus lábios parecem completamente frouxos e esticados. Eu dou a ela mais um presente da Tiffany's.

O banheiro em que estamos escondidas reúne mais do que toques decorativos. O troço inteiro é uma gruta submarina. Até o telefone tem uma tonalidade de água-marinha, mas, quando você olha pelos janelões, que são escotilhas feitas de metal dourado, vê Seattle do alto de Capitol Hill.

O vaso sanitário em que estou sentada... só sentada, porque a tampa está fechada debaixo da minha bunda, *obrigada*... é uma grande concha de caracol de cerâmica aparafusada na parede. A pia é metade de uma enorme concha de marisco também pregada na parede.

Brandylândia, playground sexual das estrelas, diz:

— Manda ver.

Corta para a nossa chegada aqui: o corretor de imóveis era simplesmente um bofão. Um daqueles bolsistas do time de futebol na universidade, com as sobrancelhas unidas no meio, que esquecem de conseguir um diploma em qualquer coisa.

Como se eu pudesse criticar: eu, com meus 1.600 créditos.

Ele é um corretor de imóveis do clube dos milionários, que conseguiu esse emprego com um ex-aluno agradecido que só queria um genro que conseguisse ficar acordado durante seis ou sete partidas de boliche nos fins de semana. Mas talvez eu esteja sendo severa demais.

Brandy ficou molhada de excitação feminina. Ali estava aquele homem, com um cromossomo Y extra, num jaquetão de sarja azul-marinho... um sujeito com patas que apequenavam até as mãos enormes de Brandy.

— Sr. Parker — diz Brandy, com a mão coberta pela pata imensa do homem. Dá para ver o fundo musical de Hank Mancini nos olhos dela. — Nós nos falamos hoje de manhã.

Nós estamos na sala de visitas de uma casa em Capitol Hill. É mais uma mansão rica, onde tudo é exatamente o que parece. As intrincadas rosas Tudor esculpidas nos tetos são de gesso, e não de estanho prensado ou fibra de vidro. Os torsos dos danificados nus gregos são de mármore, e não de gesso marmorizado. As caixas no aparador não são esmaltadas no estilo de Fabergé. São caixas Fabergé legítimas, e há 11 delas. A renda debaixo das caixas não foi feita à máquina.

Não só as lombadas, mas as capas da frente e das costas de todos os livros em todas as estantes na biblioteca são encadernadas em couro. E há páginas de verdade. Não é necessário puxar um só livro para saber disso.

As pernas de Parker, o corretor de imóveis, ainda parecem planas nos lados da bunda. Na frente, o volume um pouco maior numa das pernas da calça denuncia samba-canção em vez de sunga.

Brandy meneia a cabeça na minha direção.

— Esta é a srta. Arden Scotia.

Mais uma vítima do Projeto de Reencarnação de Testemunhas Brandy Alexander.

A mãozona de Parker engole a minha mãozinha, peixe grande e peixe pequeno, por inteiro.

A alva camisa engomada de Parker faz a gente pensar em comer numa toalha de mesa limpa. É tão esticada e saliente que daria para servir drinques na prateleira daquele tórax enorme.

Brandy meneia a cabeça na direção de Seth.

— Este aqui é o meio-irmão da srta. Scotia, Ellis Island.

O peixão de Parker engole o peixinho de Ellis.

— Eu e a srta. Scotia gostaríamos de examinar a casa sozinhas. Ellis é deficiente mental e emocional — diz Brandy.

Ellis sorri.

— Nossa esperança era que você tomasse conta dele — acrescenta Brandy.

— Positivo — Parker concorda. — Com certeza.

Ellis sorri e belisca a manga do paletó de Brandy.

— Não me deixe aqui tempo demais, srta.. Se eu não tomar pílulas suficientes, vou ter um dos meus ataques.

— Ataques? — pergunta Parker.

— Ás vezes, a srta. Alexander esquece que eu estou esperando e não me dá a medicação.

— Você tem ataques? — Parker se espanta.

Brandy dá um sorriso.

— Isso é novidade para mim. Mas você não vai ter um ataque — diz ela para o meu novo meio-irmão. — Ellis, eu proíbo você de ter um ataque.

Corta para nós, acampadas em uma gruta submarina.

— Manda ver.

O piso debaixo das costas de Brandy é feito de cerâmica fria, em forma de peixes encaixados uns nos outros, com a cauda de um entre a cabeça de outros dois, exatamente como as sardinhas são enlatadas. O chão do banheiro inteiro é decorado assim.

Eu solto um Valium entre os lábios azulados.

— Eu já lhe contei como minha família me expulsou de casa? — diz Brandy, depois de engolir a pequena pílula azul. — Quer dizer, minha família original. A família em que eu nasci. Já contei a você essa historinha feia?

Eu ponho a cabeça entre os joelhos, baixando o olhar diretamente para a cabeça da rainha suprema entre meus pés.

— Minha garganta ficou dois dias doendo, de modo que eu faltei às aulas e tudo. Srta. Arden? Ei!

Eu baixo o olhar para ela. É tão fácil imaginar Brandy morta.

— Srta. Arden, por favor — insiste ela. — Manda ver.

Eu solto outro Valium.

Brandy engole.

— Eu fiquei dias sem poder engolir. Minha garganta doía demais. Eu mal conseguia falar. Claro que meus pais pensaram que eu estava com uma inflamação estreptocócica.

A cabeça de Brandy está quase diretamente sob a minha quando eu olho para baixo. Só que seu rosto está invertido. Meus olhos miram o interior de sua boca azulada, uma profundeza molhada que leva às suas entranhas, seus órgãos e tudo que fica fora de cena. São os bastidores de Brandy Alexander. Invertida assim, ela poderia ser uma total desconhecida.

E Ellis tinha razão, só perguntamos às pessoas sobre elas para poder falar a elas sobre nós mesmos.

— O material coletado que eles examinaram para ver se eu tinha estreptococos deu positivo para gonorreia — Brandy continua. — Você sabe, a terceira irmã Reia. Gono Reia. Aquela minúscula bactéria

gonocócica. Eu tinha 16 anos e já estava com gonorreia. Meus pais não lidaram bem com a coisa.

Não. Não, não lidaram.

— Eles surtaram — diz Brandy.

E puseram o filho para fora de casa.

— Eles ficaram berrando que eu estava doente.

E então puseram o filho para fora de casa.

— Srta. Scotia? — ela chama. — Manda ver.

De modo que eu mando ver.

— Então eles me puseram para fora daquela maldita casa.

Corta para Parker diante da porta do banheiro, dizendo:

— Srta. Alexander? Sou eu, srta. Alexander. Srta. Scotia, vocês estão aí dentro?

Brandy tenta sentar, apoiada num dos cotovelos.

— É o Ellis — diz Parker do outro lado da porta. — Acho que vocês deveriam descer. Srta. Scotia, seu irmão está tendo um ataque ou coisa parecida.

Há remédios e cosméticos espalhados pelas bancadas em tom de água-marinha. Brandy está esparramada, seminua, no chão salpicado de pílulas, cápsulas e tabletes.

— Ele é meio-irmão dela — responde Brandy.

Chacoalhando a maçaneta da porta, Parker diz:

— Vocês precisam me ajudar.

— Pare com isso, Parker! — grita Brandy, fazendo a maçaneta parar de girar. Ela olha para mim e continua: — Tenha calma. Não entre aqui. O que você precisa fazer é segurar o Ellis no chão para que ele não se machuque. Vou descer em um minuto.

Brandy abre um largo sorriso com os lábios azulados.

— Está ouvindo, Parker?

— Por favor, venham depressa — responde a voz do outro lado da porta.

— Depois de imobilizar Ellis no chão, use alguma coisa para manter a boca dele aberta — explica Brandy. — Você tem uma carteira de dinheiro?

Há um momento de silêncio.

— É de pele de enguia, srta. Alexander.

— Então você deve ter muito orgulho dela. Vai precisar enfiar o troço entre os dentes dele para manter a boca aberta. Sente em cima dele, se for preciso.

Brandy é a imagem da maldade sorridente aos meus pés.

O barulho de algum cristal verdadeiro se estilhaçando atravessa a porta, vindo do andar térreo.

— Depressa! — grita Parker. — Ele está quebrando coisas.

Brandy lambe os lábios.

— Depois de fazer com que ele abra a boca, Parker, meta a mão e agarre a língua dele. Se não conseguir fazer isso, ele Vai sufocar, e então você estará sentado em cima de um cadáver.

Silêncio.

— Está me ouvindo? — pergunta Brandy.

— Agarrar a língua dele?

Mais uma coisa, autêntica e bem cara, é espatifada ao longe.

— Parker, meu querido, espero que você tenha seguro. — A princesa Alexander está com o rosto vermelho e inchar do de tanto sufocar o riso. — É, agarre a língua do Ellis. Segure o corpo dele no chão, mantenha a boca aberta e puxe a língua para fora o máximo que puder, até que eu possa descer para ajudar.

A maçaneta gira.

Meus véus estão todos na bancada de cosméticos, longe do meu alcance.

A porta começa a abrir, mas bate no sapato de salto alto de Brandy, que está esparramada seminua sobre as drogas no chão, dando risadas e se enchendo de Valium. Isso basta para que eu veja a tal sobrancelha única no rosto de Parker, e também para que ele me veja sentada no vaso.

— Estou cuidando da srta. Arden Scotia! — Brandy grita.

Forçado a escolher entre agarrar a língua de um desconhecido e observar um monstro cagando numa gigantesca concha de caracol, Parker recua e bate a porta.

Suas passadas de bolsista futebolístico vão se distanciando pelo corredor.

Depois trovejam escada abaixo.

O bofão cruza o saguão com passadas firmes até a sala de estar.

O urro de Ellis, real, súbito e distante, atravessa o chão vindo do andar térreo. E, de repente, para.

— Onde estávamos mesmo? — diz Brandy.

Ela deita novamente a cabeça entre meus pés.

— Já pensou um pouco mais sobre cirurgia plástica? — diz ela. Depois acrescenta: — Manda ver.

CAPÍTULO DEZENOVE

Quando você sai com um bêbado, vai notar que ele enche o seu copo para poder esvaziar o dele. Enquanto você estiver bebendo, ele também poderá beber. Dois já formam uma dupla. Beber é divertido. Diante de uma garrafa, um bêbado sempre porá um pouco de bebida no seu copo antes de encher o dele, mesmo que o seu copo não esteja vazio.

Isso só parece generosidade.

Brandy Alexander vive me falando de cirurgia plástica e perguntando por que eu não examino as possibilidades. Ela tem o peito siliconado, os quadris lipoaspirados e medidas de ampulheta: 115 -40-1 15 . Como é uma verdadeira Katty Kathy, uma fada-madrinha reformada, e uma linda dama fabricada por Pigmaliâo, além de ser meu irmão retornado dos mortos, Brandy Alexander deve muito à cirurgia plástica.

E vice-versa.

Papo de banheiro.

Brandy continua estendida naquele frio piso ladrilhado no alto de Capitol Hill, em Seattle. O corretor Parker veio e se foi. Brandy e eu passamos a tarde toda aqui. Eu continuo sentada na extremidade aberta de uma enorme concha de caramujo de cerâmica grudada na parede. Tentando matar Brandy de um jeito retardado. Ela tem a cabeleira acobreada entre os meus pés. Há batons, Demerols, blushes, Percocet-S, Sonhos Purpúreos e cápsulas de Nembutal Sodium espalhados pelas bancadas em tom de água. marinha ao redor da pia.

Estou segurando um monte de cápsulas de Valium há tanto tempo que minha mão já assumiu aquele tom azul-claro da Tiffany’s. Só eu e Brandy durante toda a tarde, com o sol entrando em ângulos cada vez mais baixos através dos janelões em forma de escotilhas de latão.

— Minha cintura, por exemplo... a Sofonda disse que eu precisava ter uma cintura de quarenta centímetros — diz Brandy. A boca azulada parece um pouco azulada demais. Parece aquele tom azul-claro da Tiffany’s, na minha opinião. Ou azul-bebê de overdose. — Mas respondi: “Sofonda, eu tenho ossos grandes. Tenho mais de um metro e oitenta de altura. De jeito maneira vou conseguir afinar minha cintura só para quarenta centímetros.”

Sentada na concha de caramujo, eu só escuto parcialmente.

— Sofonda fala que há um jeito, mas que eu preciso confiar nela. Quando acordar na sala de recuperação, terei uma cintura de quarenta centímetros.

Não é que eu já não tenha ouvido essa história em uma dúzia de outros banheiros. Mais um frasco tirado da bancada: cápsulas de Bilax. Consulto o livro *Guia de Referência para Médicos*.

Cápsulas de Bilax. Um laxante intestinal.

Talvez eu deva lançar algumas dessas cápsulas na boca falastrona entre meus pés.

Corta para Manus assistindo à gravação daquele meu infomercial. Nós éramos tão bonitos. Eu tinha um rosto. E ele não estava tão entupido de estrogênios conjugados.

Eu achava que nós tínhamos uma relação de amor verdadeiro. Achava mesmo. Idealizava muito o amor, que não passava de um longo caso sexual que podia terminar a qualquer momento: afinal de contas, trata-se apenas de gozar. Manus fechava seus poderosos olhos azuis, virava a cabeça de um lado para outro e engolia.

E eu falava para Manus que gozava bem junto com ele.

Papo de travesseiro.

Quase todo o tempo, falamos para nós mesmos que estamos amando alguém, quando só estamos usando a pessoa.

Isso só parece amor.

Corta para Brandy no chão do banheiro.

— Sofonda, Vivienne e Kitty foram comigo ao hospital — diz ela, tirando as mãos fechadas do piso ladrilhado e esfregando os lados da blusa. — Todas as três usavam aqueles jalecos folgados, vagabundos e verdes. Tinham rede sobre as perucas e broches imitando a duquesa de Windsor espetados nos jalecos. Ficavam correndo por trás do cirurgião e das luzes, e Sofonda me falava para contar detrás para a frente, começando de cem. Você sabe... 99... 98... 97...

Os olhos purpúreos se fecham. Brandy respira devagar, profundamente. Passa as mãos nas costelas.

— Os médicos tiraram a última costela de cada lado do meu tórax. Passei dois meses sem conseguir sentar na cama, mas fiquei com uma cintura de quarenta centímetros. E ainda tenho essa cintura.

Uma das mãos de Brandy se abre como uma flor e desliza sobre a parte do corpo onde a blusa some embaixo do cinto da saia.

— Cortaram fora duas costelas minhas que eu nunca voltei a ver. Há alguma coisa na Bíblia que fala em retirar costelas.

A criação de Eva.

— Não sei por que deixei que fizessem isso comigo.

Ela adormece.

Corta de volta para a noite em que eu e Brandy pusemos o pé na estrada: a noite em que partimos do Hotel Congress. Brandy vai dirigindo como só se pode dirigir às duas e meia da madrugada num conversível esporte, com um fuzil carregado e um refém desmaiado de overdose. Ela esconde os olhos atrás de óculos Ray-Ban para ter um pouco de privacidade. Num toque de glamour instantâneo de um outro planeta na década de 1950, Brandy joga um lenço Hermés sobre a cabeleira acobreada, amarrando as pontas debaixo do queixo.

Só consigo ver minha figura, diminuta e horrorosa, refletida no Ray-Ban de Brandy. Com a cara esticada e estourada pelo frio da noite ao redor do para-brisa. E o roupão de banho ainda preso na porta do carro. Quem toca no tecido cicatrizado e arrebentado do meu rosto jura estar tocando em couro e cascas de laranja.

Rumando para leste, eu não sei direito do que estamos fugindo. Evie, a polícia, Baxter ou as irmãs Reia. Ou ninguém. Ou o futuro. É o destino. Crescer e envelhecer. Recolher os cacos. Como se fugindo não precisássemos continuar nossas vidas. Eu estou com Brandy neste momento porque não me imagino fazendo isso sem a ajuda dela. Porque, neste momento, preciso dela.

Não que eu realmente tenha amor por Brandy. Por ele. Por Shane.

A palavra amor já está me parecendo muito rala.

Eu olho para a rainha suprema silhuetada pelos faróis que não cessam de passar por nós: lenço Hermes na cabeça, óculos Ray-Ban e maquiagem no rosto. O que eu vejo quando olho para Brandy é o que Manus viu quando me levou para velejar.

Neste exato momento, vendo esses relances de Brandy a meu lado no carro de Manus, percebo o que eu amava nela. O que amo nela é eu mesma. Brandy Alexander é exatamente igual ao que eu era antes do acidente. Por que não seria? Ela é meu irmão, Shane. Eu e Shane tínhamos quase a mesma altura e nascemos com um ano de diferença. É a mesma cor de pele. As mesmas feições. E o mesmo cabelo, só que o cabelo de Brandy está em melhor estado.

Some a isso a lipoaspiração, os Silicones, a raspagem da traqueia, a raspagem do supercílio, o avanço da linha do cabelo, o realinhamento da testa, a rinoplastia para afinar o nariz e as operações maxomiliares para ajeitar o queixo. A tudo isso, ainda some anos de eletrólise, com uma montanha de hormônios e antiandrogênios todo dia. Não é de admirar que eu não tenha reconhecido meu irmão.

E havia a ideia de que Shane morrera há anos. Você simplesmente não espera encontrar gente morta.

O que eu amo é eu mesma. Eu era tão linda.

Minha carga amorosa, Manus TrancadoNaMala, Manus TentandoMeMatar; como posso continuar pensando que amo Manus? Ele é simplesmente o último homem que achou que eu era bonita. Que me beijou na boca. Que me tocou. Manus é simplesmente o último homem que já falou que me amava.

Você examina os fatos e tudo é tão deprimente.

Eu só consigo comer comida de bebê.

Minha melhor amiga trepou com meu noivo.

Meu noivo quase me matou a facadas.

Toquei fogo numa casa e passei a noite toda apontando um fuzil para gente inocente.

O irmão que odeio voltou dos mortos para me roubar a cena.

Sou um monstro invisível e sou incapaz de amar qualquer pessoa. Nem dá para saber o que é pior.

Corta para minha mão umedecendo uma toalha de rosto na pia. No banheiro que parece uma gruta submarina até as toalhas são em tom de água-marinha e azuis, com um festão ornamental nas bainhas. Eu ponho o pano frio e úmido na testa de Brandy, fazendo com que ela acorde para engolir mais pílulas. E morra no carro em vez de morrer nesse banheiro.

Depois faço com que ela se levante e enfio o paletó nela.

Precisamos fazer Brandy caminhar, antes que alguém perceba o estado dela.

Eu amarro os sapatos de salto alto de volta nos seus pés. Brandy se apoia em mim e na borda da bancada. Pega um punhado de cápsulas de Bilax e estreita os olhos.

— Minhas costas estão me matando — diz ela. — Por que fui deixar que me dessem esses peitões?

A rainha suprema parece pronta para engolir um punhado de qualquer coisa.

Eu abano a cabeça. Não.

Brandy estreita os olhos para mim.

— Mas eu preciso disso.

No *Guia de Referência para Médicos*, eu mostro o Bilax: laxante intestinal.

— Ah! — Brandy vira a mão para derramar o Bilax na bolsa. Algumas cápsulas caem, mas outras grudam na palma suada dela. — Depois que eles nos dão os peitos, os mamilos ficam tortos e altos demais. Eles usam uma navalha para cortar os mamilos fora e depois realocam tudo.

Essa é a palavra que ela usa: realocar.

O Programa de Realocação dos Mamilos de Brandy Alexander.

Meu irmão morto, o finado Shane, solta da palma úmida o último laxante.

— Não tenho sensibilidade nos mamilos.

Pego meus véus na bancada e vou colocando camada após camada sobre a cabeça.

Obrigado por não compartilhar.

Ficamos perambulando pelos corredores do segundo andar até Brandy dizer que está pronta para as escadas.

Então descemos para o saguão em silêncio, um degrau de cada vez. Do outro lado, através das portas fechadas da saia de visitas, da para ouvir a voz grave de Parker repetindo algo suavemente.

Brandy se apoia em mim, e com três pernas vamos lentamente atravessando o saguão, desde o pé da escadaria até as portas duplas da sala de visitas. Abrimos a porta um pouco e enfiamos o rosto na fresta.

Ellis está estendido no carpete da sala.

Parker está sentado sobre o peito dele, com um sapato tamanho 44 plantado de cada lado da cabeça.

As mãos de Ellis estapeiam a grande bunda de Parker, unhando as costas do jaquetão. A fenda nas costas do paletó está rasgada ao longo da costura, desde o meio das costas até o colarinho.

Uma das mãos do corretor segura uma carteira de pele de enguia, molhada e roída, entre as coroas dentárias de Ellis.

O rosto de Ellis está vermelho-escuro e reluzente, como você ficaria se recebesse a torta de cereja num concurso de comer tortas. Parece uma

pintura a dedo confusa, feita de sangue nasal, lágrimas, catarro e baba.

Parker tem o cabelo caído sobre os olhos. Fechada, sua outra mão segura 12 centímetros da língua de Ellis, puxada para fora.

Ellis fica estapeando e se contorcendo entre as pernas grossas do seu algoz.

Vasos Ming e outros itens valiosos jazem quebrados por todo o assoalho.

— Está certo. Faça isso mesmo. Está ótimo. É só relaxar — diz Parker.

Eu e Brandy, observando.

Como eu queria destruir Ellis, tudo isso é simplesmente perfeito demais para ser estragado.

Puxo Brandy. Meu bem, é melhor voltarmos lá para cima. Você precisa descansar um pouco mais. Vou lhe dar um bom punhado de cápsulas de benzedeira.

CAPÍTULO VINTE

Quanto à plástica: eu passei um verão inteiro como propriedade do Hospital La Paloma Memorial examinando o que a cirurgia podia fazer por mim.

No hospital havia um bando de cirurgiões plásticos, além dos livros que eles traziam. Livros com fotografias. As que eu vi eram em preto e branco, graças a Você, Deus. Os cirurgiões me contaram como eu poderia ficar, depois de anos de dor.

Quase todas as cirurgias plásticas começam com algo chamado pedúnculo. A receita segue adiante e vai ficar horripilante. Mesmo em preto e branco.

Com tudo que aprendi, eu já poderia ser médica.

Lamento, mamãe. Lamento, Deus.

Certa vez Manus disse que nossos pais são Deus. Temos amor por eles e queremos lhes dar felicidade, mas queremos fazer isso segundo nossas próprias regras.

Os cirurgiões falaram que você não pode simplesmente cortar um pedaço de pele num lugar e grudar em outro. Não é como enxertar uma árvore. Simplesmente não haveria ligação entre as veias e os vasos capilares para o suprimento sanguíneo manter o enxerto vivo. O pedaço simplesmente morreria e cairia.

Embora seja assustador, atualmente, quando eu vejo alguém enrubescer, minha reação não é : Ah, que graça. Um rosto corado só me faz lembrar que o sangue está ali, logo debaixo da superfície de tudo.

Um cirurgião plástico me falou que fazer dermoabrasão é quase igual a comprimir um tomate maduro contra uma correia de lixa. No geral, você paga pela nojeira que fica.

Para realocar um pedaço de pele, para reconstruir uma mandíbula, você precisa retirar uma comprida tira de pele do pescoço. O pedaço é cortado a partir da base, mas sem arrancar a ponta de cima.

Imagine uma espécie de flâmula ou tira de pele frouxa ao longo do seu pescoço, mas ainda ligada à parte inferior do rosto. Como a tira continua ligada a você, também continua recebendo sangue. A pele continua viva. Pegue a tira e forme um tubo ou uma coluna. Deixe a pele enrolada até sarar e virar um longo pedaço de carne pendurado na parte baixa do seu rosto. É um tecido vivo. Cheio de sangue sadio, fresco e quente.

Esse troço que fica pendurado ali, batendo no seu pescoço, é um pedúnculo. E só a parte da cicatrização pode levar meses.

Corta de volta para o Fiat vermelho, com Brandy atrás dos óculos escuros e Manus trancado na mala. Brandy nos leva para as ruínas de um forte de fronteira no alto de Rocky Butte. Se hoje não fosse dia de aula, haveria secundaristas de Parkrose, Grant e Madison quebrando garrafas de cerveja e fazendo sexo inseguro nestas antigas ruínas aqui em cima.

Nas noites de sexta-feira, esta colina estaria cheia de jovens dizendo: Olhe, lá adiante dá para ver minha casa. Aquela luz azul na janela é da tevê dos meus pais.

As ruínas são só alguns blocos de pedra ainda empilhados uns sobre os outros. No interior o chão é plano e pedregoso, coberto de cacos de vidro e uma relva grossa.

Em todas as direções à nossa volta, com exceção da estrada que sobe até aqui, os penhascos de Rocky Butte se precipitam sobre a cidade pontilhada de luzes.

Dá para sufocar com o silêncio.

Nós precisamos de um lugar para ficar. Até eu descobrir o que fazer a seguir. Até arranjarmos algum dinheiro. Nós temos dois, talvez três dias, até Evie chegar em casa, e precisarmos sumir. Então, calculo eu, simplesmente telefonarei para Evie e aplicarei uma chantagem nela.

Evie me deve muito.

Eu posso fazer isso sem me dar mal.

Brandy entra rapidamente com o Fiat na parte mais escura das ruínas, desliga os faróis e pisa no freio. Nós paramos tão depressa que só os cintos de segurança nos impedem de bater no para-brisa.

Baques, estalos e clangores metálicos soam no carro à nossa volta.

— Desculpe — diz — Brandy. — Tem merda aí no assoalho. Entrou debaixo do pedal do freio quando tentei parar.

Música brilhante feito prata surge rolando por baixo dos nossos assentos. Argolas de guardanapo e colheres de chá de prata são lançadas contra nossos pés. Brandy tem castiçais entre os pés. Metade de uma travessa de prata refletindo a luz das estrelas avança por baixo do banco de Brandy, surgindo entre as longas pernas dela.

Brandy olha para mim. Com o queixo enfiado no peito, ela abaixa o Ray-Ban até a ponta do nariz e levanta as sobrancelhas delineadas.

Eu dou de ombros. E saio para libertar minha carga amorosa.

Mesmo com a mala aberta, Manus não se mexe. Seus joelhos encostam nos cotovelos, as mãos cobrem o rosto e os pés estão metidos debaixo da bunda. Ele poderia ser um feto com um uniforme militar.

Eu não notei o que havia em torno dele. A noite de hoje foi muito estressante. Portanto, me perdoem. Lá na casa de Evie não notei que Manus está cercado por um serviço de jantar de prata completo. Um tesouro de pirata na mala de seu Fiat e outras coisas.

Relíquias.

Há uma vela branca e comprida.

Brandy sai do assento e vem ver também.

— Puta merda. — Ela revira os olhos. — *Puta merda*.

Há também um cinzeiro, quer dizer, uma pequena mão feita de gesso, perto da bunda inconsciente de Manus. É o tipo de molde que você faz para o Dia das Mães no primeiro grau, pressionando a mão sobre uma torta de gesso úmido.

Brandy afasta o cabelo da testa de Manus.

— Ele é muito bonito, mas acho que vai ficar com sequelas cerebrais.

É trabalhoso demais explicar isso a Brandy por escrito, mas seria redundância Manus ficar com sequelas cerebrais.

Pena que seja só o Valium.

Brandy tira os Ray-Ban para ver melhor. Depois tira o lenço Hermés e solta a cabeleira toda para melhorar a aparência caso Manus acorde. Mordendo e umedecendo os lábios, ela diz:

— Geralmente é melhor dar barbitúricos aos caras bonitos.

Acho que vou lembrar disso.

Eu iço o corpo de Manus, fazendo com que ele fique sentado na mala com as pernas penduradas por cima do para-choque. Os poderosos olhos azuis tremeluzem, piscam, tremeluzem e depois se estreitam.

Brandy se inclina, olhando bem para ele. Meu irmão está a fim de roubar meu noivo. A essa altura eu só quero que todo mundo morra.

— Acorde, benzinho — diz Brandy, com a mão em concha debaixo do queixo de Manus.

Manus estreita os olhos e chama:

— Mamãe?

— Acorde, benzinho — insiste Brandy. — Está tudo bem.

— Agora? — pergunta Manus.

— Está tudo bem.

Eu ouço o leve ruído de algo correndo. Parece o som de chuva no teto de uma barraca ou de um conversível fechado.

— Ah, meu Deus — Brandy recua. — Ah, meu Jesus Cristo!

Manus pisca, olhando para Brandy. Depois baixa o olhar para o colo. Uma das pernas do uniforme militar vai escurecendo até o joelho.

— Ele é bonito — comenta Brandy. — Mas acabou de mijar nas calças.

Corta de volta para a cirurgia plástica.

Corta para o dia feliz da sua cicatrização. Você passou meses com aquela longa tira de pele pendurada no pescoço, mas não se trata de apenas uma tira. Provavelmente há uma meia dúzia de pedúnculos, porque é melhor fazer muitos ao mesmo tempo, para que o cirurgião plástico possa trabalhar com mais tecidos.

Para a reconstrução, você precisará passar cerca de dois meses com essas compridas tiras de pele penduradas embaixo do rosto.

Dizem que as primeiras coisas observadas em nós são os olhos. É melhor abandonar essa esperança. Você parece um subproduto de carne, moído e cuspido pela Fábrica de Petiscos Num Num.

Uma múmia se desfazendo com a chuva.

Uma pinhata quebrada.

Essas tiras de pele quente penduradas no seu pescoço são tecidos bons, vivos e supridos de sangue. O cirurgião ergue cada tira e liga a extremidade cicatrizada ao seu rosto. Dessa forma, o grosso do tecido é transferido e enxertado no seu rosto sem jamais interromper o fluxo sanguíneo. Eles puxam para cima todas as peles soltas e vão esboçando uma mandíbula. O seu pescoço fica cheio de cicatrizes onde a pele foi retirada, e a sua mandíbula vira uma massa de tecido enxertado. A esperança dos cirurgiões é que tudo se una e fique no lugar.

Durante mais um mês, você e os cirurgiões nutrem essa esperança. Por mais um mês, você se esconde no hospital e espera.

Corta para Manus sentado sobre o próprio mijo e a baixela de prata na mala do carro esporte. Reaprendendo a usar o penico. Acontece. Eu estou agachada diante dele, procurando sua carteira de dinheiro.

Manus fica só olhando para Brandy. Provavelmente pensa que ela é o meu antigo eu, que tinha um rosto.

Perdendo o interesse, Brandy diz:

— Ele não lembra. Pensa que sou a mãe dele. Irmã talvez, mas... mãe?

Tão *déjà-vu*.Tente irmão.

Nós precisamos de um lugar para ficar, e Manus deve ter uma casa nova. Não a casa antiga que eu e ele compartilhavamos. Se Manus não nos oferecer sua casa como esconderijo, vou contar à polícia que ele me sequestrou e incendiou a casa de Evie. Manus não sabe coisa alguma sobre Baxter e as irmãs Reia, que me viram andar com um fuzil por toda a cidade.

Com o dedo, eu escrevo na terra:

precisamos encontrar a carteira dele.

— A calça está molhada — diz Brandy.

Manus olha para mim, apruma o corpo ainda sentado e arranha a cabeça na tampa aberta da mala do carro. Cara, você sabe que isso dói, mas não é tão trágico assim, até Brandy Alexander contribuir com uma reação exagerada, dizendo:

— Ah, coitadinho.

E então Manus abre o berreiro. Manus Kelley, a última pessoa que tem direito a isso, está chorando. Eu odeio isso.

Corta para o dia em que os enxertos de pele finalmente se firmam. Até essa fase, porém, o tecido vai continuar necessitando de algum tipo de apoio. Mesmo que os enxertos cicatrizem a ponto de parecerem um grosseiro queixo encaroçado, você ainda vai necessitar de um osso. Sem uma base óssea, aquela massa mole de tecido, por mais viva e viável que seja, pode ser simplesmente reabsorvida.

Essa é a palavra que os cirurgiões plásticos usaram.

Reabsorvida.

Pelo meu rosto, como se eu fosse simplesmente uma esponja feita de pele.

Corta para Manus chorando. Brandy está inclinada sobre ele, arrulhando e alisando a sensual cabeleira dele.

Na mala, há um par de sapatos de bebê banhados em bronze, um réchaud de prata, a figura de um peru feita de macarrão colado em papel pardo.

— Como eu estou ligadão agora, posso contar isso a Vocês — diz Manus, fungando e passando as costas da mão debaixo do nariz. Ele olha para Brandy, inclinada ali, e para mim, agachada na terra. — Primeiro os nossos pais nos dão a vida, mas depois tentam nos dar a vida deles.

Para fazer o osso da sua mandíbula, os cirurgiões arrancam pedaços dos ossos das suas canelas, junto com as artérias anexas. Primeiro eles expõem o osso e esculpem o queixo ainda na sua perna.

Uma alternativa é os cirurgiões quebrarem diversos outros ossos, provavelmente ossos longos nas suas pernas e braços. Dentro desses ossos está a estrutura reticular mole do tutano.

Essa era a palavra dos cirurgiões e a palavra dos livros.

Reticular.

— Minha mãe e seu novo marido... minha mãe se casa muito... acabaram de comprar um apartamento num condomínio de luxo em Bowling River, na Flórida — diz Manus. — Gente com menos de sessenta anos não pode comprar imóveis lá. É uma lei que eles têm.

Eu olho para Brandy, que continua bancando a mãe superativa: ajoelhada, ela afasta o cabelo da testa de Manus. Depois lanço o olhar sobre a borda do penhasco perto de nós. Aquelas pequenas luzes azuis em todas as casas são de gente vendo televisão. O azul-claro da Tiffany’s. O azul do Valium. Pessoas em cativeiro.

Tanto minha melhor amiga quanto meu irmão estão tentando roubar meu noivo.

— Eu fiz uma visita a eles no Natal passado. — Manus prossegue. — O apartamento da minha mãe fica bem ao lado do campo de golfe e eles adoram o lugar. Em Bowling River, parece que o padrão etário foi para o caralho. Minha mãe e meu padastro acabaram de fazer sessenta anos, de modo que não passam de jovens ali. Quanto a mim, todos aqueles velhos e velhas ficam me examinando como se eu fosse um carro roubado.

Brandy lambe os lábios.

— Segundo o padrão etário de Bowling River, eu ainda não nasci — conclui Manus.

Você precisa arrancar grandes fatias finas de tutano ósseo sangrento e mole. O tal troço reticular. Depois precisa inserir essas lascas e tiras de osso na massa de tecido mole já enxertada no seu rosto.

Na realidade não é você que faz isso, os cirurgiões é que fazem tudo enquanto você dorme.

Se as tiras finas ficarem bem juntas, formarão células fibroblásticas que se ligarão umas às outras. De novo, uma palavra tirada dos livros.

Fibroblastos.

Mais uma vez, isso leva meses.

— No Natal, o maior presente que minha mãe e seu marido me dão é uma caixa toda embrulhada — diz Manus, sentado na mala aberta do Fiat Spider, no alto de Rocky Butte. — A caixa é do tamanho de um sistema de som potente ou de um televisor de tela grande. Quer dizer, eu tinha esperança de que fosse isso, mas podia ter sido qualquer coisa, e eu teria gostado mais.

Manus abaixa uma das botas até o solo e depois a outra. Já em pé, ele se vira para o Fiat cheio de pratarias.

— Mas não, eles me dão essa merda aí.

Com os coturnos e o uniforme militar, Manus pega na mala um bojudo bule de chá feito de prata e olha para sua imagem gorda refletida na superfície convexa. Depois diz:

— A caixa inteira está cheia dessas porcarias e de objetos de herança familiar que ninguém mais quer.

Tal como eu atirei contra a lareira a cigarreira de cristal de Evie, Manus ergue e lança rapidamente o bule na escuridão. Sobre o penhasco, no meio da escuridão e das luzes dos subúrbios, o bule voa tão longe que ninguém ouve o baque da queda. Sem virar o corpo, Manus estica a mão para trás e agarra outra coisa qualquer, um castiçal de prata, enquanto diz:

— Isso é a minha herança.

Lançado para cima na escuridão, o castiçal gira sobre si mesmo silenciosamente, como sempre imaginamos que os satélites voam.

— Você sabe que seus pais parecem ser Deus. — Manus atira um punhado de argolas de guardanapo resplandecentes. — Claro, você tem amor por eles, e quer saber se ainda estão vivos, mas na verdade vocês nunca se veem, a menos que eles queiram alguma coisa.

O réchaud de prata voa rumo às estrelas e depois cai em algum lugar entre as luzes de tevê azuladas.

Depois que as lascas de osso se unem para lhe dar um queixo novo dentro da massa de pele enxertada, o cirurgião pode tentar moldar a coisa para você poder falar e comer, disfarçando tudo com maquiagem.

Para que isso aconteça, são anos de dor.

Anos vividos na esperança de que você conseguirá algo melhor do que o que já tem. Anos vividos olhando e se sentindo pior na esperança de que sua aparência poderia ser melhor.

Manus agarra uma vela branca na mala.

— O segundo presente de Natal que minha mãe me deu foi uma caixa com todas as coisas que eu tinha quando era criança, e que ela guardou. — Ele levanta a vela. — Veja só, a vela do meu batismo.

A vela sai voando no meio da escuridão.

Os sapatos de bebê banhados em bronze são o item seguinte.

Embrulhados numa camisola de batismo.

Depois um punhado de dentes de bebê.

— Que se foda a porra da fada dos dentinhos — Manus diz.

Há uma mecha de cabelo louro dentro de um medalhão com uma corrente. A corrente é girada e lançada pela mão de Manus como se fosse uma boleadeira, desaparecendo na escuridão.

— Ela falou que estava me dando essas coisas porque não tinha lugar para guardar tudo. — Não é que ela não quisesse conservar a parada.

A mão moldada em gesso da época do ensino médio sai girando pelo ar e se perde no escuro.

— Se isso não tem valor para você, mamãe, para mim também é merda que prefiro não carregar por aí — diz Manus.

Corta para todas as vezes em que Brandy Alexander fala comigo sobre cirurgia plástica, e eu penso nos pedúnculos. Reabsorção. Células fibroblásticas. Osso reticular. Anos de dor e esperança. Como posso deixar de rir?

O riso é o único som que consigo fazer e que as pessoas entendem.

Com peitos tão siliconados que mal consegue ficar ereta, a bem-intencionada rainha suprema Brandy diz: Pelo menos examine as alternativas disponíveis.

Como posso parar de rir?

É sério, Shane, eu não preciso tanto assim de atenção. Simplesmente vou continuar usando meus véus. Se eu não posso ser bonita, quero ser invisível.

Corta para a concha de ponche de prata voando para lugar nenhum.

Corta para cada colher de chá desaparecendo.

Corta para todos os boletins e retratos de turma alçando voo.

Manus amassa um grosso pedaço de papel.

É sua certidão de nascimento. Mas ele lança o papel na inexistência. Depois fica balançando sobre os calcanhares e as pontas dos pés, com os braços em torno do corpo.

Brandy olha para mim, querendo dizer algo. Na terra, com o dedo, eu escrevo:

manus, onde você mora atualmente?

Pequenos toques frios pousam no meu cabelo e nos ombros em tom pêssego-rosado. Está chovendo.

— Ouça, eu não quero saber quem você é, mas se pudesse ser qualquer pessoa, quem seria? — Brandy pergunta.

— Não quero ser mais velho, disso eu tenho certeza. — Manus abana a cabeça. — De jeito nenhum.

Com os braços cruzados, ele balança sobre os calcanhares e as pontas dos pés. Enfiando o queixo no peito, baixa o olhar para todas as garrafas quebradas.

Está chovendo mais forte. Dá para sentir o cheiro das plumas de avestruz chamuscadas, ou o L'Air du Temps de Brandy.

— Então você é o sr. Denver Omelet. Denver Omelet, quero apresentar Daisy Saint Patience. — Brandy abre uma das mãos cheias de anéis sobre os 120 centímetros de glória siliconada. — Estes... ou esta aqui é Brandy Alexander.

CAPÍTULO VINTE E UM

Corta para uma ocasião nada especial: eu e Brandy, sozinhas no consultório da fonoaudióloga. Brandy me pega com as mãos debaixo do véu, tocando as conchas e o marfim dos molares expostos, alisando o couro modelado do tecido cicatrizado, seco e polido pelo hálito que passa por ali. Estou tocando a saliva que seca, pegajosa e crua, nos lados do pescoço, quando Brandy fala que não é bom eu me examinar de perto.

— Querida, em épocas assim, é melhor pensar em você mesma como um sofá ou um jornal, algo feito por um monte de outras pessoas, mas não feito para durar eternamente.

A borda aberta da minha garganta parece engomada, plastificada, costurada com arame e endurecida pelo manuseio. É a mesma sensação que provoca a borda superior de um vestido sem alças ou de um maiô, sustentado por arame ou suportes plásticos costurados por dentro. Rígido, mas quente como qualquer coisa cor-de-rosa. Ossudo, mas coberto por pele suave e tocável.

Os médicos falaram que esse tipo de mandibulectomia aguda e traumática, sem reconstrução, antes da decanulação do tubo da traqueotomia, pode levar à apneia do sono. Eles ficavam conversando entre si durante as visitas matutinas.

E as pessoas acham difícil compreender o que eu falo.

Os médicos me contaram que eu poderia morrer toda vez que adormecesse, a menos que eles reconstruíssem algum tipo de mandíbula ou de tapadeira. Eu podia simplesmente parar de respirar, sem acordar. Uma morte rápida e indolor.

No bloco, com a minha caneta, escrevi:

não me provoquem.

Nós estamos no consultório da fonoaudióloga, e Brandy diz:

— É bom saber que você é tão responsável pela sua aparência quanto um carro. Você é um produto, tal como o carro. Um produto de um produto de um produto. As pessoas que projetam carros são produtos. Seus pais são produtos. Os pais deles são produtos. Seus professores, produtos. O pastor da sua igreja, um outro produto.

Ela fala que às vezes o melhor meio de lidar com a merda é não se considerar uma preciosidade.

— Minha ideia é que você não pode escapar do mundo, e também não é responsável pela sua aparência, seja uma beldade ou uma raimunda — diz ela. — Você não é responsável pelo que sente, pelo que diz, pelo seu modo de agir ou por qualquer coisa que faz. Tudo isso está fora de seu controle.

Assim como um disco compacto não é responsável pelo que está gravado ali, nós também não. Você tem tanta liberdade para agir quanto um computador programado. Você é tão única quanto uma nota de um dólar.

— Não há qualquer *você* verdadeiro em *você* — ela prossegue. — Nem no seu corpo físico. Todas as suas células serão substituídas dentro de oito anos.

Há pele, ossos, sangue e transplantes de órgãos de pessoa para pessoa. Até aquilo que já está dentro do nosso corpo, os micróbios e as bactérias que comem o alimento para nós: sem essas colônias, nós morreriamos. Nada em nós é nosso até o final. Tudo nosso é herdado.

— Relaxe — diz Brandy. — Seja o que for que você esteja pensando, um milhão de outras pessoas também está pensando a mesma coisa. Seja o que for que você esteja fazendo, elas também estão fazendo o mesmo, e nenhuma de vocês é responsável. Tudo em vocês é um esforço cooperativo.

Lá debaixo de meu véu, belisco o toco de uma língua úmida feita com algum produto vandalizado. Os médicos sugeriram usar um pedaço do meu intestino delgado para alongar minha garganta. Sugeriram arrancar parte das canelas, as fíbulas desse produto humano que sou, moldando e enxertando os ossos para me construir. Construir o produto, uma mandíbula nova.

No meu bloco escrevo:

o osso da perna conectado ao osso da cabeça?

Os médicos não sacaram.

Agora ouçam a palavra do Senhor.

— Você é um produto de nossa linguagem — Brandy diz —, nossas leis e nossas crenças na vontade de Deus sobre nós. A menor molécula dentro de você já foi pensada por alguns milhões de pessoas antes de você. Qualquer coisa que você possa fazer é entediante, antiga e perfeitamente legal. Você está segura porque está presa dentro de sua cultura. Qualquer coisa que você possa conceber é boa, *porque pode ser concebida por você*. É impossível imaginar um meio de escapar disso. Não há saída.

— O mundo é o seu berço e a sua armadilha — ela conclui.

Isso foi depois que recuei. Escrevi para o meu agente e perguntei quais eram minhas chances de trabalhar como modelo de mão ou pé.

Apresentando modelos de relógios e sapatos. Meu agente me mandara flores no hospital logo no início. Talvez ele pudesse me arranjar trabalho como modelo de perna. Eu não sabia o que Evie contara para eles.

Para ser modelo de mão, escreveu o agente de volta, você precisa usar luva tamanho sete e anel tamanho cinco. Uma modelo de pé precisa ter unhas dos pés perfeitas e usar sapatos tamanho 37. Modelo de perna não pode praticar qualquer esporte. Não pode ter qualquer veia visível. Se os dedos das suas mãos e dos seus pés não ficarem bem quando ampliados três vezes numa revista ou duzentas vezes num outdoor, escreveu ele, perca a esperança de ser modelo de qualquer parte do corpo.

Minha mão é tamanho oito. Meu pé, 39.

— E se você conseguir descobrir qualquer meio de sair da nossa cultura, esse meio também já é uma armadilha. A simples vontade de sair da armadilha já reforça a armadilha — diz Brandy.

Os livros de cirurgia plástica, os panfletos e as brochuras, tudo isso prometia me ajudar a levar uma vida mais normal e feliz. Só que isso se parece cada vez menos com o que eu poderia querer. O que quero parece cada vez mais com o que sempre fui treinada para querer. O que todo mundo quer.

Quero atenção.

Flash.

Quero beleza.

Flash.

Quero paz e felicidade, uma relação amorosa e um lar perfeito.

Flash.

— O melhor caminho é não resistir — diz Brandy —, mas simplesmente se deixar levar. Não fique tentando consertar as coisas o tempo todo. Aquilo de que você foge simplesmente fica com você mais tempo. Quando você luta contra algo, só fortalece essa coisa.

— Não faça o que você quer — ela prossegue. — Faça o que você não quer. Faça o que você foi treinada para não querer.

É o oposto de seguir sua felicidade.

— Faça as coisas que você mais teme — Brandy diz para mim.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Em Seattle, estou vendo Brandy cochilar na nossa gruta submarina há mais de 160 anos. Fico sentada ali, com uma reluzente pilha de brochuras de cirurgiões mostrando cirurgias de realocaçâo. Operações transicionais transexuais. Trocas de gênero.

Quase todas as fotos coloridas mostram vaginas de diferentes qualidades pelo mesmo ângulo. A câmera focaliza diretamente o interior escuro das vaginas. Dedos com unhas brilhantemente pintadas de vermelho comprimem as coxas para afastar os grandes lábios. O meato uretral surge, macio e rosado. Em algumas, os pelos púbicos são raspados rente. A profundidade vaginal é apresentada como alcançando 15, 20 ou 5 centímetros . Em algumas, há um *corpus spongiosum* não-extirpado em torno da abertura uretral. O clitóris fica encapuzado: o *frenulum* do clitóris, as diminutas dobras de pele sob o capuz que unem o clitóris aos lábios.

Há vaginas ruins e baratas, feitas com pele escrotal cheia de pentelhos. Parecem sufocadas por pelos, que continuam crescendo lá dentro.

Também há fotos perfeitas de vaginas moderníssimas, alongadas pelo uso de trechos do cólon, autolimpantes e lubrificadas com a própria mucosa. Clitóris sensíveis feitos com o corte e o reposicionamento de pedaços da glande do pênis. O Cadillac da vaginoplastia. Alguns desses Cadillacs são tão bem-sucedidos que o fluxo da mucosa do colon impõe o uso diário de absorventes grandes.

Algumas são vaginas ao estilo antigo, que precisavam ser esticadas e dilatadas todo dia com um molde de plástico. Todas essas brochuras são suvenires do futuro próximo de Brandy.

Depois que vimos Parker sentado em cima de Ellis, ajudei o cadáver movido a drogas de Brandy a voltar para o andar de cima e tirei suas roupas de novo. Ela cuspiu de volta as pílulas de Darvon que tentei enfiar na garganta dela, tossindo e deitando de costas no chão do banheiro. Quando dobrei o paletó no meu braço, vi que havia algo metido no bolso de dentro. O livro de Miss Rona. Dentro do livro havia um suvenir do meu próprio futuro.

Outra vez sentada na grande concha de caracol de cerâmica, li:

Eu amo Seth Thomas tanto que preciso destruir a pessoa dele. Supercompenso isso adorando a rainha suprema. Seth nunca me amará. Nunca mais alguém me amará.

Que vergonha.

Quero babaquice emocional lamuriante e carente.

Flash.

Quero tolice egocêntrica autorreferente.

Cristo.

Eu que me foda. Estou tão cansada de ser eu mesma. Eu, linda. Eu, feia. Loura. Morena. Um milhão de mudanças de aparência, caralho, que só me deixam aprisionada em mim mesma.

Quem eu era antes do acidente já não passa de uma história. Tudo antes de agora é apenas uma história que carrego por aí. Acho que isso se aplicaria a qualquer pessoa no mundo. Preciso é de uma história nova sobre quem sou.

O que preciso é fazer uma cagada tão grande que não consiga me salvar.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Portanto, assim é a vida no Projeto de Reencarnação de Testemunhas de Brandy Alexander.

Em Santa Bárbara, Manus, que era Denver, nos ensinou a arranjar drogas. Nós três nos apertamos naquele Fiat Spider, indo de Portland para Santa Bárbara, e Brandy simplesmente queria morrer. Ela passava o tempo todo com as mãos sobre a região lombar, dizendo:

— Parem o carro. Eu preciso esticar o corpo. Estou tendo es-pas-mos. Nós precisamos parar.

Levamos dois dias para ir do Oregon à Califórnia, e os dois estados são vizinhos. Manus passava todo o tempo olhando para Brandy e escutando o que ela falava. Estava tão claramente apaixonado por ela que queria simplesmente matar os dois, de maneiras piores e ainda mais dolorosas.

Assim que entramos em Santa Bárbara, Brandy quer sair e caminhar um pouco. O problema é que estamos num bairro realmente elegante da Califórnia, situado nas colinas acima da cidade. Quem começa a andar por ali é logo parado pela polícia ou por alguma patrulha de segurança particular, perguntando quem a pessoa é e pedindo algum documento de identidade.

Mas Brandy está tendo espasmos outra vez. A princesa, histérica, passa uma perna sobre a porta e coloca meio corpo para fora do Spider antes mesmo que Denver Omelet tenha tempo de parar. O que Brandy quer são as cápsulas de Tylox que ela deixou na Suíte 15 -G do Hotel Congress.

— Ninguém pode ser linda sem se sentir linda — Brandy repete cerca de mil vezes.

Encostamos no meio-fio aqui nas colinas, junto de um letreiro que diz CASA DISPONÍVEL. Uma enorme *hacienda* se ergue diante de nós, tão espanhola que dá vontade de dançar o flamenco em cima de uma mesa, balançar num candelabro de ferro fundido, usar um sombrero e um boldrié com cartucheiras.

Denver diz para Brandy:

— Pronto. Vão se embelezando, porque eu vou mostrar como podemos surrupiar uns analgésicos que precisam de receita.

Corta para os três dias que passamos escondidos no apartamento de Denver, até conseguirmos juntar algum dinheiro. Brandy arquitetou um novo plano.

Antes de entrar na faca, ela decidiu encontrar sua irmã.

Logo eu, que só quero dançar em cima da sepultura dela.

— Uma vaginoplastia é quase para sempre — diz ela. — Pode esperar até que eu esclareça algumas coisas.

Ela resolveu encontrar a irmã e lhe contar tudo sobre a gonorrcia, por que Shane não está morto e o que aconteceu. Tudo. Pôr as coisas às claras. Provavelmente ficaria surpresa se soubesse o quanto a irmã já sabe.

Eu só quero sair da cidade, caso um mandado de prisão por incêndio criminoso já esteja no forno, de modo que ameaça Denver. Se ele não vier conosco, vou correndo à polícia e faço uma acusação contra ele. Por incêndio, sequestro e tentativa de assassinato. Para Evie, mando uma carta.

Para Brandy, escrevo:

vamos sair de carro por aí. para ver o que acontece. relaxar.

Isso parece um pouco uma corrida de obstáculos, mas todos nós vivemos fugindo de alguma coisa. E quando falo nós, estou falando de todas as pessoas no mundo.

Portanto, Brandy acha que viajamos para tentar encontrar sua irmã, e Denver viaja devido à chantagem. Minha carta para Evie chega à caixa de correio no fim da alameda da garagem que leva às ruínas incineradas da mansão. Ela está em Cancún, talvez.

A carta para Evie diz:

Prezada srta. Evelyn Cottrell,

Manus diz que atirou em mim ajudado por você, devido ao seu relacionamento nojento. Para se manter longe da PRISÃO, por favor, tente receber assim que possível a indenização da seguradora por danos à sua casa e aos seus pertences pessoais. Converta essa indenização em moeda americana, usando apenas notas de dez e vinte. Envie tudo para mim, aos cuidados da posta-restante em Seattle, estado de Washington. Você é responsável por eu ser uma pessoa sem noivo. Sou sua ex-melhor amiga, por mais que você minta para si mesma. Mande o dinheiro e eu considerarei o caso encerrado. Não irei à polícia fazer com que você seja enviada para a PRISÃO, onde precisará lutar dia e noite por sua dignidade e sua vida, mas onde, sem dúvida, perderá ambas. Sim, eu passei por uma grande cirurgia de reconstrução, de modo que minha aparência ficou melhor do que antes. Manus Kelley está comigo e ainda me ama. Ele diz que a odeia e que deporã contra você no tribunal, dizendo que você é uma puta.

Assinado: Eu.

Corta para o carro estacionado no meio-fio da *hacienda* espanhola com uma placa que diz CASA DISPONÍVEL, numa colina diante do Oceano Pacífico. Denver fala que eu e Brandy devemos ir para o andar de cima, enquanto ele mantém o corretor ocupado. Para acharmos a suíte principal, bastar ver onde fica a melhor vista. E ali estarão as melhores drogas.

Claro, Manus trabalhava como policial na Divisão de Narcóticos. Se você acha que é trabalho policial ficar rebolando nas moitas do parque Washington com uma sunga Speedo apertada, na esperança de que algum maníaco sexual solitário bote o pau para fora... então, claro, Manus era policial.

Porque beleza é poder, assim como dinheiro é poder ou uma arma carregada é poder. E Manus, com aquele queixo quadrado e aqueles maxilares fortes, poderia ser um pôster de recrutamento nazista.

Certa manhã encontrei Manus cortando a crosta de uma fatia de pão, quando ele ainda combatia o crime. Pão sem crosta me fazia lembrar a época em que eu era pequena. Foi muito agradável, porque achei que Manus estava fazendo uma torrada para mim. Então ele vai até o espelho do apartamento que partilhávamos, com sua Speedo branca, e me pergunta se eu gostaria de meter na bunda dele se por acaso eu fosse um cara gay. Depois ele colocou uma Speedo vermelha e perguntou de novo. Sabe como é, rechear mesmo o popozão dele? Sentar no mastro? Eu não gostaria de ter aquela manhã em vídeo.

— Preciso que meu cacete pareça grande, mas minha bunda pareça jovem. — Manus mete a fatia de pão na virilha, por dentro da Speedo. — Não se preocupe, é assim que os modelos de roupa íntima melhoram o visual. A gente ganha um inchaço suave e inofensivo dessa forma.

Depois ele se posta de lado diante do espelho e pergunta:

— Acha que eu preciso de outra fatia?

Ser detetive significava ficar rondando por ai, de sandálias e sunga vermelha para dar sorte, sempre que fazia tempo bom. Enquanto isso, dois detetives em trajes civis esperavam num carro estacionado ali perto que alguém mordesse a isca. Isso acontecia com mais frequência do que você imaginaria. Manus era um cavaleiro solitário em campanha para limpar o parque Washington. Como policial comum, ele jamais tivera tanto sucesso, e assim não se arriscava a levar um tiro.

Tudo parecia muito Bond, James Bond. Muito capa-e-espada. Muito espião versus espião. Manus estava ganhando um belo bronzeado. Além

disso, ele tinha desconto na academia de ginástica e na compra de novas Speedos.

Corta para o corretor de imóveis em Santa Bárbara apertando minha mão e repetindo meu nome, Daisy Saint Patience, várias vezes, como se faz para dar uma boa impressão, mas sem olhar para os meus véus. Ele só olha para Brandy e Denver.

Um grande prazer, tenho certeza.

A casa é exatamente o que se espera quando vista do lado de fora. Na sala de jantar há uma grande mesa arranhada sobre cavaletes, no estilo missionário, debaixo de um candelabro de ferro fundido no qual você poderia se balançar. Estendido sobre a mesa há um chalé espanhol franjado e bordado em prata.

Nós representamos uma personalidade televisiva que deseja permanecer no anonimato, informa Denver ao corretor. Somos uma equipe avançada, em busca de uma casa para essa celebridade anônima passar os fins de semana.

A srta. Alexander é perita em produtos tóxicos, ou seja, vapores e secreções letais que permeiam as casas.

— Carpetes novos exsudam formaldeídos venenosos mesmo dois anos depois de terem sido instalados — diz Denver.

— Eu conheço essa sensação — Brandy acrescenta.

Quando a virilha de Manus não estava levando homens para a perdição, ele próprio punha paletó, calça e colete para comparecer ao banco das testemunhas no tribunal. Lá, contava que o réu se aproximara dele sem qualquer pudor, masturbando-se ostensivamente, e pedira um cigarro.

— Como se alguém pudesse olhar para mim e achar que eu fumo — dizia Manus.

Não dava para saber qual dos vícios ele condenava mais.

Depois de Santa Bárbara, nós viajamos até San Francisco e vendemos o Fiat Spider. Fico o tempo todo escrevendo em guardanapos de coquetel: Talvez sua irmã esteja na próxima cidade; ela pode estar em qualquer lugar.

Na *hacienda* de Santa Bárbara, eu e Brandy encontramos benzedrina, dexedrina, velhos Quaaludes e Soma, e algumas cápsulas de Dialose que se revelaram suavizantes fecais. Além de um creme Solaquin Forte que se revelou um descolorante epidérmico.

Em San Francisco vendemos o Fiat e algumas drogas. Também compramos um grande *Guia de Referência para Médicos*, para não ficarmos roubando suavizantes fecais e descolorantes epidérmicos sem valor. Em San Francisco, todos os velhos estão vendendo suas mansões cheias de drogas e hormônios. Conseguimos Demerol e Darvocet-N, não aquele Darvocet-N 50 fracote. Brandy ficou se sentindo linda, enquanto eu tentava lhe aplicar uma overdose com grandes cápsulas de 100 miligramas de Darvocet.

Depois do Fiat, alugamos um grande conversível Seville. Aqui entre nós, nós éramos os jovens Zine:

Eu era Compa Zine.

Denver era Thora Zine.

Brandy, Stella Zine.

Foi em San Francisco que comecei a aplicar minha secreta terapia hormonal para destruir Denver.

A carreira policial de Manus começara a declinar quando o ritmo de prisões dele baixou para uma por dia, depois uma por semana, depois zero e depois continuou zerado. O problema era o sol, o bronzeado e o envelhecimento. Como ele já era uma isca conhecida, nenhum dos homens mais velhos que Manus já prendera chegava perto dele. E os mais jovens simplesmente achavam que ele era velho demais.

De modo que Manus passou a ousar. Suas Speedos foram ficando cada vez menores, o que também não criava uma boa aparência. Surgiu a pressão para que Manus fosse substituído por alguém mais novo. De modo que agora ele precisava começar uma conversa. Falar. Ser engraçado. Realmente se esforçar para conhecer parceiros. Desenvolver uma personalidade. Ainda assim, os homens mais jovens, os únicos que não fugiam quando viam Manus, não aceitavam quando ele sugeria uma caminhada de volta ao bosque, pelas moitas.

Até os jovens com mais tesão, que paqueravam todo mundo, diziam:

— Ah, não obrigado.

Ou:

— Só quero ficar sozinho agora.

Ou pior:

— Se não cair fora, bode velho, eu chamo a polícia.

Depois de San Francisco, San Jose e Sacramento, fomos para Reno, e Brandy transformou Denver Omelet em Chase Manhattan.

Ziguezagueávamos por toda parte onde eu achava que encontraríamos drogas suficientes. O dinheiro de Evie podia esperar.

Corta para Las Vegas, e Brandy transforma Chase Manhattan em Eberhard Faber. Fomos levando o Seville pelo coração de Las Vegas, vendo aqueles espasmos de néon, com a fila de luzes traseiras vermelhas numa direção, e a fila de luzes brancas dianteiras na direção oposta. Las Vegas parece o que o paraíso deve ser à noite. Nós nunca levantávamos a capota do Seville. Tínhamos o carro havia duas semanas e nunca levantamos a capota.

Passando de carro pelo coração de Las Vegas, Brandy sentava a bunda na tampa da mala e punha os pés no encosto do banco traseiro, usando um tubinho sem alças de brocado metálico, rosado feito o centro incendiado de um sinalizador rodoviário, com um corpete enfeitado de joias e uma longa capa de tafetá de seda destacável com mangas bufantes.

Ela tinha uma aparência tão bela que Las Vegas, apesar de todo encanto e fulgor, parecia apenas mais um acessório elegante de Brandy Alexander.

Brandy levanta os braços com compridas luvas cor-derosa, de ópera, e solta um uivo de prazer. Ela simplesmente se sente muito bem naquele momento. E a longa capa destacável de tafetá de seda com mangas bufantes se destaca.

E sai voando pelo tráfego de Las Vegas.

— Dê a volta no quarteirão — grita Brandy. — Aquela capa precisa estar de volta na Bullock pela manhã.

Depois que a carreira de detetive de Manus começou a degringolar, nós tínhamos de malhar na academia todo dia, duas vezes em alguns dias. Aeróbica, bronzeamento, nutrição, todas as estações da cruz. Ele era um fisiculturista, se o que isso significa é você se alimentar com Shakes tomados diretamente no liquidificador seis vezes por dia junto à pia da cozinha. Manus encomendou pelo correio umas roupas de natação que não estavam à venda no país: sungas fiodental com tecnologia de microfilamentos, que ele vestia assim que voltava da academia. Depois ficava me seguindo por toda parte, perguntando se eu não achava que a bunda dele parecia chata demais.

Se eu fosse um cara gay, acharia que ele precisava aparar os pelos púbicos? Se eu fosse um cara gay, pensaria que ele estava desesperado

demais? Distante demais? O tórax dele era grande o bastante? Ou grande demais?

— Eu odiaria que os caras me achassem só um bofâo, mais nada — dizia ele.

Ele parecia gay demais? Sabe como é, os gays só queriam caras que parecessem machos.

— Não quero que os caras me vejam como um bundão passivo — dizia Manus. — Não é como se eu fosse me abrir lá e deixar qualquer cara me enrabar.

Manus deixava um anel de pelos raspados e espuma de bronzeador na banheira, esperando que eu limpasse tudo.

Ao fundo, sempre pairava a ideia de voltar a missões em que você podia ser baleado por alguém, criminosos que nada tinham a perder se você morresse.

De vez em quando, Manus conseguia flagrar um turista velho que descobria acidentalmente o trecho de paquera no parque Washington, mas na maioria dos dias o delegado só mandava que ele começasse a treinar um substituto mais novo.

Na maior parte dos dias, Manus desencavava uma sunga fio-dental de tecido metalizado prateado, com listras de tigre, do emaranhado que era sua gaveta de cuecas, e forçava a bunda a entrar naquele pedaço de nada. Depois ele ficava se olhando no espelho: de lado, de frente e de costas. Então se despia e deixava a estampa de tigre esticada, morta ali na cama, até eu achar. lsso acontecia com listras de zebra, listras de tigre e manchas de leopardo. Depois de chita, pantera, puma e jaguatirica, até ele ficar sem tempo.

— São minhas sungas salva-vidas da sorte — ele me explicava. — Seja sincera.

E eu ainda vivia dizendo a mim mesma que isso era amor.

Seja sincera? Eu não saberia por onde começar. Andava tão sem prática.

Depois de Las Vegas nós alugamos uma dessas vans familiares. Eberhard Faber virou Hewlett Packard. Brandy usava um longo vestido de fustâo branco, com os lados abertos e uma grande fenda na saia, totalmente inadequado para todo o estado de Utah. Nós paramos e provamos a água do Grande Lago Salgado.

Isso simplesmente parecia ser a coisa que deveríamos fazer.

Eu vivia escrevendo na areia ou na poeira que cobria o carro;

talvez sua irmã esteja na próxima cidade.

venha cá, tome mais alguns Vicodins.

Quando deixou de atrair caras em busca de sexo, Manus passou a comprar revistas pornôs só com homens e frequentar boates gays.

— É pesquisa — ele explicava. — Você também pode ir, mas não fique muito perto de mim. Não quero passar uma imagem errada.

Em Butte, depois de Utah, Brandy transformou Hewlett Packard em Harper Collins. Lá em Montana nós alugamos um Ford Probe, e Harper foi dirigindo comigo aboletada no banco traseiro. De vez em quando ele informava:

— Estamos a 150 quilômetros por hora.

Brandy e eu dávamos de ombros.

Ultrapassar o limite de velocidade não parecia grande coisa na vastidão de Montana.

talvez sua irmã nem esteja nos estados unidos, eu escrevi com batom no espelho do banheiro num motel em Great Falls.

Então, para conservar o emprego de Manus, nós frequentãvamos os bares gays. Eu ficava sentada sozinha, dizendo a mim mesma que para os homens o lance da beleza era diferente. Manus flertava, dançava e mandava o pessoal do bar servir drinques a qualquer um que parecesse um desafio. Então sentava na banqueta ao meu lado e sussurrava com o canto da boca:

— Não acredito que ele está com aquele mané.

Meneava a cabeça de leve, só para que eu sacasse quem era o tal cara, e dizia disfarçadamente:

— Semana passada, ele nem me deu oi. Eu não servia para ele, e aquele louro de farmácia saído do lixo deve ser melhor? — Ele se curvava sobre o drinque e dizia: — Os caras têm a cabeça tão fodida.

E eu concordava feito uma pastel.

Falava para mim mesma que tudo estava bem. Qualquer relação em que eu me envolvesse passaria por essas turbulências.

Corta para Calgary, Alberta, onde Brandy comeu supositórios Nebalino embrulhados em papel dourado, pensando que eram bombons de amêndoa. Ela ficou tão injuriada que transformou Harper Collins em Addison Wesley. Brandy passou a maior parte do tempo em Calgary usando uma jaqueta de esqui branca toda acolchoada, com gola de pele falsa, e a parte inferior de

um biquíni branco Donna Karan. O aspecto era engraçado e vivaz. Nós nos sentíamos leves e populares.

As noites pediam um longo vestido, estilo casaco de listras pretas e brancas, que Brandy nunca conseguia manter abotoado até em cima, com calças quentes de lã preta por baixo. Addison Wesley virou Nash Rambler, e nós alugamos outro Cadillac.

Corta para Edmonton, Alberta, onde Nash Rambler já passara a ser Alfa Romeo. Brandy usava umas anáguas de quadrilha curtas, por cima de meias-calças justas enfiadas em botas de caubói. Além disso, tinha um bustiê de couro com ferretes de gado locais marcados a fogo no tecido.

No agradável bar de um hotel em Edmonton, Brandy comenta:

— Detesto perceber as juntas do copo de martini. Quer dizer, da para sentir a linha da forma. É uma coisa tão vagabunda.

Todos os caras dão em cima dela. Parecem refletores. Eu me lembro desse tipo de atenção. Naquela região toda, Brandy nunca precisou pagar por suas bebidas, nem uma única vez.

Corta para Manus perdendo o cargo de agente independente em regime especial na Divisão de Detetives do Departamento de Polícia Metropolitana. O problema é que ele nunca conseguiu superar essa perda.

O dinheiro de Manus estava acabando. Ele já não tinha uma poupança muito gorda, para começar. E depois os pássaros comeram meu rosto.

O que eu não sabia era que Evie Cottrell, cheia de terra texana e grana petrolífera, ficava naquela mansão solitária falando que tinha um serviço a ser feito para Manus. Ele e sua compulsão de provar que conseguia mijar em todas as árvores. Esse tipo de poder espelho, espelho meu. O resto você já sabe.

Corta para nós na estrada, depois do hospital e das irmãs Reia. Eu continuo enfiando os hormônios, as cápsulas de Proveta, Climara e Premarin, dentro do que Manus come e bebe. Uísque e estradiol. Vodca e estradiol etinil. Era tão fácil que dava até medo. Ele passava o tempo todo lançando olhares compridos para Brandy.

Todos nós estávamos fugindo de alguma coisa. Vaginoplastia. Envelhecimento. O futuro.

Corta para Los Angeles.

Corta para Spokane.

Corta para Boise, San Diego e Phoenix.

Corta para Vancouver, Colúmbia Britânica, onde bancamos expatriados italianos, falando inglês como segunda língua até não haver mais uma língua nativa entre nós.

— Você tem seios de uma mulher jovem — disse Alfa Romeo para a corretora de uma casa que esqueci qual era.

De Vancouver nós voltamos para os Estados Unidos, com os nomes de Brandy, Seth e Bubba-Joan, graças à boca muito profissional da Princesa Princesa. Durante todo o percurso para Seattle, Brandy leu para nós a história de uma mocinha judia, com uma misteriosa doença muscular, que se transformou em Rona Barrett.

Todos nós vistoriando mansões, surrupiando drogas, alugando carros, comprando roupas e devolvendo roupas.

— Conte para nós uma história pessoal nojenta — pede Brandy no caminho para Seattle. Ela passa todo o tempo mandando em mim. E está *tão perto* da própria morte.

Pode se rasgar inteira.

Conte história da minha vida antes que eu morra.

Depois se costure outra vez.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Corta de volta para uma sessão de fotos de moda num matadouro onde porcos inteiros, já sem as entranhas, passam pendurados em fila numa esteira rolante. Eu e Evie usamos vestidos festivos Bibo Kelley, feitos com aço inoxidável, enquando a esteira vai avançando atrás de nós, a cerca de cem porcos por hora.

— O que aconteceu depois que o seu irmão foi mutilado? — pergunta Evie.

O fotógrafo olha para o fotômetro e declara:

— Não dá. De jeito maneira.

— Meninas, essas carcaças estão brilhando demais — comunica o diretor de arte.

Cada porco que passa parece grande feito uma árvore oca, todo vermelho e reluzente por dentro. A pele de fora parece lisa e bonita, pois os pelos acabam de ser queimados com um maçarico. A comparação faz com que eu me sinta toda cheia de pelos e preciso relembrar quando foi minha última depilação.

— Seu irmão? — insiste Evie.

Começo a relembrar: sexta-feira, quinta-feira, quarta-feira, terça-feira...

— Como ele passou de mutilado a morto? — insiste Evie.

Os porcos continuam passando tão depressa que o diretor de arte não consegue diminuir o brilho. E de espantar como esses porcos conseguem manter a pele tão bonita. Os fazendeiros devem estar passando protetor solar neles ou alguma coisa parecida. Provavelmente, penso eu, já faz um mês que não fico tão lisa assim. E do jeito que alguns salões de beleza usam os novos depiladores a laser, mesmo com o gel refrescante, bem que poderiam usar um maçarico.

— Ei, garota espacial — diz Evie para mim. — Telefone para casa.

A refrigeração do matadouro e' forte demais para se usar um vesúdo de aço inoxidável. Uns sujeitos com jalecos brancos e botas de salto baixo injetam vapor superaquecido nas entranhas dos porcos. Eu aceitaria trocar de emprego com eles. Aceitaria até trocar de emprego com os porcos.

Para Evie, eu respondo:

— Os policiais não engoliram a história do spray de cabelo. Achavam que meu pai tinha arrebentado a cara do Shane. Ou que minha mãe tinha

posto o spray na lata de lixo. Falaram que era caso de “negligência”.

— Que tal reagruparmos e iluminarmos as carcaças por trás? — sugere o fotógrafo.

— Quando a fila andar, o efeito estroboscópico vai ser forte demais — atesta o diretor de arte.

— Por que os policiais pensariam isso? — pergunta Evie.

— Não sei — digo. — Alguém ficou dando telefonemas anônimos para eles.

— Podemos fazer a esteira rolante parar? — quer saber o fotógrafo.

— Só se fizermos as pessoas pararem de comer carne — diz o diretor de arte.

Ainda faltam horas para um intervalo de verdade, e Evie indaga:

— Alguém mentiu para a polícia?

Os sujeitos dos porcos estão olhando para nós, e alguns são bem bonitos. Eles riem, alisando depressa as mangueiras de vapor, negras e brilhantes. Mostrando a língua para nós. Flertando.

— E então o Shane fugiu – conto para Evie. — Foi só isso. Alguns anos depois, meus pais receberam um telefonema, informando que ele tinha morrido.

Vamos recuando cada vez mais, até quase encostar nos porcos que passam, ainda quentes. O piso parece realmente gorduroso, e Evie começa a me contar uma ideia que tem para uma refilmagem de Cinderela: os passarinhos e bichinhos, em vez de costurarem o vestido para a Gata Borralheira, fazem cirurgia plástica nela. Os azulões fazem um lifting no rosto dela. Os esquilos fazem implantes. As cobras, lipoaspiração. Além disso, no início da história Cinderela é um garotinho solitário.

— Pela atenção que meu irmão recebeu, aposto que ele próprio colocou aquela lata de spray de cabelo no fogo — confesso para Evie.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Corta para uma ocasião em que eu e Brandy fomos fazer compras na rua principal de uma cidade pequena em Idaho. Há uma filial da Sears, um restaurante e uma padaria de pão dormido. Nosso sr. White Westinghouse foi à imobiliária buscar um corretor. Nós entramos numa loja de vestidos de segunda mão. Ao lado fica a tal padaria que vende o pão da véspera com desconto, e Brandy conta que seu pai sempre fazia uma jogada com os porcos antes de ir ao mercado. Ele alimentava os bichos com caminhões inteiros de sobremesas vencidas, compradas naquele tipo de padaria.

Através do ar límpido, a luz do sol chega até nós. Há ursos e montanhas a uma caminhada de distância.

Brandy olha para mim por cima de uma arara de vestidos de segunda mão, dizendo:

— Você já ouviu falar nesse tipo de golpe com os porcos, querida?

O pai dela também dava o golpe das batatas com chaminé de fogão. Você abre um saco de aniagem e enfia uma chaminé de fogão lá dentro. Em volta da chaminé, só põe batatas grandes colhidas naquele ano. E dentro do cano põe batatas colhidas no ano anterior. São batatas moles, machucadas, cortadas e podres, mas não podem ser vistas pelas pessoas através do tecido. Depois você puxa o cano para fora e costura bem a boca do saco, para que nada lá dentro possa mudar de lugar. E vai vender o produto na beira da estrada ajudado pelos filhos. Mesmo a um preço baixo, você ainda ganha dinheiro.

Naquele dia em Idaho nós tínhamos um Ford. Era marrom, por dentro e por fora.

Brandy vai separando os cabides, enquanto examina cada vestido na arara.

— Você já ouviu falar de uma coisa mais traiçoeira em toda a sua vida?

Corta para eu e Brandy numa loja de segunda mão na mesma rua principal, atrás de uma cortina, apertadas num provador do tamanho de uma cabine telefônica. A maior parte do aperto é causada por um vestido de baile que Brandy precisa da minha ajuda para vestir. Um vestido no estilo de Grace Kelly, com a assinatura de Charles James por toda parte. Tem anteparos,

recheios e uma armação toda reforçada, dentro de uma pele de organza matizada em rosa e veludine azul-gelo.

Brandy conta que esses vestidos inacreditáveis são vestidos de baile feitos por encomenda: têm saias bufantes e corpetes tomara-que-caia, golas em forma de ferradura e ombreiras proeminentes, cinturas apertadas, barbatanas de armação. Mas esses vestidos de noite mecanizados nunca duram muito. Há uma tensão, um empurra e puxa de cetim e crepe da China tentando controlar barbatanas de arame ali dentro, uma batalha de tecido contra metal. E essa tensão arrebenta o vestido. Conforme a parte visível envelhece, ou seja, o tecido vai ficando fraco, a parte interna começa a forçar e abrir caminho para fora.

A Princesa Princesa comenta:

— Vou precisar de pelo menos três cápsulas de Darvon para caber neste vestido.

Ela abre a mão, e eu atendo o pedido.

Brandy conta que seu pai costumava moer carne de vaca com gelo picado para encher o produto de água antes de vender. Ele moía a carne com o que se chama de ração de touro para encher o produto de cereal.

— Ele não era mau sujeito — diz ela. — Só seguia as regras um pouco demais.

Não as regras sobre justiça e honestidade, mas as regras de proteção da família contra a pobreza e a doença.

Brandy conta que às vezes seu pai entrava no quarto se esgueirando enquanto ela dormia.

Não quero ouvir isso. A dieta à base de Proveta e Darvon tem tido como efeito colateral esse tipo de bulimia emocional, impedindo Brandy de guardar qualquer segredo nojento. Eu aperto meus véus sobre as orelhas. *Obrigada por não compartilhar*.

— As vezes, meu pai sentava na minha cama e me acordava — diz ela.

Nosso pai.

O vestido de baile ressuscita glorioso nos ombros de Brandy, trazido de volta à Vida: é maior que a vida ou que um conto de fadas, impossível de ser usado em qualquer lugar nos últimos Cinquenta anos. Um ziper grosso como minha espinha sobe pelo lado até o sovaco de Brandy. As laterais do corpete apertam a cintura, fazendo o corpo dela quase explodir em cima: os seios, os braços nus e o pescoço comprido. A saia tem camadas de tule e

seda em tom amarelo pálido. Os bordados a ouro e as pérolas miúdas são em número tão grande que tornariam excessiva qualquer outra joia.

— É um vestido maravilhoso — diz Brandy. — Mas machuca, mesmo com as drogas.

As pontas quebradas do arame se projetam em torno do pescoço e espetam a cintura. Os cantos e bordas cortantes das barbatanas de plástico incomodam. A seda é quente, o tule, áspero. A respiração de Brandy já desperta o aço e o celuloide escondidos dentro do tecido. Basta que ela esteja viva para que os dois comecem a morder e a mastigar a pele dela.

Corta para as noites em que o pai de Brandy costumava dizer: “Depressa, vista-se e acorde sua irmã.”

Eu.

“Peguem os casacos e subam na traseira da picape”, ele ordenava.

E nós obedeciamos. Isso era depois que os canais de televisão tinham tocado o Hino Nacional e saído do ar, depois de terminados os noticiários do dia. Só nós estávamos na estrada. Nossos pais iam na cabine da picape, e nós na traseira: Brandy e sua irmã, enroscados de lado sobre o assoalho corrugado da carroceria do veículo, ouvindo de perto o rangido das molas e o zumbido dos eixos. Os buracos na estrada faziam nossas cabeças baterem com força no assoalho da carroceria. Mantínhamos as mãos apertadas sobre o rosto para não respirar a serragem e o esterco seco que esvoaçavam ali dentro. Com os olhos bem fechados para evitar a sujeira. Não sabíamos para onde íamos, mas tentávamos imaginar. Uma curva à direita, depois uma à esquerda, depois uma longa reta indo não sabíamos a que velocidade, e depois outra curva à direita que nos fazia rolar sobre o lado esquerdo. Não sabíamos quanto tempo duraria aquilo. Era impossível dormir.

Usando o vestido em frangalhos e permanecendo imóvel, Brandy diz:

— Você sabe, eu precisei me virar desde que fiz 16 anos.

Cada vez que respira, mesmo com arqueios entrecortados devido à overdose de Darvon, Brandy faz uma careta dolorida.

— Houve um acidente quando eu tinha 15 anos, e no hospital a polícia acusou meu pai de abusar de mim. A coisa não parava. Eu simplesmente não podia contar coisa alguma a eles, porque não havia o que contar. — Ela inspirou e fez uma careta dolorida. — Eram entrevistas, aconselhamento e terapia de intervenção... a coisa simplesmente não parava.

A picape diminuía a marcha e saía do asfalto, sacolejando sobre o cascalho ou a terra do acostamento. Depois de estremecer e chocalhar um pouco mais, o veículo parava.

Isto é para mostrar como nós éramos pobres.

Ainda na carroceria da picape, nós dois tirávamos as mãos do rosto. Tínhamos parado. A poeira e o esterco iam assentando. Quando o pai de Brandy arriava a porta traseira do veículo, nós víamos que estávamos numa estrada de terra ao longo de uma imponente muralha entrecortada, composta por vagões descarrilhados para lá e para cá. Os vagões fechados estavam arrebentados e abertos. Os vagões-plataforma estavam tombados, com a carga de toras ou caibros espalhada. Os vagões-tanque estavam amassados, vazando. Os vagões de carvão ou de lenha estavam embarcados, ao lado de pilhas negras ou douradas. Havia um forte cheiro de amônia. Um cheiro agradável de cedro. O sol acabara de sumir no horizonte, e a luz que chegava até nós parecia vir de um mundo subterrâneo.

Havia madeira para carregar na picape. Caixas de pudim de caramelo instantâneo. Caixas de papel para datilografia, papel higiênico, baterias AA, pasta de dentes, pêssegos enlatados e livros. Havia estilhaços de vidro, brilhando feito diamantes e em volta dos vagões-gôndola derrubadas: lá dentro, os carros novos em folha pareciam destruídos, com os pneus pretos e limpos virados para cima.

Brandy levanta a linha do decote do vestido e dá uma espiadela no adesivo de Estraderm que tem em um de seus seios. Ela tira a etiqueta de outro adesivo, que cola no outro seio. Depois dá um arqueio lancinante e faz outra careta dolorida.

— Toda a confusão da investigação por abuso infantil morreu três meses depois — Brandy prossegue. — Um dia eu estou saindo do ginásio, depois do treino de basquete, e um sujeito se aproxima. Ele fala que é policial e que aquilo é uma entrevista confidencial de acompanhamento.

Brandy respira e faz uma careta dolorida. Levanta a borda do decote de novo e tira um adesivo de metadona do meio dos seios. Arranca metade do troço com os dentes e coloca a outra metade entre os seios outra vez.

O provador é quente e pequeno demais para nós duas, junto com o enorme projeto de engenharia civil que é aquele vestido.

— Darvon, depressa, por favor. — Brandy estala os dedos.

Eu estendo outra cápsula vermelha e rosa, que ela engole a seco.

— O cara me convida a entrar no carro para conversar. Só para conversar. Ele pergunta se existe algo que eu gostaria de contar, mas que talvez tivesse tido medo de falar para o pessoal do serviço infantil — Brandy me conta.

O vestido está se rompendo. A seda se abre em cada costura, e o tule cai para fora.

— Eu digo para o cara, esse tal detetive: “Não.” E ele fala: “Bom.” Depois fala que gosta de garotos que sabem guardar segredos.

Num acidente ferroviário, você podia recolher até dois mil lápis de uma vez. Lâmpadas ainda perfeitas, sem filamentos chacoalhando lá dentro. Moldes de chaves às centenas. Mas a picape só podia levar uma determinada carga, e já então outros veículos haviam chegado. Havia gente com pás, carregando grãos nos assentos traseiros dos carros. Havia gente observando nossas pilhas exageradas, enquanto decidíamos o que era mais necessário, dez mil cordões de sapato ou mil frascos de sal de aipo. Não precisávamos das quinhentas correias de ventilador, todas do mesmo tamanho, mas eram coisas que podíamos revender, como também as pilhas AA. Já as caixas de margarina não poderiam ser usadas antes de se estragar, como também as trezentas latas de spray de cabelo.

— O policial põe a mão em mim, bem em cima da perna do meu calção, e fala que nós não precisamos reabrir o caso.

— Cada um dos arames do vestido de Brandy está se levantando da seda amarela apertada. — Nós não precisamos causar mais problemas para minha família. O tal detetive fala que a polícia quer prender meu pai por suspeitas. Mas ele pode evitar que isso aconteça. Só depende de mim.

Brandy respira, e o vestido vai se esfrangalhando. Cada vez que respira, ela vai se desnudando em mais lugares.

— Como eu podia saber? Eu só tinha 15 anos e era idiota.

Nos cem buracos abertos, a pele desnuda se revela.

Lá no acidente ferroviário, meu pai falou que a segurança chegaria a qualquer minuto.

Interpretei isso assim: nós ficaremos ricos. Viveremos em segurança. Mas o que ele realmente queria dizer era que precisávamos nos apressar ou seríamos pegos e perderíamos tudo.

É claro que eu me lembro.

— O policial era jovem, com 21 ou 22 anos. Não era um velho nojento. Não foi horrível, mas não foi amor — Brandy confessa.

Com mais partes do vestido em frangalhos, o esqueleto vai se soltando em diversos lugares.

— O principal é que aquilo me causou uma confusão que durou muito tempo — diz Brandy.

Foi assim que eu cresci, com esse tipo de acidentes ferroviários. Minha única sobremesa, desde os seis até os nove anos, foi pudim de caramelo. Acontece que eu odeio caramelo. Até a cor. Especialmente a cor. Mas também o gosto e o cheiro.

Conheci Manus quando tinha 18 anos. Um cara bonitão veio até a porta da casa dos meus pais e perguntou se nós já tínhamos tido notícias do meu irmão depois que ele fugira.

O cara era um pouco mais velho que eu, mas não chegava a ser de outra faixa etária. Vinte e cinco anos, no máximo. Ele me deu um cartão que dizia: “Manus Kelley — agente independente em regime especial da Divisão de Narcóticos.” A única outra coisa que notei foi que ele não usava aliança.

— Sabe, você parece muito com seu irmão. — Ele me lançou um sorriso espetacular. — Qual é o seu nome?

— Antes de voltarmos para o carro, preciso lhe contar uma coisa sobre o seu amigo, White Westinghouse — diz Brandy.

Anteriormente Chase Manhattan, anteriormente Nash Rambler, anteriormente Denver Omelet, anteriormente Manus Kelley, agente independente em regime especial. Faço o dever de casa: Manus tem trinta anos de idade, e Brandy, 24. Quando Brandy tinha 16, eu tinha 15. Quando Brandy tinha 16, talvez Manus já fizesse parte das nossas vidas.

Eu não quero ouvir isso.

Aquele vestido lindíssimo, antigo e perfeito, desapareceu. A seda e o tule deslizaram, caíram e ficaram amontoados no chão do provador. O arame e as barbatanas se quebraram e se espalharam ao nosso redor, deixando apenas algumas marcas vermelhas que já esmaeciam na pele de Brandy, que ficou parada perto demais de mim, só com a roupa de baixo.

— É engraçado, mas essa não foi a primeira vez que destruí o lindo vestido de alguém. — Um grande olho purpúreo pisca para mim.

Ela está tão perto que sinto sua respiração e o calor da sua pele.

— Na noite em que fugi de casa, queimei praticamente até a última peça de roupa que a família pusera para secar no varal — Brandy me conta.

Brandy sabe quem sou, ou então não sabe. Ou ela está abrindo o coração ou está me provocando. Caso saiba, ela pode estar mentindo sobre Manus. Caso não saiba, então o homem que amo é um predador sexual nojento e pirado.

Ou Manus ou Brandy: um dos dois está mentindo descaradamente para mim. Para mim que aqui sou um modelo de virtude e sinceridade. Manus ou Brandy: não sei qual dos dois devo odiar.

Eu e Manus ou eu e Brandy. Não foi horrível, mas não foi amor.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Tinha de haver um meio melhor de matar Brandy. Para me libertar. Uma conclusão rápida e definitiva. Algum tipo de fogo cruzado que não me atingisse. Evie me odeia a esta altura. Brandy está igual a mim antigamente. Manus continua tão apaixonado por Brandy que iria atrás dela para qualquer lugar, mesmo sem saber direito por quê. Eu só precisaria colocar Brandy na alça de mira do fuzil de Evie.

Papo de banheiro.

O paletó de Brandy, com sua pequena cintura higiênica e mangas três-quartos muito descoladas, ainda está dobrado sobre a bancada em tom de água-marinha ao lado da grande pia em formato de concha de molusco. Eu pego o paletó, e meu suvenir do futuro cai do bolso. É um cartão postal de céus límpidos e ensolarados, no dia da inauguração da Agulha Espacial, em 1962. Dá para olhar pelas janelas em forma de escotilha do banheiro e ver o que o futuro virou. Invadido por góticos de sandálias, que amolecem lentilhas na água em casa, o futuro que eu queria desapareceu. O futuro que me fora prometido. Tudo que eu esperava. Os resultados que estavam planejados. Felicidade, paz, amor e conforto.

Quando foi que o futuro, escreveu Ellis certa vez nas costas de um cartão-postal, *deixou de ser uma promessa e virou uma ameaça*.?

Eu meto o cartão-postal entre as brochuras de vaginoplastia e os panfletos de labioplastia já enfiados nas páginas do livro de Miss Rona. Na capa há uma fotografia do rosto dela tirada por satélite, a Louraça Furacão que estava prestes a decolar da Costa Oeste. A loura está coberta de pérolas e talvez diamantes, reluzindo aqui e ali.

Ela parece muito alegre. Eu recoloco o livro no bolso do paletó de Brandy. Apanho os cosméticos e as drogas pelas bancadas, guardando tudo. O sol já está atravessando as janelas em forma de escotilha num ângulo muito baixo, e o correio vai fechar daqui a pouco. Ainda é preciso pegar o dinheiro do seguro de Evie. Pelo menos meio milhão de dólares, calculo eu. Não sei o que se pode fazer com tanto dinheiro, mas tenho certeza de que vou descobrir.

Brandy caiu num forte estado de emergência capilar, de modo que dou uma sacudida nela.

Seus olhos purpúreos cintilam, piscam, cintilam, se apertam.

Seu cabelo ficou completamente achatado na nuca.

Brandy ergue o corpo sobre o cotovelo e diz:

— Você sabe... como eu vivo me drogando... não tem problema lhe contar uma coisa...

Ela olha para mim, que estou curvada, oferecendo a mão para que ela se levante. Depois prossegue:

— Preciso contar isso, mas eu amo você de verdade. Não sei dizer como você encara isso, mas quero que nós sejamos uma família.

Meu irmão quer se casar comigo.

Eu dou a mão a Brandy para que ela se levante. Ela se apoia em mim e na borda da bancada.

— Mas não seria uma coisa de irmãs. Ainda me restam alguns dias para completar o Treino de Vida Real.

Roubar drogas, vender drogas, comprar roupas, alugar carros de luxo, devolver roupas, encomendar drinques batidos no liquidificador... de jeito algum eu chamaria isso de Vida Real.

Cheias de anéis, as mãos de Brandy se abrem totalmente em flor, alisando o tecido da saia no seu colo.

— Eu ainda tenho todo o meu equipamento original — ela informa.

As mãos enormes continuam alisando as virilhas, enquanto Brandy vira de lado para o espelho e examina o próprio perfil.

— Ia ser cortado depois de um ano, mas então eu conheci você. Passei semanas de malas prontas no Hotel Congress, na esperança de que você fosse me salvar. — Ela se vira para examinar o outro lado no espelho. — Eu amava você tanto que achei... talvez não seja tarde demais?

Brandy passa brilho no lábio superior e depois no inferior. Ela seca a boca num lenço de papel e deixa cair um grande beijo azulado na privada em forma de concha de caracol.

— Você tem ideia de como dar a descarga nesta coisa? — Ela pergunta com os lábios novos.

Eu passei horas sentada naquele vaso, mas não descobri como dar a descarga. Saio para o corredor, para que Brandy precise me seguir, se quiser continuar tagarelando comigo.

Ela tropeça na porta do banheiro, onde o azulejo encontra o carpete do corredor. O salto do seu sapato está quebrado. A meia desfiou onde esfregou no umbral da porta. Brandy se agarrou ao cabide da toalha para se equilibrar e lascou o esmalte da unha.

— Que se foda! — diz a reluzente rainha anal da perfeição.

Vindo atrás de mim, a Princesa Princesa berra:

— Não é que eu queira mesmo virar mulher. Espere! Só estou fazendo isso porque é simplesmente o maior erro que consegui imaginar. E estúpido e destrutivo. Qualquer um a quem você perguntar vai lhe falar que eu estou errada. É por isso que preciso ir até o final.

— Você não percebe? — ela continua. — Nós somos treinados para levar a vida do modo certo. *A não cometer erros*. Então calculei que, quanto maior o erro parecesse, mais chances eu teria de romper com tudo e levar uma vida real.

Como Cristóvão Colombo, navegando rumo ao desastre no fim do mundo.

Como Fleming e seu pão mofado.

— Nossas verdadeiras descobertas vêm do caos — Brandy grita. — Vêm da nossa ida a lugares que parecem errados, estúpidos e tolos.

Com a voz imperial ecoando por toda a casa, ela prossegue:

— Não se afaste de mim quando eu gastar um minuto me explicando!

Seu exemplo é o de uma mulher que escala uma montanha; não há motivo racional para uma escalada tão difícil, e para algumas pessoas isso é uma loucura idiota, uma desventura, um erro. A alpinista pode passar fome e congelar, ficará dias exausta e dolorida, seguindo o percurso até o alto. E talvez seja transformada por isso, mas só tem sua história para mostrar como resultado.

Ainda no umbral do banheiro, olhando para o esmalte de unha lascado, Brandy diz:

— Eu estou cometendo o mesmo erro, só que piorado. A dor, o dinheiro, o tempo e a rejeição dos meus antigos amigos serão iguais, mas, no final minha história será meu corpo todo.

Uma cirurgia de realocação sexual é um milagre para algumas pessoas, mas, para quem não quer isso, é a forma máxima de automutilação.

— Não que seja ruim ser mulher ela explica. Poderia ser maravilhoso, *se eu quisesse ser mulher*. A questão é que ser mulher é a última coisa que eu quero. É simplesmente o maior erro que eu poderia pensar em cometer.

E, portanto, é o caminho para a maior descoberta.

Isso acontece porque estamos muito presos à nossa cultura, a sermos seres humanos neste planeta com o cérebro que temos, além dos mesmos dois braços e das mesmas duas pernas que todo mundo tem. Estamos tão presos que qualquer meio imaginável de escapar da armadilha só pode ser

mais uma parte dessa armadilha. Tudo que queremos fomos treinados a querer.

— Minha primeira ideia foi amputar um braço e uma perna, do lado esquerdo ou direito. — Ela olha para mim e dá de ombros. — Mas nenhum cirurgião concordou em me ajudar. Pensei em pegar AIDS como experiência, mas todo mundo já tinha AIDS, e eu pareceria um carneiro seguindo o rebanho. Foi isso que as irmãs Reia contaram à minha família biológica, tenho certeza. Ás vezes aquelas putas são muito possessivas.

Brandy tira da bolsa um par de luvas brancas, daquele tipo que tem um botão branco de pérola na parte de dentro do pulso. Mete cada uma das mãos numa luva e abotoa as duas. O branco não é uma boa escolha cromática. De branco, suas mãos parecem ter sido transplantadas de um gigantesco camundongo de histórias em quadrinhos.

— Depois pensei em mudar de sexo, fazendo uma cirurgia de realocação sexual — diz Brandy. — As Reias pensam que estão me usando, mas na realidade eu é que uso o dinheiro das três, deixando que pensem que me controlam e que isso tudo foi ideia delas.

Ela levanta o pé para examinar o salto quebrado e suspira. Depois abaixa para tirar o outro sapato.

— Nada disso foi ideia das irmãs Reia. Não foi. Simplesmente era o maior erro que eu poderia cometer. O maior desafio que eu poderia propor a mim mesma.

Brandy arranca o salto do sapato bom, deixando os pés dentro de duas feias plataformas chatas.

— Você precisa se jogar no desastre com os dois pés. — Ela lança os saltos quebrados no lixo do banheiro. — Eu não sou macho e não sou gay. Também não sou bissexual. Só quero fugir dos rótulos. Não quero minha vida toda comprimida numa só palavra. Uma história. Quero encontrar alguma coisa mais, impossível de conhecer, algum lugar para estar que não esteja no mapa. Uma aventura de verdade.

Uma esfinge. Um mistério. Um vazio. Desconhecido. Indefinido. Incognoscível. Indefinível. Foram essas palavras que Brandy usou para me descrever nos meus véus. Não se tratava apenas de uma história que vai indo, indo, indo, indo até você morrer.

— Quando conheci você, eu senti inveja. Cobicei seu rosto. Pensei que esse seu rosto precisaria de mais coragem do que qualquer operação de

mudança de sexo. Isso lhe dará descobertas maiores. Tornará você mais forte do que eu jamais poderia ser.

Em total confusão, começo a descer a escada, seguida por Brandy com suas plataformas chatas. Nós chegamos ao saguão, e pelas portas da sala de visitas conseguimos ouvir a profunda voz alongada de Parker, grunhindo repetidamente:

— Isso mesmo. Continue fazendo isso.

Eu e Brandy paramos do lado de fora da sala por um momento, catando os fiapos de pano e de papel higiênico uma na outra. Afofo o cabelo achatado na nuca dela. Brandy puxa a meia-calça para cima um pouco e alisa a frente do paletó.

Seu cartão-postal e seu livro estão metidos no paletó. Seu piru está metido na meia-calça. Mas não dá para perceber coisa alguma.

Quando abrimos as portas duplas da sala de visitas, lá estão Parker e Ellis. Parker tem a calça arriada até os joelhos, com a peluda bunda nua erguida no ar. O restante de sua nudez está enfiado na cara de Ellis. Ellis Island, anteriormente Manus Kelley, agente independente em regime especial na Divisão de Narcóticos.

— Ah, isso. Continue fazendo isso. É tão bom.

Ellis está ganhando nota dez no serviço. Com as mãos em torno das poderosas nádegas nuas de Parker, aquelas nádegas de jogador de futebol com bolsa de estudo, o garoto-propaganda nazista puxa tudo que pode engolir para dentro do queixo quadrado. Ellis chega a grunhir e engasgar nesse retorno após uma aposentadoria forçada.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Na posta-restante, o sujeito que pediu para ver minha identidade precisou aceitar minha palavra. Minha foto na carteira de motorista podia muito bem ser a de Brandy. Precisei rabiscar vários pedaços de papel para explicar minha aparência atual. Durante todo o tempo que passei no correio, fiquei olhando de soslaio para ver se sou a garota da capa no quadro de avisos das pessoas mais procuradas pelo FBI.

Quase meio milhão de dólares significa uma caixa de 12 quilos com notas de dez e vinte. Além disso, junto com o dinheiro vem um bilhete cor-de-rosa de Evie, falando blablablá, vou matá-la se puser os olhos em você de novo. E eu não poderia ficar mais feliz.

Antes que Brandy possa ver quem é a destinatária, eu arranco a etiqueta. Geralmente os números telefônicos das modelos não constam do catálogo, de modo que eu nunca parecia estar nas cidades que Brandy visitava. Eu não estava em parte alguma.

E agora nós estamos voltando de carro para a casa de Evie. Para o destino de Brandy. Durante todo o percurso de volta, eu e Ellis escrevemos postais do futuro, lançando os cartões pelas janelas do carro enquanto rumamos para o sul na Rodovia Interestadual 5 a dois quilômetros e meio por minuto. Chegando cinco quilômetros mais perto de Evie e de seu fuzil a cada dois minutos. Cento e cinquenta quilômetros mais perto do destino a cada hora.

Ellis escreve: *Seu nascimento é um erro que você passará a vida inteira tentando corrigir.*

O vidro elétrico da limusine Lincoln zumbe, abaixando cerca de um centímetro, e Ellis lança o cartão-postal nos ares da Interestadual 5.

Escrevo: *Você passa a vida inteira se tornando Deus, e então morre.*

Ellis escreve: *Quando você não compartilha seus problemas, detesta ouvir os problemas dos outros.*

Escrevo: *Tudo que Deus faz é nos observar e nos matar quando ficamos chatos. Nunca devemos ficar chatos.*

Corta para nós, lendo a seção de imóveis do jornal, à procura de mansões postas para vender ou alugar. Sempre fazemos isso numa cidade nova. Sentamos na mesa da calçada de um café agradável e ficamos bebendo cappuccino com gotas de chocolate. Vamos lendo o jornal, e então Brandy

telefona para os corretores para saber quais casas disponíveis ainda abrigam moradores.

Nós nos registramos num hotel bacana e tiramos uma soneca. Depois de meia-noite, Brandy me acorda com um beijo. Ela e Ellis vão sair para vender o estoque que pegamos em Seattle. Provavelmente estão trepando. Não ligo.

— E a srta. Alexander não telefonará para as irmãs Reia enquanto estiver na cidade — diz Brandy. — Não vai mais fazer isso, pois decidiu que a única vagina que vale a pena ter é do tipo que você mesma compra.

Ellis está parado no umbral da porta que dá para o corredor do hotel. Parece tanto um super-herói que eu desejo que ele se meta na minha cama e me salve. Desde Seattle, porém, ele virou meu irmão. E você não pode se apaixonar pelo seu irmão.

— Você quer o controle remoto da tevê? — pergunta Brandy, ligando a televisão. Lá está Evie, apavorada e desesperada com aquele enorme penteado em arco-íris abrangendo todas as nuanças de louro. Evelyn Cottrell, Inc., o plágio preferido de todo o mundo, cambaleia pela plateia do estúdio com aquele vestido de lantejoulas, pedindo que as pessoas comam seus subprodutos de carne.

Brandy muda de canal.

Brandy muda de canal.

Brandy muda de canal.

Evie está em toda parte depois da meia-noite, oferecendo o que tem numa bandeja de prata. Os membros da plateia ignoram a presença dela e ficam assistindo a si mesmos no monitor, presos no circuito contínuo de assistir a si mesmos, como fazemos toda vez que olhamos para um espelho tentando descobrir que pessoa é aquela.

É um circuito sem fim. Eu e Evie fizemos aquele infomercial. Como pude ser tão burra? Estamos completamente aprisionados em nós mesmos.

A câmera para nela, e quase consigo ouvir Evie dizer, me amem.

Me amem, me amem, me amem, me amem, me amem, me amem, me amem, serei quem vocês quiserem que eu seja. Me usem. Me mudem. Posso ser magra com peitões e cabelão. Me desmontem. Me transformem em qualquer coisa, mas me amem.

Corta de volta para a sessão de fotos que eu e Evie fizemos em um ferro-velho, um matadouro ou uma casa funerária. Porque nós íamos a qualquer

lugar, só para ficar bem por contraste. O que percebo é que no geral o que odeio em Evie é o fato de ela ser tão vaidosa, burra e carente. Já o que odeio acima de tudo, porém, é ela ser igual a mim. Na verdade, eu me odeio, de modo que odeio quase todo mundo.

Corta para o dia seguinte, em que atacamos algumas casas: uma mansão, uns dois palácios e um castelo cheio de drogas. Por volta de três horas, encontramos uma corretora na sala de jantar senhorial de uma mansão em West Hills. Em volta de nós esvoaçam banqueteiros e floristas. A mesa da sala de jantar está coberta de prataria, cristais, aparelhos de chá, samovares, candelabros e taças. Uma secretária social de paletó xadrez, parecendo um espantalho cafona, desembrulha os presentes de prata e cristal, enquanto faz anotações em um livreto vermelho.

Uma procissão constante de arranjadores de flores gira em torno de nós, com baldes de íris, rosas e afins. A mansão parece adocicada pelo cheiro das flores, além de saborosa, devido ao cheiro de salgadinhos e cogumelos recheados.

Não é o nosso estilo. Brandy olha para mim. Há gente demais ali.

Mas a corretora já está ali, sorridente. Numa voz arrastada e monótona feito o horizonte do Texas, ela se apresenta como a sra. Leonard Cottrell. E está muito contente em nos conhecer.

A tal Cottrell pega Brandy pelo cotovelo e sai passeando pelo imponente andar térreo, enquanto decido se luto ou fujo.

Quero terror.

Flash.

Quero pânico.

Flash.

A mulher deve ser a mãe de Evie, ah, você sabe que é. E esta deve ser a nova casa de Evie. Eu fico imaginando como foi que viemos parar aqui. Por que hoje? Quais são as probabilidades?

Enquanto vamos passando pela secretária de roupa xadrez e por todos os presentes matrimoniais, a corretora Cottrell diz:

— Esta é a casa de minha filha. Mas ela passa quase todo seu tempo na seção de mobília da Brumbach, no centro da cidade. Até agora nós toleramos essas pequenas obsessões, mas já chega e vamos fazer com que ela se case com um panaca qualquer.

Ela inclina o corpo para perto e prossegue:

— Foi mais difícil do que se poderia imaginar tentar fazer com que ela sossegasse. Minha filha incendiou completamente a última casa que compramos para ela, sabiam?

Ao lado da secretária há uma pilha de convites matrimoniais gravados a ouro. São os pedidos de desculpas. Lamentamos, mas não vamos poder comparecer.

Parece haver muitos pedidos de desculpas. Mas são convites de qualidade, gravados a ouro e com bõrdas rasgadas a mão: um cartão de três dobras, contendo uma violeta desidratada. Eu roubo um dos pedidos de desculpas e corro para alcançar a corretora Cottrell, Brandy e Ellis.

— Não, há gente demais aqui — retruca Brandy. — Nós não poderíamos examinar a casa nestas condições.

— Aqui entre nós — confessa a corretora Cottrell —, o maior casamento do mundo vale o que custar se pudermos despejar Evie no colo de um pobre coitado.

— Nós não queremos tomar seu tempo — desculpa-se Brandy.

— Mas há um subgrupo de "homens" que gostam de suas "mulheres" tal como Evie é agora — diz a tal de Cottrell.

— Nós realmente precisamos ir embora — Brandy insiste.

E Ellis pergunta:

— Homens que gostam de mulheres loucas?

— Ora, nossos corações quase se partiram no dia em que Evan chegou para nós, aos 16 anos de idade, e falou: "Mamãe e papai, eu quero ser mulher" — conta a sra. Cottrell. — Mas nós resolvemos pagar. Uma dedução de impostos é uma dedução de impostos. Evan nos falou que queria ser uma modelo de fama mundial. Ele passou a se chamar de Evie, e no dia seguinte eu cancelei a assinatura que tinha da Vogue. Achei que a revista já tinha causado dano suficiente à minha família.

— Ora, meus parabéns. — Brandy começa a me puxar em direção à porta de saída.

— *Evie era homem*.? — Ellis quer saber.

Evie era homem. E eu simplesmente preciso me sentar. Evie era homem. E eu vi as cicatrizes dos seus implantes. Evie era homem. E eu vi seu corpo nu nos provadores das lojas.

Quero uma total revisão de última hora na minha vida adulta.

Flash.

Quero qualquer coisa na porra deste mundo que seja exatamente o que parece!

Flash.

A mãe de Evie olha atentamente para Brandy e diz:

— Você já posou como modelo alguma vez? Parece muito com uma amiga do meu filho.

— Da sua filha — rosna Brandy.

E eu manuseio o convite que roubei. O casamento unindo a srta. Evelyn Cottrell ao sr. Allen Skinner acontecerá no dia seguinte. Às 11 da manhã, de acordo com os dizeres do convite. A cerimônia será seguida por uma recepção na casa da noiva.

A ser seguida por um incêndio doméstico.

A ser seguido por um assassinato.

Traje formal.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O vestido em que eu envolvo a bunda no casamento de Evie parece mais apertado do que minha pele. Pode ser descrito como apertado até os ossos. É uma estampa barata do Sudário de Turim, quase todo marrom e branco, mas pregueado e cortado para fazer os brilhantes botões vermelhos abotoarem através dos estigmas. Também estou usando metros e metros de luvas de seda preta enrolados nos braços. Meus saltos são tão altos que fazem o nariz sangrar. Eu enrolo meio quilômetro de tule preto cravejado de lantejoulas em torno das minhas cicatrizes, sobre a brilhosa torta de cereja que já foi meu rosto. Enrolo tudo muito apertado, até só os meus olhos ficarem de fora. É uma aparência sinistra e mórbida. Dá a sensação de que estamos um pouco descontroladas.

Agora é preciso mais esforço do que antes para odiar Evie. Toda a minha vida está se afastando de qualquer razão para esse ódio. Está se afastando da própria razão. É preciso uma xícara de café e uma cápsula de Dexedrina para que eu me sinta, ainda que vagamente, puta da vida com qualquer coisa.

Já Brandy usa o paletó barato Bob Mackie, uma saia balonê, um sei-lá-o-quê grande e um pouco-me-importa fino e estreito. Também usa um chapéu, pois, afinal, trata-se de um casamento. Nos pés, ela meteu uns sapatos feitos com a pele de algum animal. Os acessórios incluem joias: pedras arrancadas da terra, polidas e lapidadas para refletir a luz, engastadas em ligas de ouro e cobre, peso atômico, derretidas e marteladas. Tudo isso exige uma trabalheira. Tudo isso significa Brandy Alexander.

Ellis usa um jaquetão preto com uma única fenda nas costas. Seu aspecto é o que você imaginaria ter se fosse homem e estivesse morto num caixão. Isto não é problema para mim, pois Ellis já deixou de ter qualquer papel na minha vida.

Ele anda se pavoneando, pois provou que consegue seduzir algo em todas as categorias. Não chegou a virar o Rei da Cidade dos Viados por pagar aquele boquete para Parker, mas agora tem Evie no bolso, e talvez já tenha se afastado por tempo suficiente para voltar à ativa, recuperando a antiga ronda no parque Washington.

Portanto, nós pegamos o convite de casamento gravado a ouro que roubei. Brandy e Ellis tomam um Percodan cada um. E nós vamos para a recepção matrimonial de Evie.

Corta para as 11 horas da manhã na mansão senhorial da amalucada Evie Cottrell em West Hills: a pistoleira Evie acaba de virar a sra. Evelyn Cottrell Skinner. Como se eu ainda ligasse a esta altura. Ah, isto é tão deslumbrante. Evie poderia ser o bolo de casamento: camada após camada de faixas e flores se erguem em torno de sua grande saia balonê. Vão subindo até a cintura apertadíssima, e depois seus grandes seios texanos se projetam no alto do corpete sem alças. Ali há tanto corpo para ser enfeitado que mais parece um shopping center no Natal. As flores de seda se amontoam de um lado da cintura. Também há flores de seda nas orelhas, ancorando um véu lançado para trás do cabelo louro sobre louro cheio de laquê. A garota desfila com a saia balonê e os dois melões texanos empinados, parecendo montada num carro alegórico.

Cheia de interações entre champanhe e Percodan, Brandy fica olhando para mim.

E eu me espanto por nunca ter percebido que Evie era homem. Uma loura grandalhona, como ela é aqui, mas com um daqueles sacos escrotais feios e cheios de rugas, você sabe.

Ellis está se escondendo de Evie, tentando ver se poderá incluir o novo marido dela no seu currículo como agente em regime especial na Divisão de Narcóticos. Do ponto de vista de Ellis, esta história prova que ele ainda é uma isca capaz de flagrar qualquer homem depois de uma longa luta. Qualquer um aqui se acha o centro da história toda. Decididamente, isso se aplica a todas as pessoas no mundo.

Ah, e isso já passou da fase de lamento, mamãe, ou lamento, Deus. A esta altura, eu já não lamento por coisa alguma ou por qualquer pessoa.

Não, na realidade todo mundo aqui está louco para ser cremado.

Corta para o andar de cima. Na suíte principal, o enxoval de Evie está pronto para ser colocado nas malas. Desta vez eu trouxe meus próprios fósforos e toco fogo na borda rasgada à mão do convite gravado a ouro. Depois passo o convite pela colcha, pelo enxoval e pelas cortinas. É o mais doce dos momentos: o fogo assume o controle, e você não é mais responsável por coisa alguma.

No banheiro de Evie, pego um vidro grande de Chanel Nº 5, um vidro grande de Joy e um vidro grande de White Shoulders. Vou espalhando o perfume de um milhão de flores de carros alegóricos por todo o quarto de dormir.

O infernal fogo matrimonial de Evie segue a trilha de flores embebidas em álcool e me obriga a ir para o corredor. É isso que eu amo no fogo: as chamas poderiam me matar tão rapidamente como qualquer outra pessoa. O fogo não tem como saber que sou sua mãe. É lindo e poderoso. Está além de sentir qualquer coisa por qualquer pessoa, e é isso que eu amo no fogo.

Você não consegue mais conter os acontecimentos. Não tem mais controle. O fogo nas roupas de Evie só aumenta a cada segundo, e agora o enredo avança sem precisar ser empurrado por ninguém.

E desço. Degrau por degrau. A garota fashion invisível. Para variar, o que está acontecendo é o que eu quero. Melhor ainda do que eu esperava. Ninguém notou.

Nosso mundo está indo velozmente na direção do futuro. As flores, os pufes estofados, os convidados do casamento, o quarteto de cordas, todos nós estamos indo juntos no planeta Brandy Alexander. Lá está a princesa no saguão, pensando que continua no comando.

A sensação é de supremo e máximo controle sobre tudo. Corta para o dia em que todos nós estaremos mortos, e nada disso terá a menor importância. Corta para o dia em que outra casa ocupará este lugar e os moradores não saberão o que aconteceu.

— Você foi para onde? — pergunta Brandy.

Para o futuro imediato, eu falaria a ela.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Corta para eu e Brandy: não conseguimos encontrar Ellis em lugar algum. Evie e seus parentes texanos também não conseguem encontrar o noivo. Todo mundo fica dando risadas nervosas, querendo saber qual dama de honra fugiu com ele. Rá, rá.

Eu puxo Brandy na direção da porta, mas ela resiste. Ellis e o noivo sumidos... uma centena de texanos bebendo para valer... aquela noiva ridícula travestida para casar... tudo parece divertido demais para que Brandy simplesmente vá embora.

Corta para Evie vestida de carro alegórico, saindo da copa de punhos fechados, com o véu e a cabeleira esvoaçando atrás da cabeça. Ela vem gritando que encontrou seu novo marido, um viadão que adora chupar cu, de quatro no chão da despensa, levando na bunda do antigo namorado de todo mundo.

Ah, Ellis.

Eu me lembro de todas aquelas revistas pornôs, e todos os detalhes de sexo anal, oral, lambidas no ânus, *fisting*, *fucking* e *felchíng*. Você pode ir parar no hospital tentando pagar um boquete em si mesmo.

Ah, isto é deslumbrante.

Claro que a resposta de Evie para tudo é erguer a saia balonê e subir correndo para buscar o fuzil. Só que o quarto dela já virou uma muralha de chamas, perfumada por Chanel Nº 5, que ela precisa cruzar com o carro alegórico. Todo mundo já está discando 911 no celular para pedir socorro. Ninguém se dá ao trabalho de ir à despensa para examinar a cena. O pessoal não quer saber o que pode estar acontecendo ali dentro.

Vá entender: os texanos parecem ficar muito mais à vontade com pavorosos incêndios domésticos do que com sexo anal.

Eu me lembro dos meus pais. Coprô e esportes aquáticos. Sadomasoquismo.

Esperando que Evie morra queimada, todos renovam seus drinques e ficam parados no saguão ao pé da escada. Lá dentro da despensa, dá para ouvir umas palmadas fortes, daquele tipo doloroso, em que você cospe na mão antes.

Ser socialmente inadequado que é, Brandy começa a rir.

— Isso vai ser uma bagunça muito divertida — diz ela pelo canto da boca azulada. — Pus um punhado de Bilax, aquele laxante intestinal, no

último drinque de Ellis.

Ah, Ellis.

Com tudo que está acontecendo, Brandy poderia ter escapado se não houvesse começado a rir.

Porque nesse exato momento Evie surge da muralha de chamas no alto da escadaria com um fuzil nas mãos. O vestido de noiva foi chamuscado até a armação, as flores de seda do cabelo foram queimadas até o esqueleto de arame, e toda a cabeleira loura foi vaporizada. Ela começa a descer devagar... degrau-pausa-degrau... com o fuzil apontado diretamente para Brandy Alexander.

Todo mundo olha para o alto da escadaria, vendo Evie, que tem apenas arame, cinzas, suor e fuligem sobre o luxuriante corpo transexual em forma de ampulheta. Todos observamos Evelyn Cottrell em seu momento mais transcendental, e Evie urra:

— Você!

Sobre o cano do fuzil apontado, ela urra para Brandy Alexander:

— Você fez comigo isso de novo. Outro incêndio!

Degrau-pausa-degrau.

— Eu achava que éramos as melhores amigas. Claro, é verdade, eu dormi com o seu namorado, *mas quem não dormiu*? — diz Evie com o fuzil e tudo o mais.

Degrau-pausa-degrau.

— Para você, simplesmente não basta ser a melhor e a mais linda — Evie continua. — A maioria das pessoas, se tivesse a sua beleza, passaria o resto da vida só curtindo.

Degrau-pausa-degrau.

— Mas você não. Você precisa destruir todo mundo.

As chamas do segundo andar vão se aproximando do papel de parede do saguão, fazendo os convidados agarrarem os agasalhos e as bolsas. Todos se lançam lá para fora com a prataria e a louça, dadas como presentes de casamento.

Dá para ouvir o som de palmadas na bunda lá na despensa.

— Será que dá para fazer silêncio? — berra Evie. Ela vira outra vez para Brandy.

— Talvez eu passe alguns anos na prisão, mas você vai chegar ao inferno bem antes de mim.

Dá para ouvir o fuzil sendo engatilhado.

O fogo vai descendo pouco a pouco pelas paredes.

— Ah, Deus, sim, Jesus Cristo — grita Ellis. — Ah, Deus, estou gozando!

Brandy para de rir. Maior e mais bonita do que nunca, parecendo uma rainha contrariada e desgostosa, como se tudo isto fosse uma grande piada, ela levanta a mão gigantesca e olha para o relógio.

Estou prestes a virar filha única.

Eu podia parar tudo neste momento. Podia arrancar o véu, contar a verdade e salvar vidas. Eu sou eu. Brandy é inocente. Esta é a minha segunda chance. Anos atrás, eu poderia ter aberto a janela do meu quarto e deixado Shane entrar. Poderia não ter telefonado para a polícia tantas vezes para sugerir que o caso de Shane não havia sido um acidente. O que me impede é a histéria de Shane ter queimado minhas roupas. A mutilação fez Shane se tornar o centro das atenções. E se eu arrancar o véu agora, serei simplesmente um monstro: uma vítima mutilada e imperfeita. Serei reduzida à minha aparência. Somente a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade. Sendo a honestidade a coisa mais tediosa no planeta Brandy Alexander.

E Evie mira.

— Sim! — berra Ellis lá da despensa. — Sim, faz isso, garotão! Dá tudo para mim! Atira em mim!

Evie estreita o olho, mirando ao longo do cano.

— Agora! — grita Ellis. — Atira bem na minha boca!

Brandy sorri.

Eu não me mexo.

E Evie dá um tiro bem no coração de Brandy Alexander.

CAPÍTULO TRINTA

— Minha vida — diz Brandy. — Eu estou morrendo e deveria estar vendo minha vida toda.

Ninguém está morrendo aqui. Quero negação.

Evie disparou a carga, largou o fuzil e saiu da casa.

A polícia e os paramédicos estão vindo. O restante dos convidados está lá fora, brigando por causa dos presentes de casamento: quem deu o quê e quem agora tem o direito de levar o presente de volta. Tudo é uma bagunça bem divertida.

Brandy Alexander está quase toda coberta de sangue e insiste:

— Quero ver a minha vida.

Em um aposento dos fundos, Ellis diz:

— Você tem o direito de permanecer em silêncio.

Corta para mim largando a mão de Brandy. Com a mão avermelhada e quente devido a elementos patogênicos sanguíneos, eu escrevo no papel de parede em chamas:

Seu Nome É Shane McFarland.

Você Nasceu Há Vinte E Quatro Anos.

Você Tem Uma Irmã Um Ano Mais Nova.

O fogo já está lambendo a linha de cima.

Você Pegou Gonorreia De Um Agente Independente Em Regime Especial Na Divisão De Narcóticos E Foi Expulso De Casa Pela Sua Família.

Você Conheceu Três Travestis Que Lhe Pagaram Para Iniciar Uma Troca De Sexo Porque Você Não Conseguia Imaginar Nada Que Quisesse Menos.

O fogo já está consumindo minha segunda linha.

Você Me Encontrou.

Eu Sou Sua Irmã, Shannon McFarland.

Vou escrevendo a verdade em sangue poucos minutos antes que o fogo devore tudo.

Você Me Amou Porque Mesmo Sem Me Reconhecer Sabia Que Eu Era Sua Irmã. Em Algum Nível, Você Percebeu Imediatamente E Me Amou.

Nós viajamos por todo o Oeste e crescemos juntas de novo.

Eu odeio você desde que me entendo por gente.

E *Você Não Vai Morrer.*

Eu poderia ter salvo você.

E você não vai morrer.

O fogo e meu texto já estão correndo pescoço a pescoço.

Corta para Brandy semiexangue no chão: a maior parte do sangue foi usada por mim para escrever. Brandy estreita os olhos para ler, enquanto o fogo vai comendo toda nossa história familiar, linha por linha. A linha *E Você Não Vai Morrer* está quase ao nível do chão, bem perto do rosto de Brandy.

— Shannon, minha querida, minha doçura, eu sabia de tudo isso — diz ela. — Foi coisa da srta. Evie. Ela me contou que você estava no hospital. E falou do seu acidente.

Basta apenas uma mão de modelo e eu estou pronta. E que coisa mais grosseira!

— Agora me conte tudo — diz Brandy.

Escrevo: *Há Oito Meses Venho Alimentando Ellis Island Com Hormônios Femininos.*

Brandy ri, cuspindo sangue.

— Eu também!

Como eu posso deixar de rir?

— Agora, depressa, antes que eu morra... o que mais? — pede Brandy.

Eu escrevo: *Todo Mundo Só Amou Você Ainda Mais Depois do Acidente Com O Spray De Cabelo.*

E:

E Eu Não Fiz Aquela Lata de Spray Explodir:

— Eu sei. Eu fiz. Eu sofria tanto por ser uma criança média normal. Queria algo que me salvasse. Queria o oposto de um milagre.

Em algum outro aposento, Ellis proclama:

— Tudo que você disser poderá ser usado contra você num tribunal.

No rodapé, escrevo:

A Verdade É Que Eu Mesma Atirei No Meu Rosto.

Não há mais espaço para escrever, não há mais sangue com que escrever, e nada mais a dizer.

— Você mesma atirou no seu rosto? — Brandy quer saber.

Balanço a cabeça.

— Isso eu não sabia — diz Brandy.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Corta para esta ocasião, que nada tem de especial: só Brandy quase morta no chão, e eu ajoelhada junto dela com as mãos cobertas pelo sangue festivo da princesa Alexander.

— Evie! — grita Brandy.

A cabeça chamuscada de Evie aparece de volta na porta da frente e ela diz:

— Brandy, querida, este foi o melhor desastre que você já conseguiu produzir.

Depois ela corre e me beija com aquele nojento batom derretido.

— Shannon, nem sei como lhe agradecer por ter apimentado a entediante vida caseira que eu levava antes.

— Você pode fingir qualquer coisa, srta. Evie, mas simplesmente não acertou na parte da minha roupa que era à prova de balas, garota — Brandy revela.

Corta para a verdade. Sou a idiota aqui.

Corta para a verdade. Dei um tiro em mim mesma.

Deixei Evie pensar que fora Manus, e Manus pensar que fora Evie. Provavelmente foram as suspeitas que um tinha do outro que levaram à separação dos dois. E que levaram Evie a manter em casa um fuzil carregado, caso Manus fosse atrás dela. Esse mesmo medo fez Manus trazer um facão de açougueiro na noite em que veio confrontar Evie.

A verdade é que ninguém aqui é tão estúpido e malvado quanto dei a entender. Exceto eu mesma. A verdade é que no dia do acidente eu peguei a estrada e saí da cidade. Com a janela do motorista um pouco abaixada, saltei do carro e atirei no vidro. já voltando para a cidade, peguei a pista de saída que leva ao Hospital La Paloma Memorial, na avenida Growden.

A verdade é que eu estava viciada em ser bonita, e isso é algo que não dá para largar facilmente. Sendo viciada em toda aquela atenção, eu precisava abandonar a coisa de uma só tacada. Poderia raspar a cabeça, mas o cabelo cresce de novo. E mesmo careca eu ainda poderia manter um bom aspecto. Careca, poderia até atrair mais atenção. Havia a opção de engordar ou beber descontroladamente para arruinar minha aparência, mas eu queria enfeiar e também conservar minha saúde. As rugas e o envelhecimento

pareciam distantes demais. Tinha de haver uma maneira de enfeiar instantaneamente. Eu precisava lidar com minha aparência de modo rápido e permanente, para não ficar tentada a voltar atrás.

Você sabe como as garotas feias e corcundas são vistas, mas elas têm muita sorte. Nunca são arrastadas para noitadas, de modo que sempre conseguem terminar suas teses de doutorado. Não ouvem gritos dos fotógrafos da moda se aparecem com pelos encravados em biquínis supercavados. Você olha para vítimas de queimaduras e pensa: quanto tempo elas economizam diante do espelho, deixando de procurar manchas de pele por excesso de sol.

Eu queria a certeza permanente de ficar mutilada. Tal como uma garota aleijada, deformada e desfigurada por defeito congênito pode dirigir o carro com os vidros abaixados, sem se preocupar com o efeito do vento no seu cabelo. Era esse tipo de liberdade que eu buscava.

Eu estava cansada de ser uma forma de vida inferior simplesmente por causa da beleza. De viver à custa da minha aparência. De trapacear. De nunca conseguir realizar algo verdadeiro, mas receber atenção e reconhecimento mesmo assim. Eu me sentia presa num gueto de beleza. Estereotipada. Com a minha motivação roubada.

Neste aspecto, Shane, nós somos muito parecidos: irmão e irmã. Esse é o maior erro que eu consegui imaginar como uma salvação. Eu queria renunciar à ideia de que tinha qualquer controle. Sacudir as coisas. Ser salva pelo caos. Para ver se eu poderia aguentar, eu queria me forçar a crescer de novo. Explodir minha zona de conforto.

Reduzi a velocidade para pegar a pista de saída, parei no acostamento, que eles chamam de pista de defeito. Eu me lembro de ter pensado: Que coincidência. Lembro de ter pensado: Isso vai ser tão emocionante. Minha transformação. Minha vida estava prestes a começar outra vez. Desta vez eu poderia ser uma grande neurocirurgiã. Ou uma artista. Ninguém ligaria para a minha beleza. As pessoas simplesmente veriam minha arte. O que eu fazia, e não minha aparência, e todos me amariam.

Por último, pensei: Pelo menos estarei crescendo de novo, mudando, adaptando, evoluindo. Serei desafiada fisicamente.

Eu mal podia esperar. Peguei a arma no porta-luvas. Vesti uma luva para evitar marcas de pólvora e estiquei o braço para fora da janela quebrada. A meio metro de distâncra, nem mirei direito a arma. Poderia ter me matado, mas, naquele instante, a ideia não parecia tão trágica.

Minha transformação faria piercings, tatuagens e escarificações parecerem insignificantes. Essas pequenas revoltas contra a moda dominante são tão seguras que logo se tornam modismos. São tentativas débeis feito tigres de papel de rejeitar a beleza, mas terminam reforçando o que querem rejeitar.

Lembro que o tiro me deu a sensação de um golpe forte. A bala. Levei um minuto sem conseguir focalizar a vista, mas depois vi sangue, catarro, baba e dentes por todo o assento do carona. Precisei abrir a porta do carro para pegar a arma que eu deixara cair fora da janela. Entrar em choque ajudou. A arma e a luva estão num bueiro anti-enchentes no estacionamento do hospital. Joguei tudo lá, caso alguém queira uma prova.

Depois vieram a morfina intravenosa, as diminutas tesouras cirúrgicas que cortaram meu vestido fora, o tapasexo e as fotos da perícia. Os pássaros comeram meu rosto. jamais alguém suspeitou da verdade.

A verdade é que entrei parcialmente em pânico depois disso. Deixei que todo mundo pensasse coisas erradas. O futuro não é um bom lugar para recomeçar a mentir e trapacear. Nada disso é culpa de alguém, só minha. Fugi porque simplesmente ter o queixo reconstruído me deixou tentada a reverter tudo e voltar a jogar o jogo da beleza. Agora todo o meu novo futuro continua lá fora esperando por mim.

A verdade é que ser feia não é tão emocionante quanto se pensa, mas pode ser uma oportunidade para algo melhor do que eu jamais imaginara.

A verdade é que eu me arrependi.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Corta para a sala de emergência do Hospital La Paloma. A morfina intravenosa. As pequenas tesouras cirúrgicas cortam fora o conjunto de Brandy. Azul e frio, o infeliz pênis do meu irmão surge diante de todo mundo. A polícia tira fotografias, enquanto a Irmã Katherine berra:

— Tirem as fotos! Tirem as fotos logo! Ele ainda está perdendo sangue!

Corta para a cirurgia. Corta para o pós-operatório. Corta para mim, puxando a Irmã Katherine para o lado. A pequena Irmã Katherine abraça meus joelhos com tanta força que eu quase desabo no chão. Ela olha para mim. Nós duas estamos manchadas de sangue, e peço a ela por escrito:

por favor.

faça essa coisa especial para mim. por favor. se você realmente quer me fazer feliz.

Corta para Evie, instalada ao estilo de um programa de entrevistas sob as quentes luminárias da loja Brumbach, no centro da cidade, papeando com a mãe, Manus e seu novo marido. Ela conta que conheceu Brandy anos antes de todos nós, em um grupo de apoio a transexuais. Fala que todo mundo precisa de um grande desastre de vez em quando.

Corta para o futuro próximo, no dia em que Manus ganhará seus seios.

Corta para mim, ajoelhada ao lado da cama do meu irmão no hospital. Shane está tão pálido que nem dá para saber onde termina a camisola azul-clara do hospital e onde começa a pele dele. Esse é o meu irmão: magro, pálido, com braços finos, peito de pombo e cabelo acobreado achatado sobre a testa. É dessa pessoa que eu me lembro: nós crescemos juntos. Reunindo pequenos galhos e ossos de passarinho. Este é o Shane que eu esquecera. O Shane anterior ao acidente com o spray de cabelo. Eu não sei por que esqueci, mas Shane sempre parecera tão infeliz.

Corta para nossos país à noite, projetando filmes caseiros na parede branca da nossa casa. As janelas de vinte anos antes perfeitamente alinhadas com as de agora. O gramado alinhado com o gramado. Meu fantasma e o de Shane, como criancinhas felizes correndo juntas por ali.

Corta para as irmãs Reia amontoadas em torno do leito hospitalar, com rede sobre as perucas e máscara cirúrgica no rosto. As Reias estão usando aqueles conjuntos baratos em tom verde pálido, com broches falsos da duquesa de Windesor espetados nos conjuntos: leopardos cintilando com manchas feitas de diamantes e topázios. Beija-flores com corpos de esmeralda.

Só quero que Shane seja feliz. Estou cansada de ser eu mesma, esse eu odioso.

Quero liberdade.

Estou cansada desse mundo de aparências. De porcos que só parecem ser gordos. Famílias que parecem ser felizes.

Quero libertação.

Do que só parece ser generosidade. O que só parece ser amor.

Flash.

Eu não quero mais ser eu mesma. Quero ser feliz, e quero Brandy Alexander de volta. Este é o primeiro beco sem saída verdadeiro que eu encontro na minha vida. Não há mais lugar algum para ir, não do jeito que eu sou agora, a pessoa que sou. Este é o meu primeiro começo verdadeiro.

Enquanto meu irmão dorme, as irmãs Reia se amontoam em volta dele, enfeitando Shane com pequenos presentes. Vão enevoando Shane com L'Air du Temps, como se ele fosse uma samambaia de Boston.

Brincos novos. Um novo lenço Hermés em torno da cabeça dele.

Elas colocam cosméticos perfeitamente enfileirados em uma bandeja cirúrgica suspensa junto à cama. Sofonda ergue a mão com a palma para cima e diz:

— Umidificador!

Batendo com o tubo na palma da mão de Sofonda, Kitty Litter repete:

— Umidificador.

Sofonda estende a mão e declara:

— Corretivo!

Vivienne bate com outro tubo na palma dela e repete:

— Corretivo!

Shane, sei que você não pode ouvir, mas tudo bem: eu não posso falar.

Delicadamente, Sofonda usa uma pequena esponja para espalhar o corretivo nas bolsas escuras abaixo dos olhos de Shane. Vivienne espeta um alfinete de brilhantes na camisola hospitalar dele.

Miss Rona salvou a sua vida, Shane. Dentro do bolso do seu paletó, o livro amorteceu tanto a bala que só os peitos explodiram. Não passou de um ferimento na carne. Na carne e no silicone.

Floristas chegam com arranjos de íris, rosas e gerânios.

O seu silicone se rompeu, Shane. A bala estourou o silicone, de modo que eles precisaram extrair tudo. Agora você pode ter os seios do tamanho que quiser. As irmãs Reia já declararam isso.

— Base! — Sofonda pede, aplicando o cosmético na linha do cabelo de Shane.

— Lápis de sobrancelha! — diz ela, com o suor porejando na testa.

Kitty passa o lápis de sobrancelha, repetindo:

— Lápis de sobrancelha.

— Corretivo em mim! — exclama Sofonda.

E Vivienne enxuga a testa dela com uma esponja.

— Delineador! — diz Sofonda.

E preciso ir, Shane, enquanto você ainda está dormindo. Mas quero lhe dar algo. Quero lhe dar vida. Esta é minha terceira chance e não quero falhar. Eu poderia ter aberto a janela do meu quarto. Poderia ter impedido Evie de atirar em você. A verdade é que não fiz isso, de modo que estou lhe dando *minha* vida porque não quero mais viver assim.

Meto minha bolsa debaixo da grande mão de Shane, cheia de anéis. O tamanho das mãos de um homem é a única coisa que um cirurgião plástico não pode mudar, percebe? A única coisa que sempre denunciará uma garota como Brandy Alexander. Simplesmente não há meio de esconder essas mãos.

Aí estão todos os meus documentos, minha certidão de nascimento, tudo meu. Você pode ser Shannon McFarland de agora em diante. Com minha carreira. Meus noventa graus de atenção. Tudo isso é seu. Todo o mundo. Eu espero que baste para você. É tudo que me restou.

— Base cor da pele! — pede Sofonda, e Vivienne lhe entrega o tom mais claro da sombra de olhos Sonhos Purpúreos.

— Cor de pálpebra! — diz Sofonda, e Kitty lhe entrega o próximo tom de sombra.

— Cor de contorno! — declara Sofonda, e Kitty entrega a ela o tom mais escuro.

Shane, você volta para minha carreira. Faça Sofonda conseguir para você um contrato de primeira linha, sem essa merda de desfilar em

benefício de instituições de caridade. Você agora é a Shannon McFarland, caralho! Vai direto para o topo da carreira. Daqui a um ano eu quero ligar a tevé e ver você, nua, bebendo uma bebida dietética em câmera lenta. Faça com que Sofonda consiga para você bons contratos de âmbito nacional.

Seja famosa. Seja uma grande experiência social, conseguindo o que você não quer. Descubra valor naquilo que lhe ensinaram não valer nada. Descubra o bem naquilo que o mundo diz ser o mal. Estou lhe dando minha vida porque quero que o mundo inteiro conheça você. Eu queria que o mundo inteiro abraçasse o que odeia.

Descubra aquilo que você mais teme e vá viver lá.

— Ondulador de pestana! — diz Sofonda, encrespando as pestanas adormecidas de Shane.

— Rímel! — ela pede, passando o cosmético nas pestanas.

— Exótico — comenta Kitty.

E Sofonda diz:

— Ainda não chegamos lá.

Shane, estou lhe dando minha vida, minha carteira de motorista e meus antigos boletins escolares porque você se parece mais comigo do que eu mesma me lembro de parecer. Porque estou cansada de odiar, de embonecar e de contar a mim mesma velhas histórias que jamais foram verdadeiras, para começar. Estou cansada de sempre ser eu, eu, eu, em primeiro lugar.

Espelho, espelho meu.

E, por favor, não venha atrás de mim. Seja o novo centro das atenções. Seja um grande sucesso, seja linda, amada e tudo o mais que eu quis ser. já superei isso. Eu só quero ser invisível. Talvez vire dançarina do ventre, com meus véus. Talvez vire freira e vá trabalhar num leprosário, onde ninguém é completo. Ou uma goleira de hóquei no gelo, usando uma máscara. Os grandes parques de diversões só contratam mulheres para usar aquelas fantasias de personagens de desenhos animados, pois ninguém quer se arriscar a ter seus filhos abraçados por um tarado. Talvez eu vire um grande camundongo de desenho animado. Ou um cachorro. Ou um pato. Eu não sei, mas tenho certeza de que vou descobrir. Não há como escapar do destino, que sempre vai em frente. Dia e noite, o futuro simplesmente continua vindo ao nosso encontro.

Acaricio a mão pálida de Shane.

Estou lhe dando minha vida para provar a mim mesma que realmente posso amar alguém. Mesmo quando não sou paga para isso, posso dar amor,

felicidade e encanto. Aguento a comida de bebê, o mutismo, a falta de lar e a invisibilidade, mas preciso saber que posso amar alguém, percebe?

De forma completa, total e permanente, sem esperança de recompensa, só como um ato de vontade, eu amarei alguém.

Eu me inclino, como se pudesse beijar o rosto do meu irmão.

Deixo minha bolsa e qualquer ideia de quem sou enfiadas na mão de Shane. E deixo atrás de mim a história de que eu já fui bonita assim, que poderia entrar com um vestido justo numa sala e faria todo mundo se virar para mim. Um milhão de repórteres tirariam minha foto. E deixo para trás a ideia de que valia a pena tudo que eu fazia para conseguir essa atenção.

Eu preciso de uma história nova.

O que as irmãs Reia fizeram por Brandy Alexander.

O que Brandy vem fazendo por mim.

E que eu preciso aprender a fazer por mim mesma. Escrever minha própria história.

Que meu irmão seja Shannon McFarland.

Já não preciso mais desse tipo de atenção.

— Lápis de boca! — pede Sofonda.

— Brilho labial! — diz ela.

— Temos uma virgem! — ela conclui.

E Vivienne se inclina com um lenço de papel para enxugar o queixo azulado de Shane.

A Irmã Katherine me traz o que eu pedi, por favor: são as fotos em papel brilhante, oito por dez, de mim mesma no lençol branco. Não são boas nem más, feias ou bonitas. Apenas mostram minha aparência. A verdade. Meu futuro. Apenas a realidade normal. Tiro os véus, a musselina e as rendas, para que Shane encontre tudo a seus pés.

Eu não preciso das fotos neste momento, nem no próximo e nem no seguinte. Nunca mais.

Sofonda fixa a maquiagem com pó, e então Shane morre Magro, pálido, franzino e infeliz, meu irmão morre.

As irmãs Reia tiram vagarosamente as máscaras cirúrgicas.

— Brandy Alexander, rainha suprema — diz Kitty.

— Garota qualidade total — acrescenta Vivienne.

— Para todo o sempre, e isso basta — declara Sofonda.

De forma completa, total e permanente, sem esperança, para todo o sempre, amo Brandy Alexander.

E isso basta.

Chuck Palahniuk

Nasceu nos Estados Unidos, em 1961. Seu livro Clube da luta foi adaptado para o cinema pelo diretor David Fincher. Ele vive em Portland, Oregon. Do autor, a Rocco publicou Cantiga de ninar, No sufoco, Diário e Assombro.